

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARIANE ROSA EMERENCIANO DA SILVA**

**CATOLICISMO E JUVENTUDE: A HISTÓRIA DO HALLEL EM MARINGÁ-PR  
(1995-2019)**

**MARINGÁ**

**2020**

**MARIANE ROSA EMERENCIANO DA SILVA**

**CATOLICISMO E JUVENTUDE: A HISTÓRIA DO HALLEL EM MARINGÁ-PR  
(1995-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestrado em História, Área de Concentração: História, Cultura e Política. Linha de Pesquisa: História Cultura e Narrativas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanda Fortuna Serafim

MARINGÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

E53c

Emerenciano da Silva, Mariane Rosa

Catolicismo e juventude : a história do Hallel em Maringá-PR (1995-2019) / Mariane Rosa Emerenciano da Silva. -- Maringá, PR, 2020.

163 f.: il. color., figs., tabs., maps.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Fortuna Serafim.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

1. Religião. 2. Catolicismo . 3. História - Maringá (PR). 4. Juventude. I. Serafim, Vanda Fortuna, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 981.62

**MARIANE ROSA EMERENCIANO DA SILVA**

**CATOLICISMO E JUVENTUDE: A HISTÓRIA DO HALLEL EM MARINGÁ-  
PR (1995-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA:**



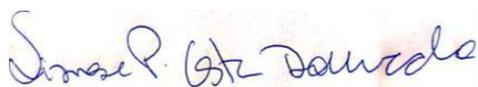
---

Profª. Drª. Vanda Fortuna Serafim  
Presente/Orientador



---

P/ Profª Edilece Souza Couto  
Membro Convidado (UFBA)



---

Profª Drª Simone Pereira da Costa Dourado  
Membro Corpo Docente (UEM/PGC)

Aprovada em: 29/10/2020

## Agradecimentos

Eu sento em minha escrivadinha amarela, com minha caneca de café – o vício dos pós-graduandos – quase vazia. São dias quentes em Maringá, depois de uma semana que beirava os 8 C°. Dias de ventos agitados, com as copas das árvores cantando. A cortina azul dançando enquanto os raios solares iluminam a fotografia de minha família sobre a mesa. Tento escrever mais uma vez o último texto da minha dissertação, com uma única pergunta: “A quem eu devo agradecer por conseguir concluir essa pesquisa?”.

À mulher de vermelho e ao homem de azul que estão na fotografia, Maria e Aparecido. Minha mãe teve que parar de estudar aos 10 anos para trabalhar na roça e ajudar a família, e somente depois dos 35, por ser uma admiradora de pessoas estudadas, terminou o supletivo. Meu pai era considerado um ótimo aluno, mas ele sempre diz que “Naquela época eu não tinha condições de acessar a faculdade”. Não sei quantas vezes ouvi pessoas os recriminando ao perguntarem se seus filhos apenas estudavam mesmo depois de completados 18 anos. Mas eles são peculiares mesmo, compram os sonhos dos filhos, choram com eles, sorriem, sentam à mesa para ouvi-los. Viajavam 57 km para que eu não voltasse sozinha de madrugada depois de um dia de pesquisa de campo. Vocês são os maiores instrutores da minha razão e da minha sensibilidade. Obrigada pelas velas acessas à Nossa Senhora e as orações. São ritos que tranquilizam meu estado de espírito.

Aos que são minha casa, meu lar e família em Marumbi: meus pais, meu irmão caçula Maycon, minha cunhada Ariani, minhas sobrinhas Lorena e Beatriz. E em Maringá meu irmão mais velho João Paulo e minha cunhada Isabella. Como não sou dada ao egoísmo e ao individualismo, envolvi os dois na pesquisa – João me levou em algumas pesquisas de campo e me acompanhou em uma das entrevistas de história oral. Sem contar que ele e Isa – principalmente Isa – fizeram os mapas desta dissertação. Olhar para vocês é sempre lembrar da necessidade de aprender com as diferenças, com o novo, me fazendo recordar que todos temos processos distintos. Vocês me levam a apreciar a delicadeza cotidiana do cuidar, do apoiar-se em momentos turbulentos e acreditar que tudo ficará bem no final.

À minha prima e amiga Jéssica, pelo alívio que me proporciona ao estar em Marumbi, seja nas tardes de domingo tomando sorvete, vendo o sol se pôr, seja nas longas caminhadas. Obrigada pelas conversas e por me fazer sair da toca. Agradeço também a minha madrinha

Lucinei, pelas mensagens para me manter equilibrada e não mergulhar apenas nos estudos, principalmente para não negligenciar minha saúde.

Aos meus amigos e colegas do LERR e do HCIR. Divagamos dentro do laboratório, nos banquinhos de música, às vezes ao som de um melancólico violino, outras vezes ao som de animadas melodias. Com alguns criei rituais, como as batatas com *cheddar* e miojo nas viagens ou a pipoca do lanche no meio de uma tarde de estudos, com outros fiquei trancada para fora do *hostel* ou tive que ver algumas amigas partindo enquanto eu não conseguia embarcar de volta para casa. Algumas dessas pessoas sentaram comigo nas calçadas da Zona 07 bebendo vinho, comendo *pizza* ou amendoim, outras me influenciaram a correr para extravasar a ansiedade. Teve ainda aquelas com quem dividi projetos de minicurso e prazos de pesquisa. Que me auxiliaram como *camerawoman* e compartilharam os almoços no Ginga. Quando ouvirem ou lerem estas palavras, espero que vocês se reconheçam, Rafaela, Bertrami, Carol Paes e Harumi. Espero que alguns dos antigos e novos amigos de laboratório também se reconheçam. Outros três são André, Carol Imediato e Bruno Refundini, que me ajudaram na pesquisa de opinião com os participantes do Hallel.

À pessoa que esteve comigo em todos os Hallels desde 2016, das 7h30 às 23h, no sol, na chuva, no calor e no frio, passando o dia com dois pastéis no estômago e uma bebida, pois não sabemos agir de forma saudável quando Marizete (mãe da Mari) não está por perto. Mari, obrigada pelas risadas de doer o diafragma, por me consolar, pela intensidade da sua amizade, por deixar minha vida como dias azuis de brisa leve. Ah, e por me apresentar sua mãe, que me cercou de carinho, cuidado e comida vegetariana deliciosa – minha parceira de legumes.

À minha amiga mais antiga e querida. Paulinha, é reconfortante encontrar alguém que sempre esteve ao meu lado em minhas mudanças. Que me faz sorrir dos nossos eu de criança e me leva a acreditar que essas mesmas crianças teriam orgulho das mulheres que nos tornamos. Mesmo distantes desde os 15 anos, decidimos nos fazer presentes na vida uma da outra. Obrigada pelas cartas enviadas, por compartilhar risos, angústias e o amor pela ciência. Obrigada por ler meus textos, mesmo não sendo da sua área, e aconselhar-me nos meus momentos de insegurança. Obrigada pela amizade inabalável e sincera.

Ao Projeto Mais Vida, pelo acolhimento e por me fazer compreender que minha criança interior é frágil e sensível, mas corajosa. Agradeço em especial a Cirlei Ganeo, Mauro Menegazzo, Alberto Haddad e Araújo Júnior, por compartilharem suas crenças, suas histórias

e seus saberes sobre o Hallel. Obrigada por me darem a oportunidade de conhecê-los, por confiarem e compartilharem um pouco de vocês comigo.

Às professoras Edilece Couto (UFBA), Simone Dourado (UEM) e Solange Ramos de Andrade (UEM). Conheço-as desde a graduação e em minha trajetória acadêmica todas me causaram incômodos. Mas o que são as Ciências Humanas se não questionar nosso próprio lugar de fala, nossas crenças? O que é essa ciência se não o olhar para o outro com uma tentativa de compreender a diversidade e pensar nas melhores alternativas de bem comum? Trazer novos conhecimentos é causar incômodo e isso me acontecia toda vez que se falava de festas e leigos, de antropologia, cidade e modernidade, de catolicismo, teoria e metodologia da história. Obrigada pelas aulas e ensinamentos. Obrigada pelas sugestões na qualificação. Edilece e Simone, obrigada por aceitarem o convite para a defesa.

À Capes, agradeço pelo financiamento de pesquisa. Em uma situação tão crítica quanto a que estamos no que tange a pesquisa e ciência no Brasil, trabalhar como pesquisador para a maioria é uma jornada dupla. De forma esperançosa, espero que em um futuro próximo a ciência em qualquer área tenha mais visibilidade e investimento, pois pesquisa é um trabalho que requer muita dedicação.

Às vezes, só precisamos de uma orientadora com um colar cervical que acredite numa garota caloura que tinha mil planos, mas nem sabia por onde começar. Vanda, obrigada por ler o meu excesso de gerúndio, as vírgulas que eu uso para separar sujeito e verbo, além das frases desconexas. Obrigada por ficar comigo até às onze horas da noite lendo a dissertação e reestruturando-a. Por dizer que não preciso ser tão reservada e carregar todos os problemas comigo. Por dizer que a beleza da pesquisa também faz parte da minha sensibilidade e que devo expor isso. Obrigada por me apresentar a crença numa ciência que exerce a alteridade, que se articula com a educação e com a comunidade externa. Obrigada por fazer esse caminho ao meu lado.

Termino este último texto da pesquisa de mestrado dizendo que há muito mais pessoas que trouxeram as melodias mais belas para minha vida. Sinto como se fosse Deus soprando a paz, o acalento e a força por meio de vocês. Obrigada a todos os meus amigos que compartilharam textos e conhecimentos, leram e ouviram minhas ideias e me ajudaram nas traduções. Mesmo sendo um caminho de escolhas minhas, nunca foi um andar solitário.

Obrigada por serem os raios solares que iluminam meu espírito e minha razão.

*In Trance*

*I wake up in the morning  
and the sun begins to shine  
the day did sneak up on the night  
I see your face and I see myself  
and I get a little taste of life  
I try to stand it for a while*

*But I'm in a trance  
Hey baby tell me can't you hear me calling  
I'm in a trance  
I take too much in the Saturday night  
Hey... Hey  
Hey baby tell me can't you hear me calling  
I'm in a trance  
I wanna try to stop this life*

*I feel so sad I'm feeling down  
On the radio the music plays  
I'm in love with her and I feel fine  
I close my eyes  
I think today is getting better with a sip of wine  
and I can stand it for a while*

*When I'm in a trance  
[...]*

(SCORPIONS, 1975)

**Resumo:** O Hallel em Maringá-PR é um evento de música que reunia uma vez por ano, em final de semana predeterminado, pastorais, movimentos e frentes distintas da Igreja católica no Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, com diversas atividades, seja por meio da música e do teatro, seja com pregações. Organizado na cidade desde 1995 e com edição contínua até 2019, o evento é encabeçado por leigos do Projeto Mais Vida. Com origens na cidade de Franca-SP (1988), está inserido em um contexto de expansão de novas metodologias e abordagens de evangelização, com uma campanha denominada de Evangelização 2000. Com o intuito de compreender o catolicismo em Maringá e as demandas no cenário religioso na Modernidade, partimos de metodologias que versam em: análises de periódicos como *O Diário do Norte do Paraná*; pesquisa de campo realizadas entre 2014 e 2019; e entrevistas de História Oral com os organizadores. A partir dessas fontes identificamos três grupos que fazem parte do evento, os organizadores (Projeto Mais Vida), a instituição (Igreja católica) e os participantes (público em geral) que nos levaram a perceber que os três grupos podem possuir motivações distintas. Os organizadores por meio dos módulos buscavam propiciar momentos de evangelização e conversão, a instituição possui uma maior proximidade com esse intuito de conversão e evangelização, além de podermos perceber que o evento era uma estratégia para conter a perda de fiéis, e por fim, os participantes que procuravam nos *shows* uma religião menos tradicional, mais divertida. Todas as narrativas apontaram que o evento, apesar de ser aberto para toda a comunidade, tem a juventude como grupo de maior adesão. Dos 495 participantes que conversamos entre as edições de 2016 a 2019, 73,22% declararam menos de 26 anos. Considerando esse cenário de juventude, religião e Modernidade, tivemos como referencial teórico Danièle Hervieu Léger (2008), essa aponta como as instituições articulam cada vez menos nas escolhas individuais sejam eles na figura de “peregrinos” os que transitam e buscam experiências religiosas ou “convertidos” que encontram uma identificação religiosa e atuam muitas vezes como militantes. Ao partirmos do viés da história das religiões consideramos ainda, que além das perspectivas sociais, históricas, culturais, fisiológicas devemos considerar experiência do sagrado no evento. A pesquisa por fim, nos levou a concluir que o Hallel é um catolicismo carismático, que tem uma maior atenção as necessidades de identificação dos jovens. É um evento com música, *shows*, pregações que atingem os espíritos dos participantes, inclui também elementos tradicionais como as missas validando o apoio institucional. Por fim, Hallel é um evento de modelo desejável a memória e identidade católica em Maringá.

**Palavras-chave:** Catolicismo; Juventude; História; Hallel; Religião.

**Abstract:** The Hallel in Maringá-PR is a music event that used to reunite once a year, in a predetermined weekend, ministries, movements and distinct fronts of the Catholic Church in the exposition park Francisco Feio Ribeiro, with many activities, may be through music and theater, may be through preaching. Organized in the city since 1995 and with continued edition until 2019, the event is headed by lay people from the Projeto Mais Vida (lit. More Life Project). With its origin in the city of Franca-SP (1988), it was inserted in an expansion context of new methodologies and approachings of evangelization, with a campaign named Evangelização 2000 (lit. Evangelization 2000). With a purpose of understanding the Catholicism in Maringá and its demands in the Modern religious scenario, we started with methodologies that bear: analysis of journals like *O Diário do Norte do Paraná* (*The Daily of North Paraná*, our translation); field researches realized between 2014 and 2019; and Oral History interviews with the organizers. Based on these sources we identified three groups that are part of the event, the organizers (Projeto Mais Vida), the institution (Catholic Church) and the participants (general public). That made us realize those three groups may have distinct motivations. The organizers through modules try to provide moments of evangelization and conversion, the institution a bigger approach with evangelization and conversion purposes, we can also notice that the event was a strategy to control the loss of believers, and finally, the participants that seek in the concerts a less traditional religion. All narratives point that besides being an event open for all ages, the youth have the great accession. From 495 participants that we talked to between 2016 and 2019 editions, 73,22% declare they are less than 26 years old. Considering this scenario of youth, religion and Modernity, we had as theoretical reference Danièle Hervieu Léger (2008), she points how institutions articulate less every time in individual choices, be it in the figure of “pilgrims” that transit and seek religious experiences or “converted” that find a religious identification and act many times as militants. Following this bias from religion history we consider yet that besides many social, historical, cultural, physiological perspectives we must consider the Holy aspect in the event. The research at least, made us conclude that Hallel is a charismatic Catholicism, wich have a bigger attention to the needs of identification from the youth. It is an event with music, concerts, preaching that reach the spirit of the participants, also includes traditional elements as mass validating the institutional support. In the end, Hallel is a model event desirable to the catholic memory and identity in Maringá.

**Key-words:** Catholicism; Youth; History; Hallel; Religion.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Acim	Associação Comercial e Empresarial de Maringá
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
Celam	Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
FIJ	Formação Integral do Jovem
JMJ	Jornadas Mundiais da Juventude
Marev	Associação Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas
MFC	Movimento Familiar Cristão
RCC	Renovação Carismática Católica
SRM	Sociedade Rural de Maringá
UEM	Universidade Estadual de Maringá

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1-</b> MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE MARINGÁ.....	32
<b>FIGURA 2-</b> CIDADES PERTENCENTES À ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ-PR.....	34
<b>FIGURA 3-</b> PONTOS DE ENCONTROS FREQUENTES DO PROJETO MAIS VIDA .....	51
<b>FIGURA 4-</b> MAPA DE LOCALIZAÇÃO PARQUE DE EXPOSIÇÕES.....	57
<b>FIGURA 5-</b> MAPA DO PARQUE.....	58
<b>FIGURA 7-</b> MAPA DOS LOCAIS DE ORIGEM DOS PARTICIPANTES DO HALLEL.....	92
<b>GRÁFICO 1-</b> DECRESCIMENTO DO CATOLICISMO APOSTÓLICO ROMANO: MARINGÁ, PARANÁ E BRASIL (1991-2010).....	35
<b>IMAGEM 1-</b> MARTIN VALVERDE EM MARINGÁ.....	48
<b>IMAGEM 2 -</b> LOGO PROJETO MAIS VIDA .....	48
<b>IMAGEM 3 -</b> MAREV.....	52
<b>IMAGEM 4 -</b> <i>FOLDER</i> HALLEL .....	52
<b>IMAGEM 5 -</b> MARTIN VALVERDE NO RODEIO UNIVERSITÁRIO .....	60
<b>IMAGEM 6 -</b> FRAGMENTO SOBRE O HALLEL DE MARINGÁ .....	81
<b>IMAGEM 7 -</b> O CHAMARIZ DO HALLEL.....	91
<b>IMAGEM 8 -</b> PROGRAMAÇÃO HALLEL.....	94
<b>IMAGEM 9 -</b> ESTANDES NO PAVILHÃO AZUL .....	95
<b>IMAGEM 10 -</b> MOVIMENTOS E CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS .....	95
<b>IMAGEM 11 -</b> PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO EXTERNA.....	96
<b>IMAGEM 12 -</b> PALCO CENTRAL.....	98
<b>IMAGEM 13 -</b> CAPELA DO LOUVOR .....	99
<b>IMAGEM 14 -</b> O SANTÍSSIMO .....	99
<b>IMAGEM 15 -</b> MÓDULO ARTE.....	100
<b>IMAGEM 16 -</b> MÓDULO JOVEM .....	101
<b>IMAGEM 17 -</b> MÓDULO PREGADORES .....	102
<b>IMAGEM 18 -</b> MÓDULO HALLELZINHO.....	102
<b>IMAGEM 19 -</b> MÓDULO NAMORO.....	103
<b>IMAGEM 20 -</b> MÓDULO FAMÍLIA .....	104
<b>IMAGEM 21 -</b> MÓDULO ACAMPAMENTO .....	105
<b>IMAGEM 22 -</b> MISSA MÓDULO RCC .....	105
<b>IMAGEM 23 -</b> EXPOSIÇÃO SANTÍSSIMO CAPELA DO SILÊNCIO.....	106
<b>IMAGEM 24 -</b> MISSA MÓDULO DE MARIA.....	106
<b>IMAGEM 25 -</b> MÓDULO <i>ROCK</i> .....	107
<b>IMAGEM 26 -</b> MÓDULO MÃOS QUE EVANGELIZAM.....	107
<b>IMAGEM 27 -</b> <i>SHOW</i> .....	110
<b>IMAGEM 28 -</b> CELEBRAÇÃO MISSA PE. MARCELO .....	112
<b>IMAGEM 29 -</b> MISSA DE DOMINGO .....	114
<b>IMAGEM 30 -</b> ENTRADA DO SANTÍSSIMO BÊNÇÃO FINAL .....	115
<b>IMAGEM 31 -</b> INCENSO NO RITO FINAL .....	115
<b>IMAGEM 32 -</b> O RECONHECIMENTO DA ALMA POR MEIO DA MÚSICA.....	132
<b>IMAGEM 33 -</b> PASSAGEM DE JESUS EUCARÍSTICO .....	142
<b>IMAGEM 34 -</b> O TOQUE NO SANTÍSSIMO .....	142
<b>IMAGEM 35 -</b> PROCISSÃO FINAL SANTÍSSIMO.....	143
<b>IMAGEM 36 -</b> NA PRESENÇA DO SAGRADO .....	144
<b>IMAGEM 37 -</b> ALTAR O CENTRO.....	144

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A juventude como desafio à Igreja católica .....</b>	<b>23</b>
1.1. A Modernidade e a Igreja Católica.....	24
1.2. Os jovens e as medidas institucionais católicas. ....	28
1.3. Maringá enquanto uma cidade católica.....	32
1.4 Os movimentos leigos e as pastorais como formas de manutenção do catolicismo.....	38
1.5. A história oral e os organizadores do Hallel .....	43
1.6. O movimento leigo organizador do Hallel: O Projeto Mais Vida.....	46
<b>CAPÍTULO 2 - A religião em movimento e a organização do Hallel em Maringá-PR .....</b>	<b>55</b>
2.1. A escolha do Parque de Exposições para a realização do evento.....	56
2.2. A tarefa do fazer: motivações e dificuldades em organizar o Hallel.....	60
2.3. Apoios e patrocínios.....	67
2.4. Igreja católica e comunidades católicas .....	71
<b>CAPÍTULO 3 - O Hallel e as formas validação do crer: entre o “peregrino” e o “convertido”..</b>	<b>83</b>
3.1 O movimento que visa atrair jovens: a busca por outras formas de conexão com o sagrado. ...	84
3.2. Entre o “peregrino” e o “convertido” - o perfil dos participantes do Hallel .....	87
3.3 A chegada e a entrada: primeiras impressões sobre o Hallel em Maringá.....	93
3.4. Os módulos: o esforço de evangelização e conversão.....	96
3.5 A atração mais procurada: os <i>shows</i> .....	108
3.6. O Sacramento Eucarístico no Hallel: A missa, a adoração e a Bênção Final .....	111
<b>CAPÍTULO 4 - O Hallel como experiência religiosa .....</b>	<b>118</b>
4.1 A experiência do sagrado .....	118
4.2. A transformação individual: o Deus amigo.....	125
4.3. A oração .....	128
4.4. A sintonia entre a música e o espírito .....	130
4.5 O Silêncio e a palavra.....	137
4.6. A presença do Deus.....	140
<b>Considerações finais.....</b>	<b>146</b>
<b>Referências.....</b>	<b>149</b>
Documentais.....	149
<b>Trabalho de Campo</b> .....	149
<b>Depoimentos</b> .....	150
<b>Escritos</b> .....	151
Músicas .....	153
Bibliografias.....	153
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>158</b>
<b>Apêndice 1- Modelo perguntas.....</b>	<b>158</b>

<b>Apêndice 2- Roteiro para entrevista.....</b>	<b>159</b>
<b>Apêndice 3- Quadro Hallel Maringá 1995-2019.....</b>	<b>161</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>162</b>
<b>Anexo 1- Programação Hallel 2014 .....</b>	<b>162</b>

## Introdução

O Hallel em Maringá-PR é um evento de música que reunia uma vez por ano, em final de semana predeterminado, pastorais, movimentos e frentes distintas da Igreja católica no Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, com diversas atividades, seja por meio da música e do teatro, seja com pregações. Essas atividades ocorriam em módulos, que eram locais montados para essas frentes interagirem com o público visitante. O Hallel começou a ser realizado em Maringá no ano de 1995, totalizando 25 edições até 2019; não tinha uma data fixa, mas sua realização foi contínua entre esses anos. Os principais organizadores e coordenadores do evento na cidade são membros do Projeto Mais Vida, um movimento leigo<sup>1</sup> da Arquidiocese de Maringá, com apoio institucional. Apesar de ser um evento aberto para todas as idades e religiosidades, a maioria dos visitantes eram jovens e católicos, que procuravam atividades religiosas com menor teor tradicional, como os *shows* musicais.

Compreender a história do Hallel em Maringá nesses mais de 20 anos não é possível se não levarmos em consideração a história da própria cidade e sua construção identitária em torno do catolicismo. Mais do que isso, é preciso compreender que esse fenômeno religioso, aqui tomado como objeto, não é um movimento isolado da Igreja católica em Maringá, mas uma estratégia por parte dessa instituição em razão da perda de fiéis nas últimas décadas – especialmente entre os jovens. O evento teve a primeira edição realizada em Franca-SP, em 31 de julho de 1988, período em que o grupo Renovação Carismática Católica (RCC) completaria 10 anos na cidade<sup>2</sup>. Foi quando Maria Theodora Lemos Silveira<sup>3</sup> (2007, p.13), conhecida como Tia Lolita, teve a ideia de criar um espaço para que os jovens louvassem a Deus ao ar livre. A proposta inspirou-se no festival Rock in Rio, mas com intuito de levar a juventude para perto de Deus, e essa associação com o evento carioca indica o gosto musical dos filhos de Silveira e a consequente adaptação do estilo às letras cristãs:

---

<sup>1</sup>Ao tratar do campo religioso, Pierre Bourdieu (2001) aponta a influência da racionalização e da divisão do trabalho na religião – esta se mantém como resultado da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialista religiosos. Enquanto de um lado há os detentores do monopólio da gestão do sagrado do, outro temos em oposição os leigos, que são aqueles que não possuem o capital religioso, ou seja, não têm um trabalho simbólico acumulado. Podemos concluir, nas perspectivas de Bourdieu (2001), que são os especialistas de um corpo de religiosos que acumulam o conhecimento simbólico por meio de seu trabalho, os sacerdotes. Ao nosso ver, são aqueles que escolhem o sacramento da ordem na Igreja católica, enquanto os leigos são todos os que recebem esses conhecimentos e não exercem a religião como profissão. Vide: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

<sup>2</sup> ALVES, André Luis Centofante. *A gestão social na atividade educacional religiosa: o caso da Hallel Escola no Brasil*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 200f. Franca, 2016.

<sup>3</sup> SILVEIRA, Maria Theodora Lemos (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos! uma história a ser contada e cantada*. Franca: Hallel, 2007.

No primeiro Hallel, não havia muitas bandas católicas, tivemos dificuldades para descobrir três bandas de fora e duas de Franca. Veio uma banda de São José do Rio Preto, uma de Londrina e outra de Maringá. Aliás, a primeira a se apresentar, na qual meu filho mais velho fazia parte, o Marcelo, eles mudaram o repertório para músicas cristãs. Outra de Franca, Água Viva, que outro filho meu fazia parte, o Mauro, estava iniciando seu ministério. Mas nada impediu de acontecer o Hallel, que na nossa cabeça seria só um ano, mas no projeto de Deus, ainda não sabemos até onde irá. Aos poucos as bandas foram surgindo, já não era só apresentação no palco, mas também evangelização nos espaços, que chamamos de módulos. Fomos conhecendo os pregadores de Franca e de outras cidades. (SILVEIRA, 2007, p.17).

Depois da primeira edição na cidade do interior paulista, o segundo Hallel foi realizado em 1993, dessa vez em Guadalajara, no México. Já em 1994, de volta ao Brasil, o evento ocorreu em Piraju-SP, seguido de Brasília-DF, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP, Cuiabá-MT, Curitiba-PR, Maringá e Porto Alegre-RS em 1995. Em 1996, apenas Brasília, Maringá e Paracatu<sup>4</sup> continuaram. Chegando ao século XXI, mais precisamente em 2003, mais cidades brasileiras promoverem o Hallel, e em 2005 e 2006 o evento passou a ocorrer, respectivamente, nos Estados Unidos e na Colômbia. O Hallel também tem edições em países da África. Assim:

Desde 1995 essa organização de Franca que hoje é a Escola Hallel, possui a marca registrada para evento, editora, grife [camisetas, bonés, etc.] e gravações [Hallel Records]. Para manter o carisma do Hallel, seja o evento ou a Hallel Escola, temos a patente do nome Hallel, nos itens mencionados. Nós promovemos já, há muitos anos, no começo de cada ano, um curso de capacitação para fazer o evento Hallel. As cidades interessadas enviam uma equipe de três e cinco que enviam a autorização do bispo, por escrito, principalmente músicos. É vontade do Senhor que haja Hallel em muitos lugares, mas é também necessário entrar no Projeto Unidade, para mantermos o vínculo de pertença, mesmo respeitando as diferenças regionais e a orientação pastoral da diocese. Conferimos uma autorização por escrito, assinada pelo nosso bispo, diretor espiritual e presidente da Associação Diocesana Nova Evangelização João Paulo II. (SILVEIRA, 2007, p.132).

A descrição de Silveira (2007) relata a organização paulatina do Hallel, e pode-se perceber que a experiência foi desenvolvendo esse novo conhecimento de organizar tal prática católica, desde a inspiração por meio da oração para conceber o evento até o querer divino para a formação das características em módulos, capelas e palco. A expansão do Hallel para as outras cidades ocorre principalmente por meio da Evangelização 2000, uma campanha de oração lançada para promover a “Década de Evangelização” – do Natal de 1990 até o Natal de 2000. A intenção era converter o máximo possível de católicos, ou seja, reaproximá-los da religião.

---

<sup>4</sup> Na obra não é citado em que ano a cidade de Paracatu começou a realizar o Hallel.

“Quase 4 mil casas de meditação e 1.400 indivíduos e grupos e intercessão foram abordados neste sentido apenas em 1988”, discorre David Jacobus Bosh (2002, p.634).

Nesse período, alguns jovens da Igreja católica de Maringá também participavam de encontros referentes à Evangelização 2000 e à discussão de novos meios de evangelização. Esses jovens leigos, que começaram a realizar acampamentos católicos em 1992, passaram a compor o Projeto Mais Vida e foram convidados pelo Hallel de Franca para organizar uma edição maringaense. No entanto, apenas Maringá e Brasília, primeiras cidades a serem capacitadas para receber o evento em 1995, deram continuidade em 1996. Cada uma delas o promoveu de maneira independente, mas com similar concepção a respeito dos módulos, de iniciar a festa com a missa e encerrá-la com a Bênção do Santíssimo. Entretanto, cada lugar tem suas particularidades, visando a demandas locais. Por exemplo, em Franca o evento começou com a RCC, com algumas edições durando até 4 dias; já em Maringá, sendo encabeçado pelo Projeto Mais Vida, o Hallel iniciou com duração de 1 ou 2 dias. Percebemos, desse modo, como as diversas características que o evento assume dentro de cada localidade marcam sua historicidade, e em Maringá isso não foi diferente.

Podemos mencionar que o Hallel surge de movimentos leigos, que estão inseridos em novas demandas históricas e sociais. Em Maringá o evento é resultado de uma necessidade em buscar métodos para uma maior participação de fiéis na prática católica, pois, nesse caso, os jovens parecem receber mais atenção. A música, os acampamentos, os encontros e retiros, a realização de megaeventos, tudo isso surge como alternativa, e os grupos que realizam tais atividades ganham espaço e apoio institucional. Um exemplo interessante são os “barzinhos de Jesus”. Carranza Dávila (1998, p.44) afirma que em meados de 1980, com esses barzinhos, surge um ambiente com “[...]músicas cantadas em ritmo de *rock*, *samba* e *heavy metal* e com inspiração na música Gospel trazida ao Brasil em 1989, pelas Igrejas Evangélicas, dão o tom convocatório aos jovens para rezarem e louvarem a Deus festivamente”. Lá as pessoas comiam, bebiam e cantavam com Jesus, ainda de acordo com Dávila (1998).

Dentro dessa nova tendência, são inseridos os já citados jovens leigos que se propuseram a organizar o Hallel, buscando criar uma ponte entre o tradicional e o novo como forma de atrair públicos distintos. Em nosso primeiro contato com o evento como pesquisadora, em 2014, ao deixar o Parque de Exposições, no final do evento, observamos muitos ônibus e *vans* que retornavam para suas respectivas cidades. Enquanto aguardávamos no ponto de ônibus, por volta das 22h30, foi possível observar também duas cenas interessantes. Na primeira, dois rapazes, que aparentavam ter entre 16 e 25 anos de idade, conversavam sobre o evento e

atribuíam seu sucesso à banda Rosa de Saron, uma das atrações naquele ano: “*Você viu, todo mundo foi embora quando a banda terminou de tocar.*”, afirmou o primeiro, ao que o outro acenou, em concordância. Na segunda cena, um grupo de mulheres, na faixa dos 40/50 anos, que também aguardavam o ônibus e conversam sobre o Hallel, comentavam não gostar tanto assim das bandas, e sim de visitar os módulos, ao que uma delas explicou: “*Gostei do padre sertanejo*”.

Diante disso, foi fundamental a esta pesquisa o aporte teórico da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, por meio de sua obra *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, por entender que pensar a história do Hallel em Maringá pressupõe considerar as configurações singulares do contexto religioso na atualidade, tais como a secularização e o enfraquecimento institucional, que colaboram para uma diminuição de adeptos na Igreja Católica Apostólica Romana (HERVIEU-LÉGER, 2008). É por meio de tal aspecto que buscamos compreender as características e práticas no Hallel (1995-2019) e suas significações, por meio de três grupos: os organizadores, o Projeto Mais Vida; a instituição, a Igreja católica; e os participantes, o público. Para tanto, nosso escopo documental consistiu em pesquisas de campo, com observação e pesquisa de opinião pública realizada com 495 pessoas no decorrer de quatro anos, nas matérias publicadas no jornal *O Diário do Norte do Paraná*, no *Livro Tombo* da Arquidiocese de Maringá e em relatos de História Oral.

Hervieu-Léger (2008), ao se dedicar a pensar Modernidade, memória e tradição religiosa, questiona os sistemas tradicionais de crença e aponta para a singular mobilidade religiosa contemporânea. A história oficial de Maringá é intrinsecamente marcada pela presença da instituição católica, e a Catedral Nossa Senhora da Glória é o cerne desse universo, pois está literalmente no centro de sua existência e é visível a toda a comunidade como ponto de referência turística, religiosa e espacial. Em suma, o símbolo da cidade é marcado por uma identidade católica. Nesse sentido, percebemos a importância do Hallel para a manutenção e constante atualização dessa presença, pois o evento estabelece diálogos com a juventude católica em Maringá, operando como forma de comunicação entre os jovens e a instituição.

Se nos discursos memorialistas e dos pioneiros da cidade<sup>5</sup> as festas religiosas marcavam e regulavam o ciclo da vida dos indivíduos e da coletividade, hoje a religião católica não é o centro da existência cotidiana, especialmente no que se refere aos jovens, pois as missas não são marcadas pela presença majoritária deles, e a animação episódica de determinados lugares

---

<sup>5</sup> GONZAGA, Giovane Marrafon. *Memórias, notícias e espaços: a presença das religiões afro-brasileiras em Maringá-PR (2000-2014)*. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

de culto é fundamental para a manutenção/reativação do catolicismo na cidade (HERVIEU-LÉGER, 2008). Sem contar que é fora do ambiente comum das igrejas que esse processo mais acontece, em espaço profano: o Parque de Exposições da cidade, e ainda em acampamentos, em meio à natureza. Os sentimentos religiosos, todavia, estão longe de serem ausentes, mas se misturam com um alvoraçado universo de consumo e transação de mercadorias.

Hervieu-Léger (2008, p.22-23) questiona se “é possível reconhecer a pluralidade e singularidade dos arranjos do crer na Modernidade, sem abrir mão, todavia, de tornar inteligível o fato religioso como tal” e alerta sobre a necessidade de considerar que nas crenças contemporâneas “o religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano que trabalha, de modo ativo e latente, explícito ou implícito, em toda a extensão da realidade social, cultural, psicológica”. A mesma autora defende que qualquer que seja a crença, esta pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre sua legitimidade na invocação à autoridade de uma religião. É necessário, então, apontar que a realização do Hallel em Maringá obedeceu a uma hierarquia institucional, o que significa que o evento só ocorria com a permissão da Arquidiocese. Desde o começo, os organizadores na cidade receberam o apoio de seus arcebispos, suporte este encontrado nas entrevistas e matérias publicadas n’*O Diário do Norte do Paraná*, com Dom Jaime (1957-1997), Dom Murilo (1997-2002) e Dom Anuar (2004-2019).

O processo é mútuo, visto que há o desejo constante por parte dos leigos que organizam o evento em serem reconhecidos e legitimados pelo arcebispo, mas há também o entendimento por parte, e principalmente dos arcebispos, da importância de aproximar os jovens da Igreja católica, visando à manutenção dessa religião, a ponto de haver situações nas quais o bispo optou por arcar com suas reservas particulares os prejuízos do evento, como discutiremos futuramente.

Entendemos que o Hallel é uma resposta da instituição católica maringaense aos processos de construção e transmissão das identidades religiosas nas últimas décadas. Isso porque, como alerta Antônio Flávio Pierucci (2004), o campo religioso brasileiro vem sofrendo alterações no que concerne à prevalência da religião católica, não apenas na busca de outras denominações religiosas, mas também em outras formas contemporâneas de religiosidades. O novo milênio, como observou Hervieu-Léger (2008), teve seu início marcado por uma crise das religiões tradicionais, por formas individualistas de crenças, que se caracterizam pela pertença confessional a mais de uma religião, ou ainda pela busca de diversificação da experiência religiosa, especialmente entre os jovens.

Quando observamos os censos maringaenses da última década, é visível a perda de fiéis por parte da igreja católica. Não se trata de indiferença à religião, mas da busca de uma liberdade mais dinâmica para a construção do sistema de fé e para outras formas de experiência religiosa. Ainda assim, quando olhamos para o público presente no Hallel, este é predominantemente católico, mas cada vez menos controlados pela instituição. São católicos de formação familiar, mas que não necessariamente se converteram ao catolicismo. São os “peregrinos” que constroem sua identidade religiosa por meio de diversas experiências, tal como observamos na trajetória dos próprios organizadores do evento, que em determinado momento se reencontraram dentro do catolicismo, tiveram acesso a um deus e a uma forma de experiência religiosa que não sabiam que era possível.

Essa visão da experiência individualista presente nas falas dos organizadores nos ajuda a entender o formato que a evangelização católica começa a assumir não só em Maringá, mas também no Brasil e no mundo. Há uma necessidade de se considerar a experiência. Há formas distintas e individuais de se acessar o sagrado – pela música, pela dança, pela oração, pelo silêncio. Esse entendimento está presente na festividade do Hallel, que oferece a opção de módulos, atentando aos fatores emocionais distintos dos diferentes indivíduos que transitam no Parque de Exposições, uma vez ao ano, em um final de semana específico. O Hallel não é a finalidade em si, ele é a forma de divulgação de uma religião com dimensão comunitária e acolhedora às experiências individuais. Os jovens descobrem dentro da religião que já fazem parte novas formas de religiosidade e de experiência com o sagrado, de modo mais individualizado e sem o caráter da obrigatoriedade semanal, da ritualística dos avós e das missas no domingo de manhã. O evento dá essa oportunidade de refiliação católica, mas essa conversão não ocorre ali, ela se desdobra numa série de outros momentos e frentes de evangelização, como veremos nesta pesquisa.

O suporte documental e o respectivo aporte metodológico utilizado nesta pesquisa podem ser caracterizados da seguinte maneira:

1 - Periódicos e atas, analisados com base na discussão metodológica proposta por Tania Regina de Luca (2008), que considera esses documentos escritos, de forma mais específica os jornais, como ricos documentos históricos, nos quais se apresentam e noticiam questões que são percebidas como dignas de serem notícias, dignas de serem registradas. O que devemos ter em vista é que esses documentos têm um público, uma posição e perspectiva dentro da sociedade. Assim, estudamos *O Diário do Norte do Paraná*, importante periódico de circulação local, que contém discursos institucionais oficializados sobre o Hallel.

2 - Pesquisa de História Oral, tendo como referência as obras de Alessandro Portelli (1996; 1997a; 1997b; 2010)<sup>6</sup>, Michel Pollak (1992) e Verena Alberti (2008). Tal metodologia nos permitiu ouvir a perspectiva dos realizadores, bem como suas motivações e trajetórias religiosas, individuais e coletivas, que tangem principalmente a suas crenças sobre o Hallel. Depois da autorização do Comitê de Ética, realizamos quatro entrevistas, no segundo semestre de 2019, com Mauro Menegazzo Silva, Olavo Rodrigues Araújo Jr., Cirlei Aparecida Ganeo e Alberto Haddad, atuantes em diferentes momentos na organização do evento. Enviamos um roteiro de entrevista (Apêndice 2) com antecedência para os entrevistados, mas em cada conversa houve flexibilidade, conforme as informações singulares surgiam. Entre as entrevistas, apenas a de Haddad foi realizada em seu local de trabalho, os demais foram entrevistados em suas respectivas residências, conforme escolhido por eles.

3 - Pesquisas de campo, observação e pesquisa de opinião, tendo em Carlos Rodrigues Brandão (1985) o principal aporte teórico e metodológico. Segundo o autor,

somente uma apreensão pessoal e demorada de tudo possibilita a explicação científica *daquela* sociedade. Porque, também, o primeiro fio de lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem. (BRANDÃO, 1985, p.11, grifo do autor).

Desse modo, de 2014 a 2019 estivemos ininterruptamente em pesquisa de campo no Hallel. Entre 2016 e 2019 realizamos as pesquisas de opinião (Apêndice 1), totalizando 495 pessoas abordadas. Tal perspectiva evidenciou algumas percepções e apreensões dos participantes sobre o evento. Todas essas metodologias nos levaram a compreender que o Hallel consistia em articular, no mínimo, três grupos distintos: a instituição (Igreja católica), os realizadores (Projeto Mais Vida) e os participantes (distintos grupos). Há proximidades e distanciamentos entre os três grupos, mas sobretudo motivações homogêneas, centradas na experiência no sagrado. As pesquisas foram aplicadas por escrito, e os participantes respondiam enquanto transitavam nos espaços ao ar livre no Parque, geralmente sem estarem em algum módulo participante de alguma atividade. Apenas nas últimas duas edições é que optamos por aplicá-la no Palco Central, pois chovia, e a escolha desse módulo ocorreu por ser um local com

---

<sup>6</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p.59-72. PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projetos*. História, São Paulo, (14), fev. 1997a. PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projetos*. História, São Paulo, (14), fev. 1997b. PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. In: *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

arquibancadas, mais amplo e focado em *shows*. Assim, abordávamos aqueles que estavam sentados, com o intuito de respeitar a experiência religiosa.

Por se tratar de uma pesquisa no âmbito da história das religiões, foram importantes as reflexões de Wilfred Cantwell Smith sobre as crenças religiosas e o importante papel desempenhado por seus adeptos no sentido de estabelecer o que elas significam. Mesmo em mundo cada vez mais globalizado e com relações de culturas distintas, é fundamental estabelecer um diálogo profícuo entre pesquisador e pesquisado, de modo que o grupo estudado possa também se reconhecer nos resultados apresentados. De outra maneira, a pesquisa não se refere à história das religiões, mas a uma caricatura do outro. O estudo das crenças religiosas e suas manifestações implica analisar algo que está no coração das pessoas, sendo de uma pessoalidade muito íntima e de sentido absolutamente real, mas ao mesmo tempo com um valor real e palpável (SMITH, 1967).

Igualmente importantes foram as discussões realizadas por Mircea Eliade (2008; 2010) no que concerne ao estudo das religiões e das religiosidades e à necessidade de observar nosso objeto de pesquisa, compreendendo seus aspectos sociais e históricos, mas sem ignorar o fenômeno mais relevante para a religião, que é o sagrado. Embora a análise da história do Hallel tenha aspectos fisiológicos, psicológicos, sociológicos e históricos, considerá-la apenas em tais aspectos é trair o que o constitui como um fenômeno religioso, ignorando justamente a crença.

Desse modo, a melhor divisão a fim de apresentar os resultados de nossa pesquisa organizou-se da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, *A juventude como desafio à Igreja católica*, buscamos compreender como a Igreja católica cria mecanismos para conter os desvios causados pela Modernidade, que para Hervieu-Léger (2008) está associada principalmente ao secularismo como tangenciadora do enfraquecimento das instituições tradicionais. Mesmo Maringá, tradicionalmente vista como uma cidade católica, sofre perdas graduais e significativas dessa população, especialmente entre a juventude, um dos grupos mais secularizados. Isto traz novas perspectivas para Igreja católica investir em movimentos que busquem contemplar e aproximar esses jovens da religião, sendo o Hallel um caminho possível.

No segundo capítulo, *A religião em movimento e a organização do Hallel em Maringá-PR*, observamos que, mesmo a Igreja católica enfrentando os desafios decorrentes da Modernidade e a religiosidade sendo demarcada por uma autonomia e uma fluidez que escapam da instituição, ela ainda é reconhecida como um corpo que valida o crer por parte dos

organizadores. Além disso, essa realização, apesar de estar intrinsecamente vinculada às questões seculares, não pode anular seu caráter sagrado.

Se no capítulo 2 enfatizamos que a instituição católica ainda é aquela da qual os organizadores querem fazer parte, no terceiro capítulo, *O Hallel e as formas de validação do crer: entre o peregrino e o convertido*, buscamos abordar, com base na figura dos participantes, como o Hallel pode atuar em suas vidas religiosas. O evento, por meio de diversos instrumentos e pastorais, visa apresentar e reaproximar as pessoas da Igreja católica ou convertê-las por meio dos módulos, utilizando os *shows* como principal chamariz. Desse modo, duas figuras abordadas por Hervieu-Léger (2008) corroboram para compreender esse cenário religioso: a do “peregrino”, ou seja, aquele que busca experiência religiosa sem necessariamente uma filiação; e o “convertido”, que se dedica a viver com base em uma identidade religiosa, e que, para nossa pesquisa, valida a realização do Hallel. Observamos, ainda, que as leituras dos participantes e dos organizadores não são homogêneas.

Por fim, no quarto e último capítulo, *O Hallel como experiência religiosa*, temos o intuito de abordar a experiência pessoal do sagrado possibilitada pela análise dos participantes. Brandão (1985) explica que a melhor maneira de compreender uma cultura é vivenciando-a, isso por meio da História Oral e das pesquisas de campo com participantes e organizadores. Assim, procuramos operacionalizar as indicações de Smith (1967): se quer saber o que uma crença significa para alguém, pergunte a ele, de outra forma há fortes riscos de caricaturizar o caráter sagrado da crença, realizando qualquer outra coisa que não uma história das religiões.

A pesquisa, então, concluiu que o Hallel é um evento aberto para toda a comunidade, mas que visa atingir o jovem que ali procura algo menos tradicional em termos de religião, sendo oportuno como modelo de identidade e memória católica em Maringá.

## CAPÍTULO 1 - A juventude como desafio à Igreja católica

Ao tratar das identidades religiosas na Europa e da religiosidade dos jovens europeus, Hervieu-Léger (2008) formulou a hipótese de que os processos de identificação religiosa nas sociedades modernas passam pela combinação livre de quatro dimensões típicas que a regulamentação institucional não articula entre elas, ou articula cada vez menos, e que conseguimos verificar no contexto de Maringá e sua relação com a Igreja católica.

A primeira é a dimensão comunitária, que “[...] representa o conjunto das marcas sociais simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso e permite distinguir ‘aqueles que são do grupo’ daqueles que não são” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.66). Essa dimensão remete à definição formal e à prática das pertenças, por exemplo, o fato de ser batizado. São obrigações mínimas fixadas a seus fiéis, e aceitar ou não se submeter a tais obrigações constitui um traço marcante da identificação (HERVIEU-LÉGER, 2008). Em religiões institucionais como o catolicismo a dimensão comunitária, aliada ao sentimento de pertença, é de extrema relevância, especialmente por meio de seus dogmas e sacramentos.

Uma segunda dimensão é a da aceitação por parte do indivíduo dos valores ligados à mensagem religiosa trazida pela tradição particular – ela própria, muitas vezes, legitimada pelo recurso imaginário a um vínculo mais longínquo.

Esta *dimensão ética* da identificação, na verdade, parece estar cada vez mais frequentemente dissociada da precedente. Os valores da mensagem, inseparáveis do alcance universal que, ao mesmo tempo, lhe é atribuído, podem ser apropriados sem implicar, necessariamente, a pertença a uma comunidade de fiéis claramente identificados. É possível, dessa forma, reconhecer nos evangelhos a expressão mais elevada de uma ética do amor à qual se pode aderir sem reivindicar, ou mesmo recusando a pertença a uma igreja cristã qualquer. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.67, grifo da autora).

No que concerne ao Hallel como prática católica, essa dimensão parece dialogar com a própria mitologia cristã e com as figuras de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Se esta encontra diálogo com as distintas formas do pensamento cristão, aquela surge como um modelo do próprio pensamento ocidental cristão, instituindo normas e modelos de conduta.

Uma terceira dimensão da identificação é a dimensão cultural, que reúne o conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o patrimônio de uma tradição particular, associadas ao sistema de crenças, à arte, às produções estéticas e aos conhecimentos científicos desenvolvidos em relação às crenças (HERVIEU-LEGER, 2008). Isso é marcante quando pensamos as feições que os processos de evangelização assumem em determinadas

localidades. A historicidade do Hallel se constitui em referência a esse patrimônio cultural maringense, que já é um marcador de identidade, e a opção pela realização do evento no Parque de Exposições não necessariamente incorpora um grupo religioso identificável e não lhe impõe mais escolhas e comportamentos éticos específicos, mas vem carregado da marca de Maringá como uma cidade de tradição católica.

Já a quarta dimensão da identificação é a emocional, que diz respeito à experiência afetiva associada à identificação e à experiência religiosa.

O fato novo, nas sociedades modernas, é que esta experiência ardente que produz o sentimento coletivo do “nós” resulta cada vez menos da pertença comunitária que garante, através do ciclo das festas, sua reativação regular. Ela é, cada vez com maior frequência – especialmente entre os jovens -, o momento em que se estabelece uma experiência elementar de comunhão coletiva, eventualmente suscetível de se estabilizar na forma de uma identificação comunitária. As grandes concentrações que reúnem milhares de jovens cristãos [católicos ou protestantes], [...] são bons exemplos desta prioridade que reaparece ligada à identificação emocional na formação das identidades sociorreligiosas entre os jovens. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.67).

A Igreja católica em Maringá, mas não apenas esta, tem utilizado esses recursos não tradicionais como forma de manter diálogo com a juventude. Constroem-se, assim, identidades confessionais, pois há identificação com o catolicismo e aceitação das condições de identidade (comunitárias, éticas, culturais e emocionais) fixadas – ou ao menos delimitadas – pela instituição, que se apresenta como sua garantia. Veremos a seguir as formas de controle buscadas pela instituição católica a fim de articular essas dimensões, buscando a manutenção de um equilíbrio entre as lógicas contraditórias que colocam essas dimensões em tensão entre si, em especial as demandas dos jovens (HERVIEU-LÉGER, 2008).

### **1.1. A Modernidade e a Igreja católica**

Embora nosso recorte histórico centre-se na temporalidade de 1995 a 2019 e na espacialidade de Maringá, no que tange à compreensão da Igreja católica é preciso considerar que as mudanças nos discursos institucionais ocorrem de forma paulatina. Nesse sentido, observamos que a instituição, com o Concílio do Vaticano II (1962-1965), começou a expressar algumas pautas de mudanças em suas práticas e métodos, já considerando as demandas de seu contexto social e histórico. Algumas dessas pautas referiam-se ao uso da língua vernácula na realização da missa, à possibilidade de religiosas ministrarem a Eucaristia e à participação leiga

na evangelização<sup>7</sup>. Essas discussões pautaram-se principalmente em reflexões sobre a ação da Igreja católica diante da Modernidade, que instituiu novas configurações sociais, econômicas políticas e culturais.

Com a descristianização e a descatolização da sociedade, algumas perspectivas começam a ser reformuladas. Para Brenda Carranza e Cecília L. Mariz (2009), quanto às medidas da Igreja católica com fiéis e leigos, o papa Leão XIII, já em 1880, com a encíclica *Rerum Novarum*, propõe uma reorganização da base social do catolicismo. Segundo as autoras, florescem no século XX associações laicais e movimentos eclesiais, incorporando os leigos na retransmissão da tradição da Igreja católica e na missão de evangelizar. Já na segunda metade do mesmo século os movimentos vinculados às CEBs e à RCC se expandem no Brasil, tendo o segundo características bem acentuadas, como uma performance mais modernizada de danças, expressões corporais e cantos, que “fizeram da oração e do louvor um elemento poderoso de atração dos fiéis oriundos de todas camadas católicas, configurando um novo catolicismo de massas que apostava na cultura midiática como meio de reinstitucionalizar os afastados da Igreja” (CARRANZA; MARIZ, 2009, p.142-143).

Essas manifestações de um catolicismo mais carismático, ainda com base em Carranza e Mariz (2009), dão outras características para a prática no Brasil, voltando a lotar novamente as igrejas. Outra questão marcante nesse cenário são os padres midiáticos, que cantam e apresentam programas de rádios e televisão. Podemos considerar que tais manifestações, principalmente a atuação leiga mais carismática, surgem como meios de contenção de uma perda de fiéis cada vez mais latente na instituição, e ainda, uma tentativa de reaproximação dos católicos com a instituição.

A relação da religião com a Modernidade, nas reflexões de Hervieu-Léger (2008) tem como grande influenciadora a teoria da secularização, que desenvolveu traços específicos nesse período e foi associada ao enfraquecimento social e cultural da religião. Para compreender esse enfraquecimento, é necessário lembrar as características da Modernidade, que coloca à frente, em todos os domínios de ação, a racionalidade, e no âmbito das relações mantém o *status* social por meio da educação adquirida e da formação, e não apenas como herança ou por atributos pessoais. Quanto à explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento científico.

---

<sup>7</sup> BEOZZO, 2001.

Apesar de estar longe de realizar os ideais acima apontados, a sociedade moderna, “através desse sonho de um mundo inteiramente racionalizado pela ação humana, exprime um tipo particular de relação com o mundo” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.32). Nisso, é fundamentada a autonomia do “indivíduo-sujeito, capaz de ‘fazer’ o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria vida” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.32). Essa suposta oposição entre sociedades tradicionais que vivem sob a constituição das crenças “irracionais” e sociedades modernas racionais também revela inconsistências. No entanto, ao destacar essa oposição, fica marcada outra característica fundamental da Modernidade: a cisão com o mundo da tradição, pois o próprio indivíduo é visto como legislador de sua vida, e não mais as instituições tradicionais que estipulam todos os códigos de conduta.

Por fim, a Modernidade possui uma diferenciação das instituições. O processo de racionalização levou à especialização dos diferentes domínios de atividades sociais, e em tese os lados políticos e religiosos se separaram. Assim, cada esfera funciona segundo uma regra do “jogo” que lhe é própria, o que não significa que não influenciem umas às outras, mas é diante dessas características que as instituições tradicionais perdem espaços normativos e regulamentadores. No que concerne às instituições religiosas, nesse caso a Igreja católica, perde-se em grande medida o espaço de atuação política e educacional, e progressivamente, devido ao aumento de escolhas e autonomia do indivíduo-sujeito, o enfraquecimento também ocorre no âmbito espiritual.

Com intuito de debater e traçar ações de contenção à perda de fiéis, podemos considerar que as conferências, os concílios e os sínodos demonstram a necessidade de reformulação institucional. De forma significativa, o Vaticano II abre brechas para constituições de novos mecanismos de práticas católicas, que não se referem apenas aos leigos, mas também à organização de bispos e arcebispos, que fomentam debates mais localizados sobre a realidade de suas igrejas.

Nesse período, o diálogo entre a Igreja brasileira, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Igreja latino-americana, representada pela Conferência Episcopal Latino-Americana<sup>8</sup> (Celam), é fortalecido, buscando por meio das conferências gerais, tais como a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), seguindo por Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), posicionar-se diante das situações econômicas, sociais e

---

<sup>8</sup> Fundado em 1955, durante o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, sob o pontificado de Pio XII, o Celam tem sede em Bogotá, com ação pastoral da Igreja na América Latina e no Caribe. CELAM. Quienes somos. *Celam*. Disponível em: <[https://www.celam.org/quienes\\_somos.php](https://www.celam.org/quienes_somos.php)>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

culturais. Nesse sentido, é enfatizada a preferência pela “Igreja dos pobres” e a luta pelos direitos humanos. Dessa forma, abriram-se espaços para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que se apresentam como uma das realidades mais expressivas pós-Medellín, responsáveis pela libertação do povo de Deus. Além disso, nas conferências de 1979 e 1992, temas como pluralidade, juventude e diversidade já começam a aparecer com mais entusiasmo. As discussões em Puebla (1979), por exemplo, recomendaram dar mais importância a todos os meios que favorecessem a evangelização e o crescimento na fé, entre eles retiros, jornadas, encontros, cursilhos e convivências.

No ano de 1992, com a Conferência de Santo Domingo, em consequência das discussões sobre o secularismo, consta nos documentos a preocupação da instituição com tal assunto, pois a crença em Deus era considerada incompatível com a liberdade humana e a religião, uma atitude anti-humana e alienante (CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO EM SANTO DOMINGO, 1992, p.127). Era esse um dos desafios da Nova Evangelização, se não o principal: o secularismo. Em resposta à instituição, propunha-se no documento reconhecer a existência de catolicismos, e que, para conseguir a conversão e a evangelização ao cristianismo, os novos protagonistas seriam os leigos, devendo estes serem participantes ativos da Nova Evangelização. É válido lembrar do investimento da Igreja sobre o papel das classes urbanas, formadas nas universidades e em centros técnico-científicos e organizadas para além das fronteiras locais em movimentos de caráter internacional.

Esse contexto corrobora para o crescimento dos “novos movimentos”, mas sobretudo das “novas comunidades”, sejam elas das CEBs, sejam elas dos movimentos carismáticos. E estas florescem significativamente após a segunda metade do século XX em resposta às necessidades da Igreja católica em enfrentar o secularismo. Segundo Prandi (1998), o movimento da Renovação Carismática fora um dos mais adaptados às novas propostas e buscas da Igreja católica, sobretudo sobre os novos métodos e os novos meios de evangelização. Diferentemente do catolicismo progressista das CEBs, que possuía o foco nas questões sociais, os carismáticos estavam voltados mais a buscar a experiência espiritual de “dentro para fora” e a vivência real na Santíssima Trindade, submetendo-se à hierarquia institucional, em uma perspectiva de oposição.

Afirma Prandi (1998) que em 1978, quando João Paulo II assume o papado, as tendências conservadoras ganham espaços mais férteis. O apoio que a RCC encontrou no Vaticano com o então novo papa, principalmente na América Latina, em grande medida é devido ao grupo assumir uma perspectiva que assume a luta contra o Pentecostalismo de Cura Divina e contra a Teologia da Libertação. As atividades espirituais desse grupo, muitas vezes,

consistem em orações e cantos que transformam o local em um ambiente festivo, uma experiência de êxtase com o sagrado, com retiros e cenáculos, além de glossolalia, o que não demora para constituir a nova “cara” do catolicismo, com cantores católicos e padres midiáticos, que inicialmente partem dos grupos carismáticos e posteriormente abrem espaço para a visibilidade dessa relação estreita entre música e evangelização, além da presença destes nas TVs e nas rádios. Dessa forma, os movimentos carismáticos, segundo Prandi (1998), mostraram-se capazes de encher novamente as igrejas, com fervor e devoção.

Diante desses apontamentos, pode-se considerar que a Igreja católica repensa seus métodos e práticas, como, por exemplo a transição de missas para língua vernácula, tornando assim mais compreensíveis os ritos litúrgicos, e paulatinamente apresentando medidas normativas de participação de leigos nos ministérios de música e liturgia, além de reorganizar novos encontros e eventos para a celebração da Eucaristia, em que padres cantam durante a missa ou são presididos por meio de *shows* e apresentações de artistas, ou seja, são tentativas de fornecer práticas católicas que não sejam apenas a missa tradicional. Isso significa que a instituição passa a fazer reflexões mais atentas às singularidades e pluralidades das mais diferentes construções históricas e sociais, além de pensar que para distintas idades devem ocorrer distintas metodologias, e os jovens acabam por ser os principais exemplos de vivências, procurando algo que fuja das práticas tradicionais e ambientes mais festivos.

## 1.2. Os jovens e as medidas institucionais católicas

Em 1985, proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional da Juventude, o papa João Paulo II escreveu a carta apostólica *Dilecti Amici*. Em seu escrito, o sumo pontífice discorre sobre o futuro estar na juventude, o que corresponde a pensar as categorias humanas transitórias e as categorias éticas segundo as exigências de responsabilidade moral (JOÃO PAULO II, 1985, p.2). Sobre os jovens, o papa declara que são “[...] a riqueza de descobrir e ao mesmo tempo programar, escolher, prever e assumir como próprias as primeiras decisões que terão importância para o futuro na dimensão estritamente pessoal da existência humana”<sup>9</sup> (JOÃO PAULO II, 1985, p.4).

---

<sup>9</sup> “[...] La riqueza de descubrir y a la vez de programar, de elegir, de prever y de asumir como algo propio las primeras decisiones, que tendrán importancia para el futuro en la dimensión estrictamente personal de la existencia humana”.

João Paulo II (1985) aponta na carta que é o tempo do discernimento e dos talentos, o tempo dos múltiplos caminhos, no qual os jovens devem seguir o Evangelho e desenvolver toda a atividade humana, o trabalho e a criatividade. Ainda reforça que a instrução dos jovens, além de ocorrer por meio das instituições escolares e familiares, só será completa por meio de uma autoeducação, ou seja, os jovens também são responsáveis por suas escolhas. É nesse sentido que o papa destaca que todos devem conhecer o amor de Deus, trazendo como fundamento que os jovens, ao conhecerem a verdade, serão livres e viverão a liberdade que procuram. Considera ainda o então chefe supremo da Igreja, na carta, a procura emocional dos jovens, e como mensagem final os convida a se reunirem na Praça de São Pedro, em Roma, no ano seguinte. Em 1986, vários jovens peregrinaram até a capital italiana, dando início às Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), que viriam a se tornar uma prática recorrente. As JMJ consistem na visita do papa a uma cidade escolhida, em que, durante a peregrinação dos jovens, são distribuídos materiais catequéticos, mapas de monumentos e locais que marcam a memória católica, além de outras atividades.

A crescente movimentação dos jovens ganha espaço principalmente entre os fiéis que viam os grupos, as partilhas, as trocas emocionais, as dinâmicas, a música e a dança como meios de participação e de experiência religiosa. As metodologias são vistas como as mais diversas: celebrações, pregações, testemunhos, teatros, caminhadas, romarias, oficinas, gincanas, conjuntos musicais, trios elétricos, palestras<sup>10</sup>, questões essas presentes nos documentos da CNBB (2007) que abordam a juventude. Desse modo, Igreja católica propõe o incentivo de partilha de experiências e a valorização das diferentes expressões culturais como meio pedagógico de formação e envolvimento de jovens (dança, teatro, esporte, grafite, paródias, arte, bandas). A CNBB menciona:

Integrar o racional com o simbólico, a afetividade, o corpo e o universo. Esta abordagem deve estar presente nos diferentes momentos de formação dos jovens: na vida dos grupos, nas reuniões de coordenação, nos cursos, nos retiros, nas celebrações litúrgicas para jovens e nas atividades desenvolvidas em conjunto. Para esta finalidade é importante a acolhida, a experiência de fraternidade, a utilização da música, dos testemunhos pessoais nas palestras, das dinâmicas e dos simbolismos. Para muitos jovens o encontro com Jesus Cristo passa, num primeiro momento, pela vida afetiva, no sentir-se acolhido e estar num ambiente de alegria e amizade. (CNBB, 2007, p.84).

---

<sup>10</sup> CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. 164 p., il. (Documentos da CNBB, p.85).

No Documento Final de Aparecida (2007)<sup>11</sup>, realizado pelo Celam, os jovens não aparecem como seres manipuláveis, como ocorre no Documento Final de Puebla (1979). Assim, alega que a juventude

[...] tem capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para procurar descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p.90).

Entretanto, o documento enfatiza como na América Latina e no Caribe a pobreza limita o crescimento harmônico e gera exclusão. Além disso, afirma que a transmissão de valores já não acontece por meio das instituições tradicionais e que os jovens são de fácil acesso as novas propostas religiosas, por terem em muitos casos carências afetivas e passarem por conflitos emocionais, além de educação de baixa qualidade, limitando os horizontes de vida. Outros pontos importantes nesse quesito são a falta de atuação jovem na política para que esta seja menos corrupta, os suicídios de jovens e a migração, ou seja, a oportunidade de melhoria de vida. O documento também considera que a instituição familiar é ainda significativa, mas, por vezes, diante de questões como divórcio, conflitos geracionais e ausência de figura paterna ou materna há uma emancipação do contexto de origem familiar, o que leva a completar que

A amizade intercâmbio, frequentemente mesmo em grupos mais ou menos estruturados, possibilitam reforçar competências sociais e relacionais num contexto onde não se sentem avaliados nem julgados. A experiência de grupo constitui também um grande recurso para a partilha da fé e a ajuda recíproca no testemunho. Os jovens são capazes de guiar outros jovens, vivendo um verdadeiro apostolado no meio dos seus amigos. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p.38).

O documento ainda esboça diversas situações que permeiam a vida dos jovens marcando a experiência de dor, como mal-estar psicológico, depressão, doença mental, distúrbios alimentares e suicídio. Apesar de contarem com a ajuda de comunidades cristãs, nem sempre estas estão adequadamente equipadas para os acolher.

Esse documento, conforme vai se desenvolvendo, coloca um valor significativo na figura dos jovens como portadores de uma abertura à diversidade e atentos a temáticas como paz, inclusão e diálogo entre culturas e religiões. O uso da arte, da música e do desporto é

---

<sup>11</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. Versão Vaticana. Disponível em: <<http://redelatina.marista.edu.br/>>. Acesso em: 2 de fev. de 2020.

importante para os jovens, que, por vezes, têm na expressão artística uma autêntica vocação profissional, além de utilizá-la para a evangelização.

Desse modo, o documento apresenta-se como uma dialógica entre diversas teologias da Igreja católica, considerando o social, o econômico, o político e os carismas, pois, ao passo que aborda os elementos que perpassam a juventude, ressalta que a instituição também se rejuvenesce. Essa nossa afirmativa resulta na seguinte frase: “O Espírito rejuvenesce a Igreja. A juventude é um período original e estimulante da vida, que o próprio Jesus viveu, santificando-a” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p.21). E conclui, “por conseguinte, não se trata de criar uma nova Igreja para os jovens, mas sim de redescobrir com eles a juventude da Igreja, abrindo-nos à graça dum novo Pentecostes” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p.21).

Em última análise, o documento *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (2017), produzido pelo Sínodo dos Bispos, também traz importantes subsídios a essa discussão. Ele é realizado em cima de contribuições dos Episcopados e da colaboração de pastores, religiosos, leigos, peritos e educadores, por meio de um questionário *on-line*.

Uma das questões levantadas pelos padres sinodais é o contexto de pluralidade e globalização, ainda que em um mesmo país, que leva a juventude a ser diferente em cada localidade. O Sínodo expõe que a faixa-etária não representa uma homogeneidade, mas é composta de grupos que vivem situações peculiares, e que a juventude deve ser vista no “plural”. Enfatiza ainda que os jovens reconhecem e acolhem as diversidades culturais, colocando-se a serviço da comunhão do Espírito. O Espírito Santo é o protagonista do caminho vocacional, é o “mestre interior”, apontam a teologia dos carismas. Então, todos os indicativos na carta são para seguir a ideia do crescimento vocacional.

Nesse sentido, há o acompanhamento integral, em que os aspectos espirituais precisam estar bem integrados aos aspectos humanos e sociais. Isso significa que é necessário o acompanhamento psicológico ou psicoterapêutico estar aberto à transcendência, ou seja, não perder as perspectivas da existência do sagrado, pois assim pode ajudar não só a percorrer com paciência a história pessoal, mas também a reabrir interrogativos para se chegar a um equilíbrio afetivo mais estável (OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL, 2017, p.35).

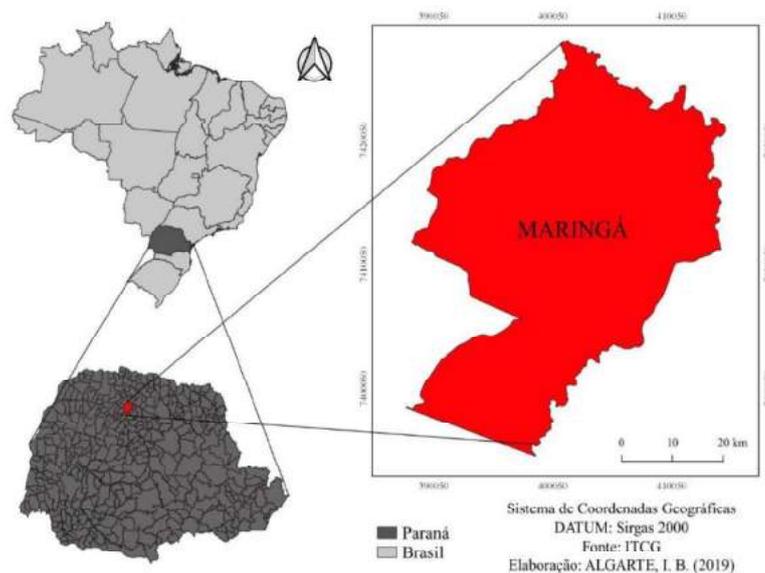
O documento é tanto um chamado à vocação quanto ao ser missionário e se compromete nessas diversas esferas. Isso condiz com a busca contínua não apenas de normatização, mas também de meios para que esses jovens possam se identificar com a instituição e levar o evangelho, de modo a representar a figura de Cristo, que se põe a caminho com as pessoas:

Jesus caminha, escuta, compartilha. Assim, percebemos que os mais recentes documentos que citam os jovens e que são direcionados especificamente a eles partem da convocação para que os jovens batizados sejam missionários, atuantes e participativos da fé cristã.

### 1.3. Maringá enquanto uma cidade católica

A fundação da cidade de Maringá, na segunda metade do século XX, é contemporânea a esse repensar ocorrido no seio da instituição católica. A cidade, inclusive, é divulgada sob o signo da Modernidade, do planejamento estratégico das ruas e das avenidas e da construção da Catedral na área central. Tal Modernidade aqui não é vista como opositora, mas complementar à identidade católica. Dessa forma, a Igreja em Maringá pode ser percebida dentro do contexto da construção histórica e memorialista da cidade, pois esta foi constituída de forma significativa pelo catolicismo. Elevada a município oficialmente em 10 de maio de 1947, Maringá está localizada no noroeste paranaense (Figura 1).

**Figura 1-** Mapa de localização de Maringá



Fonte: ITCCG

Por meio de discursos das companhias colonizadoras de especulação imobiliária e de uma cultura econômica capitalista de desenvolvimento e progresso, as terras de Maringá, assim como as de outras cidades do norte e do noroeste paranaense, foram vendidas. A Companhia

Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP)<sup>12</sup>, principalmente a partir da terceira década do século XX, por meio de publicidades, chamava a atenção de migrantes e imigrantes para o norte do estado<sup>13</sup>. Podia-se produzir nas terras roxas e férteis, onde o cultivo de diversos frutos e cereais seria proveitoso. Tais apontamentos não podem ser sustentados, isso partindo do pressuposto da presença indígena das etnias Guarani, Xokleng e Kaingang nessas terras, conforme alegam Lúcio Tadeu Mota e Francisco Silva Noelli (1999), e posteriormente caboclos e engenheiros, que começaram a povoar a região.

A ideia de habitar a região foi concebida por um tempo a partir do empreendimento da CMNP. Giovani Marrafon Gonzaga (2018) menciona que a história de Maringá é também atrelada à composição memorialista de uma cidade católica e cristã desde sua formação e que deve seu exponencial progresso à presença da Igreja. A ocorrência dessa visão, segundo Gonzaga (2018) pode ser atribuída ao conceito de “memória coletiva”, considerando que essas representações do passado apresentam recorrência e repetição sobre um grupo significativo de pessoas. Maringá “está atrelada à história do estabelecimento da Igreja católica na cidade, traçando um perfil do maringaense associado a uma identidade católica pioneira” (GONZAGA, 2018, p.29).

As memórias coletivas podem ser fragmentadas, sendo capazes de reproduzir marcos iniciais e seus principais pilares organizacionais; por vezes, um ou outro tema sobre o passado maringaense é privilegiado. A influência da Igreja católica é de grande valia, visto que era uma instituição estratégica com um papel de suporte à educação e à saúde no município. Isto sugere o grande espaço da instituição dentro das perspectivas econômicas e políticas da época. Mas o que Gonzaga (2018) traz à luz é a necessidade de questionar as narrativas que propõem uma homogeneidade, visto que já existiam outras religiosidades não cristãs na cidade – de forma mais específica, as religiões afro-brasileiras.

---

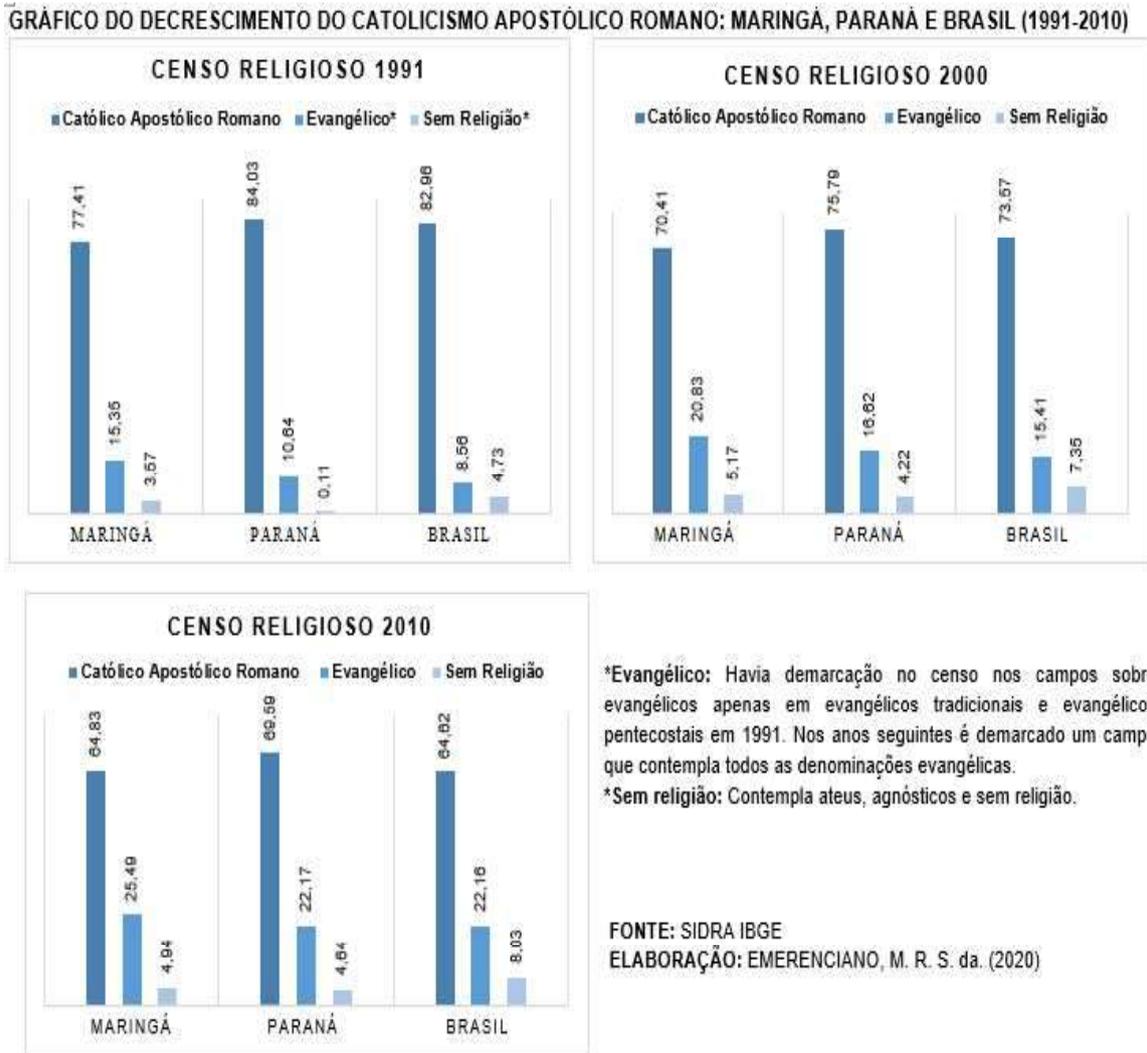
<sup>12</sup> “A narrativa comum a todas as produções é o fato de Maringá ser resultado do planejamento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), empresa de raízes britânicas, com uma administração realizada por empresários paulistas, quando estes compram os direitos sobre as terras que seriam conhecidas como Norte Novo paranaense. O município cresceu exponencialmente, graças à contribuição de populações oriundas de todo Brasil, como também, e principalmente, da Europa e do Japão. Tal progresso não seria possível sem presença da Igreja católica, que providenciaria à sua população maringaense, as condições básicas de qualidade de vida” (GONZAGA, 2017, p.20).

<sup>13</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do Estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; ROLLO, José Henrique (Org.). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999. O autor busca revisar algumas questões de historiografia sobre o “vazio demográfico”, como relatado por René Mussalam e Nadir Cancián em Londrina, na região norte paranaense, partindo principalmente da perspectiva apresentada por Lúcio Tadeu Mota sobre a presença de pessoas nessas localidades antes das companhias de colonização.



religioso, os dados mostram 91,1% de católicos; no entanto, no último censo, de 2010<sup>14</sup>, o número cai para 64,0%<sup>15</sup>. Levantamos abaixo os censos referentes também ao Paraná e a Maringá, o que apresenta também esse decréscimo nos adeptos do catolicismo entre os anos de 1991-2010.

**Gráfico 1 - Decréscimo do catolicismo apostólico romano: Maringá, Paraná e Brasil (1991-2010)**



Fonte: SIDRA IBGE

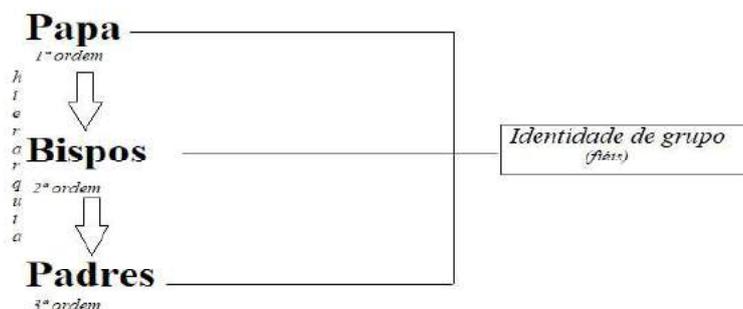
Em Maringá, o número de evangélicos desde 1991 é bem maior do que a proporção equivalente ao Paraná e ao Brasil, enquanto o número daqueles que declaram não terem

<sup>14</sup> IBGE. Atlas do Censo Demográfico 2010. *Censo 2010*. Disponível em: <[https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pente\\_costal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pente_costal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf)>. Acesso em: 11 de set. de 2019.

<sup>15</sup> Sobre a França, Hervieu-Legér (2008, p.86) esclarece que “Em um país em que 64% dos indivíduos se declaram ainda católicos, mas onde menos de 10% deles vão à missa aos domingos (e não mais de 2,5% destes têm idade entre 18 e 25 anos), a referência à ‘normalidade’ religiosa encarnada pelo praticante regular perde em boa parte sua pertinência”.

qualquer religião caiu de 2000 a 2010. Mas, ao considerar que o município tem em sua construção de história e memória uma forte presença da Igreja católica, é significativo percebermos que outras religiões também demarcam o cenário de maneira expressiva. Isso é fundamental para compreendermos a postura adotada pela instituição em Maringá e as características que influenciam a manifestação das práticas católicas na cidade, o que se inicia com Dom Jaime, que já tencionava suas ações para que os leigos continuassem sob a hierarquia da instituição e procurava medidas de abrir mais as normas institucionais em contextos que permitiriam o desenvolvimento do Hallel posteriormente. Além disso, essas medidas adotadas pela instituição perpassam os outros arcebispos, Dom Murilo Krieger (1997-2002), Dom João Braz de Avis (2002-2004) e Dom Anuar Battisti (2004-2019).

Sobre as dificuldades que a Igreja enfrenta, é possível observar pelo período em que Dom Jaime busca construir a Catedral. Selson Garutti (2006, p.89) relata que essa construção começou em agosto de 1958 e terminou apenas em 1972 – a parte de concreto. Uma das questões para essa demora e dificuldade seria a pouca participação dos fiéis na arrecadação monetária, pois eles priorizavam investir o dinheiro em decoração externa de ruas e praças, montagem de festas, quermesses e/ou bailes. Com isso, o arcebispo passou a difundir certos cultos romanizados, como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e os grupos Filhas de Maria e o Apostolado da Oração. Um de seus argumentos para sustentar o processo de instalação desses cultos foi que “Tais festas religiosas tradicionais haviam sofrido um desvirtuamento, tornando-se manifestações secularizadas transformando-se em oportunidades de lazer onde o foco de interesse externo havia suplantado os atos religiosos no interior da Igreja” (GARUTTI, 2006, p.89). A tentativa de Dom Jaime, além do pecuniário, acaba por conceber uma ideia de hierarquização, para que os fiéis dessem a devida importância ao vínculo da unidade a toda a hierarquia eclesiástica.



Garutti (2006) entende como eficaz a ideia de uma mentalidade romana hierarquizada na pastoral, já que, ao romper com o devocionismo, “passou a se manter pela institucionalização hierárquica constituída por uma pastoral sacralizada, em que se precisava de um ministro consagrado para fazer acontecer o rito sacramental” (GARUTTI, 2006, p.90). Além disso, o arcebispo ainda podia delegar

a função de assessor de uma determinada pastoral específica e/ou movimentos [com a introdução destes na pastoral orgânica da Igreja, tais como Cursilho da Cristandade, a Renovação Carismática Católica, o Movimento Mariano, o Movimento Familiar Cristão etc.]. (GARUTTI, 2006, p.92).

Isso significa que mesmo os movimentos mais autônomos da instituição eram assessorados e acompanhados por alguma figura autorizada pela instituição. Considerando que os mais diversos grupos de leigos começavam a florescer já em meados de 1960, essa ação de Dom Jaime em procurar romanizar e hierarquizar a Igreja católica em Maringá desenvolve também o processo histórico de formação pastoral da cidade, organizando também os leigos “[...] através de ‘normatizações’ pastorais, entre elas, a construção de novas paróquias calcadas nos moldes de um ideário pastoral sacralizado, rompendo com possíveis tradições de remanescentes de irmandades e/ou grupos similares” (GARUTTI, 2006, p.93).

Os moldes pastorais das comunidades tradicionais tinham como foco os ritos sacralizantes de seus padroeiros, através de celebrações, ritos e festas agrícolas, enquanto o modelo romanizado [hierárquico] implantado por Dom Jaime era calcado na noção eclesial da hierarquia eclesial dada pela aplicação de uma pastoral centrada nos sacramentos, implementada através das cartas episcopais e pastorais e desenvolvidas por meio dos planos de ação pastoral. (GARUTTI, 2006, p.93).

Isso demonstra que foram tomadas medidas normatizadoras sobre as novas formações de movimentos leigos e católicos em Maringá. Entretanto, a abertura para esses grupos ocorre devido às pressões de lideranças leigas. Nas reflexões de Garutti (2006),

Dom Jaime, pressionado pelas lideranças leigas, acabou dando uma certa abertura aos movimentos leigos, podendo assim intensificar as ações dos movimentos do Apostolado da Oração, bem como do Movimento Familiar Cristão [MFC], do Cursilho de Cristandade, das Congregações Marianas, Escolas de Pais, bem como encontros de jovens destes movimentos. Já que teria que aceitá-los na diocese, promoveu um curso para os leigos, intitulado “O Leigo na Igreja”. (GARUTTI, 2006, p.79).

Essas relações não saem do contexto social e histórico que as instituições de maneira em geral sofriam. Maringá era uma cidade majoritariamente católica, e possui características

da Modernidade, com mais autonomia na hora de fazer escolhas, mais oferta de outras crenças, que podem não ser apenas religiosas, como política, universitária, econômica, e que são setores que também passam a regulamentar perspectivas de realidade. Não é de estranhar que a Igreja católica em Maringá esteve presente na constituição dos cursos de ensino superior na cidade – no qual Dom Jaime foi o primeiro professor da disciplina de Ética e primeiro diretor da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá, criada em 1959 e que deu origem à atual Universidade Estadual de Maringá (UEM)<sup>16</sup> – e nos meios de comunicação – em rádios, na televisão, com a TV Cultura, e em jornais, com a *Folha do Norte do Paraná* (1962-1979), o primeiro jornal episcopal do Sul do Brasil, fundado pelo próprio Dom Jaime<sup>17</sup>.

#### 1.4 Os movimentos leigos e as pastorais como formas de manutenção do catolicismo

Percebemos que são várias as medidas que tomam espaço das ações da instituição católica na cidade. O que nos chama atenção são justamente os movimentos leigos e o florescimento de diversos grupos e pastorais. Esses são respostas tanto de uma instituição que busca se adaptar aos fiéis quanto delineações fortemente presentes nas práticas católicas na Modernidade. Tais grupos possuem funções significativas nesse cenário religioso. Uma vez que esses podem constituir os módulos evangelizadores no Hallel, há de se destacar que sua atuação assume intuitos de conversão e de aproximação das práticas católicas. Sua ação, portanto, é fundamental, pois, embora os participantes do Hallel possam ter experiências individuais, ele é um evento de vivência coletiva, assegurado pela participação dos grupos que instituem a prática religiosa católica.

Se há evidentemente uma identidade católica, percebemos que essa não é homogênea, e os presentes no Hallel asseguram tal diversidade, aspecto sentido como positivo pelos participantes do evento, que elogiavam a “*diversidade de módulos, qualidade dos convidados*” e ainda questionavam o porquê de não haver módulos de alguns movimentos: “*faz uma tenda/módulo Cursilhista, vemos RCC... mas cursilhistas estão sempre presentes também*”<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> GARUTTI, 2006, p. 83.

<sup>17</sup> GONZAGA, 2018, p. 37.

<sup>18</sup> Nossa descrição tenta elucidar como seria a ação do Movimento Cursilhista de Cristandade (MCC). Esse movimento tem quatro instâncias, sendo realizado um para solteiros, outro para casais, e cada qual é separado pelo sexo (os encontros do casado, da casada, do solteiro e da solteira). São retiros de 4 dias, em Maringá, por ser o local onde está a Arquidiocese, reunindo pessoas interessadas de todas as cidades que fazem parte da circunscrição arquidiocesana. Após os 4 dias, alguém que já faz parte do grupo busca esses novos cursilhistas, em suas cidades para falar sobre suas experiências. Os solteiros e casados, homens e mulheres, fazem parte da mesma comunidade. A linguagem consiste em: partir da realidade concreta das pessoas; possibilitar viver o fundamental cristão; e lançar a um apostolado nos ambientes. É um movimento vinculado aos movimentos da Ação Católica. Surge na Espanha entre 1943-1949, associado a Juventude Ação Católica Espanhola, e sua difusão ocorre em 1953.

Essa oferta é referente à procura dos próprios representantes de movimentos leigos da Igreja católica para disporem alguma atividade e/ou módulo.

Quando Mauro Pereira Menegazzo Silva<sup>19</sup> (2019), um dos organizadores, aborda os módulos, ele enfatiza que o Hallel de Maringá seguia a linha de Franca, pelo fato de evangelizar por meio de diversas frentes, como a música, que a seu ver é a atividade principal e que mais chama atenção, e as pregações, e nesse sentido,

*[...] envolvendo todas as pastorais ou grande parte das pastorais, nós temos a RCC, que tá sempre presente conosco, nós temos o Movimento Familiar Cristão, nós temos os Filhos de Maria, nós temos evangelização através de teatro, evangelização através da música do rock, né. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

Os outros movimentos citados pelos organizadores são a Pastoral da Escuta, os Vicentinos, e de forma geral os grupos de jovens e de oração. Os módulos reuniam em um mesmo local diversos grupos e frentes da Igreja católica. Nos dias que acontecem o Hallel, há grupos que participam dos módulos expositores. No corredor inicial anteriormente narrado, podiam estar ali congregações de ordens seculares e regulares, como os seminaristas diocesanos, os franciscanos, os beneditinos e as clarissas. Podia-se ver também algumas pessoas com as indumentárias de suas ordens no local. A participação de irmã Zélia, assim chamada pelas pessoas, demonstra o interesse dessas congregações, bem como a participação do Pe. Beto no Módulo Artes.

Entretanto, a participação dos grupos de oração dos leigos é muito maior. Alguns, como os Arautos<sup>20</sup>, associação que prega o celibato, vivendo em casas destinadas especificamente para rapazes e moças, entre suas atividades dão mais ênfase à formação da juventude. Algumas das organizações e pastorais em que atuam os leigos da Arquidiocese que encontramos no Hallel foram:

- Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)<sup>21</sup>, também conhecida como Vicentinos, criada em 23 de abril de 1833 em Paris, França. Seu trabalho é voltado à caridade. A SSVP é membro da ONU, participando do Conselho Econômico e Social (Ecosoc). No Brasil, a

---

Autorizado pelas conferências episcopais desde 1962, surgem esses movimentos no Brasil, mas recebendo reconhecimento somente em 2004. MOVIMENTO CURSILHO DE CRISTANDADE DO BRASIL. Nossa Missão. MCC. Disponível em: <<https://www.cursilho.org.br/>>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

<sup>19</sup> Menegazzo Silva é um de nossos entrevistados, e esteve presente na organização do Hallel em Maringá desde 1995. Sobre ele, o presente texto segue com uma descrição na p.44.

<sup>20</sup> ARAUTOS MARINGÁ. Associação internacional de fiéis de direito pontifício. *Arautos*. Disponível em: <<http://maringa.arautos.org/>>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

<sup>21</sup> SSVP. Home. *A Sociedade de São Vicente de Paulo*. Disponível em: <<https://ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

instituição foi fundada em 1872. O grupo atua provendo alimentos, roupas e remédios aos mais necessitados. No Hallel, é responsável pela coleta dos alimentos doados pelos participantes.

- Renovação Carismática Católica (RCC)<sup>22</sup>. Surge em Maringá no final da década de 1970. Esse grupo tem uma linguagem espiritual nos dons do Espírito Santo, com foco na expressão corporal e na música. O movimento tem diversos grupos de orações e realiza retiros, cenáculos e encontros. Com um módulo no Hallel chamado RCC, algumas pessoas que participam dos grupos realizam palestras, pregações e *shows* no evento.

- Pastoral dos Surdos<sup>23</sup>. A CNBB Sul 2 relata que oficialmente a Pastoral dos Surdos iniciou em 1950, por meio de Padre Eugênio Oates e do Monsenhor Vicente Penido Burnier. No Paraná, a grande precursora dessa pastoral foi a religiosa Nydia Moreira Garcez, fundadora da escola Epheta em 1950. Com a escola, aconteceram muitos simpósios sobre deficiência auditiva em Curitiba. No ano 2000, a Pastoral dos Surdos foi reconhecida pelos Bispos do Regional Sul 2, oficializando sua atuação no Paraná. No evento, por alguns anos a pastoral esteve no módulo Mãos que Evangelizam, além de participar das missas na tradução para Libras. Na última edição, os membros dessa pastoral não montaram um módulo, mas estiveram em seis atividades distintas, como intérpretes de duas missas e quatro pregações.

- Infância e Adolescência Missionária (IAM)<sup>24</sup>, voltada a crianças e adolescentes, com o intuito de aprofundar o compromisso missionário desde a infância e abordar a solidariedade. Foi fundada em 1843 por Dom Carlos Forbin Janson, Bispo de Nancy, França. O lema do fundador é “Ajudar as crianças por meio das crianças, ou crianças evangelizando e ajudando crianças”. A imagem que representa essa organização é justamente a que encontramos no último Hallel, no Módulo Hallelzinho, que é com crianças, denotando a pluralidade étnica.

- Movimento Familiar Cristão (MFC)<sup>25</sup>. Tem seus primeiros indícios no Uruguai, no final dos anos 1940. Ali foram feitas as primeiras experiências de grupos de casais, com criação oficial em 1950. Em julho de 1955, durante o Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro, os casais uruguaios e os argentinos trouxeram o MFC e o partilharam com os casais Lya e Sollero, Jean e Neusa e Júlio e Madalena. O movimento é voltado para formação

<sup>22</sup> RCCMARINGÁ. Quem somos. RCC. Disponível em: <<http://www.rccmaringa.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

<sup>23</sup> CNBB REGIONAL SUL2. Pastoral dos Surdos. CNBBS2. Disponível em: <<https://cnbbs2.org.br/pastoral-dos-surdos/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

<sup>24</sup> CNBB REGIONAL OESTE 2. IAM. CNBBO2. Disponível em: <<https://www.cnbbo2.org.br/organismos/infancia-missionaria/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

<sup>25</sup> MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO. Nossa história. MFC. Disponível em: <<http://www.mfc.org.br/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

conjugal, preparação para o casamento, encontros de casais, debates com pais ou alunos nas escolas, manutenção de instrumentos e centros de orientação conjugal e familiar e trabalho com menores carentes. Tem como um dos nortes o desenvolvimento e a vivência dos valores humano-cristãos, a fim de que possa cumprir sua missão de formador de pessoas. No Hallel, geralmente organiza o Módulo Família.

São diversas frentes, e cada uma surge em um contexto histórico diferente, visando a questões plurais e distintas que apontam para uma manutenção religiosa entre os leigos que se encontram em grupos e situações culturais, sociais, etárias e históricas distintos. Algumas dessas frentes são vinculadas aos movimentos carismáticos, outras ligam-se à Ação Católica<sup>26</sup>, como é o MFC, e às pastorais, que também são um investimento; em outros casos, os participantes são, em sua maioria, pertencentes a algum grupo de oração. Aqui citamos algumas que pudemos identificar no Hallel, mas a Arquidiocese de Maringá tem identificado em seu *site* 51 pastorais e organizações que envolvem leigos<sup>27</sup>, enfatizando a atenção para atendimento espiritual com base nas distintas identidades. Ressaltamos, porém, que isso não significa que todos os movimentos são aceitos sem alguma tensão, seja pela instituição<sup>28</sup>, seja até mesmo por

---

<sup>26</sup> Associação civil católica criada em 1935 por dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, em resposta às solicitações do Papa Pio XI para que fossem fundadas em todo mundo associações leigas vinculadas à Igreja, “com a finalidade de estabelecer o reino universal de Jesus Cristo”. Em 1966, as novas diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) determinaram seu desaparecimento. Vide: FGV CPDOC. Ação Católica Brasileira. CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb>>. Acesso em: 16 de abr. de 2020.

<sup>27</sup>organizações e Pastorais estão: Amor Exigente, Apostolado da Oração Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, Escola de Evangelização Santo André, Federação das Congregações Marianas, GDI - Grupo de Diálogo Interreligioso, Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística (M.E.C.E.), Movimento Apostólico de Schoenstatt, Movimento dos Focolares; Movimento Ecumênico de Maringá (Mecum); Pastoral Carcerária; Movimento Renascer, Pastoral Afro-Brasileira, e Pastoral da Pessoa Idosa. E ainda há quatro nominalmente direcionadas à juventude: setor Juventude, Projeto Desperta Jovem, Pastoral da Juventude e Juventude Missionária, o que não significa que nos outros movimentos a adesão de jovens seja pequena. ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Pastorais. *Arquidiocese de Maringá*. Disponível em: <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/pastorais>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

<sup>28</sup> Uma narrativa da RCC em Maringá sobre si conta o seguinte: “Vale lembrar ainda um fato que marcou a nossa história. Quando já estávamos dando passos bem mais arrojados como o Cristo Show em plena praça pública (em frente à rodoviária) surgem mudanças na Paróquia São José e fomos “convidados” a nos retirarmos de lá. Nessa época ainda havia poucos grupos em Maringá. Com a não permissão para o uso da Igreja São José ocorreu fenômeno bem curioso; logo começaram a surgir grupos em várias partes da cidade, em casas, salões paroquiais, colégios, locais públicos, etc. Foi a grande explosão na RCC em Maringá. De 5 grupos que havia até então, em pouco tempo já passavam de 20. Também começam a surgir os primeiros passos de organização institucional da RCC com as primeiras equipes de serviço, eventos de grande porte no dia de Pentecostes (enquanto foi permitido). O principal deles aconteceu em 1993, no Estádio Willie Davids completamente lotado e com a presença do Padre Jonas Abib. Quando todos pensavam que esse Pentecostes abriria definitivamente as portas ocorreu exatamente um fechamento. Este episódio serve bem para ilustrar como foi complicada a história da Renovação em Maringá [...] Nada de orgulho para nós nessa breve história. Apenas registrar as maravilhas que Deus pode fazer com pessoas que não confiam em si, mas se colocam nas mãos de Deus. Ele sim pode fazer tudo quando encontra corações abertos e disponíveis à ação do Espírito Santo.” RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Quem somos. *RCC Maringá*. Disponível em: <<http://www.rccmaringa.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 29 de jul. de 2020.

outros grupos. Tal questão também contempla o Hallel, pois não são todos os movimentos que aderem ao evento com espaço propício para realizarem suas atividades.

Para os organizadores, envolver distintas pastorais e organizações tanto leva as pessoas que pertencem a esses grupos para o local quanto possibilita que elas conheçam esses movimentos, pois “*os módulos de cada grupo de oração acabam levando o grupo para lá. E aí conhece mais a fundo o Hallel*” (GANEIO, 2019)<sup>29</sup>. Conclui-se, assim, que isso se torna uma rede, na qual as pessoas conhecendo o Hallel também podem levar suas pastorais para o evento. Assim, é importante perceber que os pregadores ou artistas manifestam sua espiritualidade de maneiras distintas. Por exemplo, no Módulo Pregadores, ou no Palco Central, se o convidado é de frentes carismáticas ele desenvolve sua pregação com uma linguagem particular desse movimento.

É nesse cenário que podemos considerar que mesmo uma cidade constituída por uma história de forte vínculo com o catolicismo desde os anos iniciais já enfrentava os impactos da Modernidade. Dessa maneira, são instituídas medidas que possam conter os impactos dessas transformações, principalmente aos adeptos do catolicismo que tinham cada vez mais contato com as mídias, com a imprensa, com os grupos, com a educação formal e com outras culturas. Normatizar questões como a formação de grupo de leigos, mas manter concepções de hierarquia, legitimá-los por meio de cartas episcopais, atestam os assessores, são formas de contenção.

Diversos são os métodos que atingem tanto adultos como idosos, como os programas de padres e/ou missas televisionados via rádio e internet. De modo significativo, não podemos deixar de ponderar que essas transformações afetaram principalmente a juventude, que circula com mais fluidez entre diversos espaços, o que nos leva a pensar que a flexibilização e as novas formas de se repensar as ações pastorais consideram esses jovens, que estão criando e participando desses novos grupos, entretanto, isso não se aplica somente a eles.

Todavia, um estudo de Cecília L. Mariz (2005) revela por meio do censo de 2000 que são os jovens entre 15 e 25 anos de idade os mais secularizados no Brasil, e essa característica é ainda mais forte entre os universitários.

O percentual de universitários que se declaram sem religião tende a ser sempre maior do que o encontrado na população mais ampla [cf. Steil, Alves e Herrera, 2001; Camurça, 2001; Cardoso, Perez e Oliveira, 2001, entre outros]. Os dados revelam também que os jovens católicos são menos praticantes: a proporção dos que se dizem

---

<sup>29</sup> Cirlei Aparecida Ganeio é uma das organizadoras do Hallel com quem realizamos entrevistas, e a descrição sobre ela está na p. 45.

católicos praticantes é menor do que a encontrada em outras pesquisas entre a população mais ampla [cf., por exemplo, Fernandes, 2002]. (MARIZ, 2005, *on-line*).

O que a autora discorre é que esses jovens podem assimilar com mais facilidade uma afinidade com extremos ou experiências radicais. É nesse sentido que ela afirma que a flexibilização das normas sociais e mais recentemente o desenvolvimento das tecnologias permitem as escolhas individuais, que afrontam as definições antes estipuladas pela tradição. Todas essas questões corroboram para compreender como há mais assimilação em eventos e atividades percebidos como diferentes por parte do público jovem.

Esses apontamentos nos levam a duas questões importantes: primeiro, que a Modernidade abre brechas para a realização do Hallel, considerado um produto para conter as características desse contexto. À medida que pesquisamos o evento, e levando em conta que é um local de aglomeração desses grupos, é certo afirmar que Maringá encontra nisso uma forma de manter as normativas do catolicismo. Assim, a pluralidade de grupos que a cidade abarca pode ser vislumbrada por meio do Hallel, o que não significa que englobe todos os agrupamentos. Assim, alguns dos grupos que identificamos foram os Vicentinos, a Renovação Carismática Católica, os Arautos, o Movimento Familiar Cristão, a Pastoral dos Surdos e o Projeto Mais Vida. Além disso, entre o público há uma diversidade ainda maior, como a Pastoral da Juventude, o Movimento Cursilho de Cristandade, entre outros, o que se refere a uma tentativa de evangelizar e converter indivíduos por meio desses grupos.

Já a segunda questão é que, apesar de o evento apresentar um público variado, ele é realizado visando à juventude. Isso está vinculado tanto à vivência de uma religiosidade compartilhada em grupos de jovens quanto a um catolicismo mais festivo, principalmente com *shows* e dinâmicas, ou seja, um público que busca um catolicismo menos tradicional. Dessa forma, temos de um lado a instituição e os organizadores, que buscam evangelizar e converter, e do outro um público majoritariamente jovem, que procura novas formas de religiosidade.

Visto o cenário religioso sobre a relação institucional e a juventude, passamos para apresentação de quatro organizadores e coordenadores do Hallel, que participaram de entrevistas de história oral.

### **1.5. A história oral e os organizadores do Hallel**

Considerando que o Projeto Mais Vida organiza o Hallel em Maringá, entrevistamos quatro integrantes do grupo para compreender suas motivações, dificuldades e visões quanto à realização do evento. Todas as entrevistas foram realizadas em 2019, entre os meses de agosto e dezembro, e buscamos entrevistar membros que estavam desde a primeira edição do Hallel em Maringá até os mais recentes envolvidos na coordenação do evento. O primeiro, Mauro Pereira Menegazzo Silva, conhecemos durante a participação nos acampamentos de 2018, no feriado do dia 15 de novembro – Proclamação da República –; o segundo, Olavo Rodrigues Araújo Júnior, foi mencionado pelo nosso primeiro entrevistado como um dos principais organizadores, tanto do Projeto Mais Vida quanto do Hallel. Já Cirlei Aparecida Ganeo, nossa terceira entrevistada, foi nosso primeiro contato do Projeto Mais Vida para saber mais sobre o Hallel, e em 2014 foi uma das coordenadoras do evento; nossa última entrevista foi realizada com Alberto Haddad, coordenador geral do Hallel em 2018 e vice-coordenador no ano seguinte. Quando entramos em contato com os entrevistados, o roteiro de entrevista já prescrevia que eles tinham de estar cientes sobre as questões que seriam abordadas durante a conversa.

Assim, optamos pela História Oral como uma de nossas fontes. Portelli (1996, p.60) afirma primeiro que “O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos”. Assim, mesmo com o roteiro, quem concorda responder a uma entrevista não reduz a própria vida em “um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros” (PORTELLI, 1996, p.60). A motivação de narrar consiste em expressar o significado da experiência desses fatos, e recordar e contar já é interpretar. Ao construir e atribuir um significado às próprias experiência e identidade, o entrevistado parte da sua subjetividade. Já tratando-se de uma memória relacionada à experiência religiosa, essas narrativas revelam uma relação entre a religiosidade, as vivências afetivas e o vínculo emocional. Essa consciência religiosa, de significações e ressignificações, é recontada a partir de uma percepção que sai do presente e vai para o passado.

A primeira entrevista, com Menegazzo Silva, engenheiro civil aposentado de 62 anos de idade, foi realizada em 27 de agosto de 2019. Católico, ele pertencia ao grupo Cristi, mas depois de participar do terceiro acampamento juntou-se ao Projeto Mais Vida, e atualmente contabiliza mais de 25 anos de projeto. Menegazzo Silva geralmente colabora como assessor das tribos e comunidades que se formam nos acampamentos, realizando pregações e outras atividades. Participou tanto da realização dos *shows* do Martin Valverde, em conjunto com o projeto, quanto da primeira edição do evento. No Hallel assumiu principalmente a função de coordenador da estrutura – montagem de palcos, estandes, barracas – e é um dos membros

fundadores do Associação Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas (Marev) e diretor da entidade.

Já Olavo Rodrigues Araújo Júnior foi entrevistado em dia 1º de outubro de 2019. Araújo Jr., 53 anos de idade, é formado em Agronomia pela UEM, mas posteriormente formou-se em Psicologia pela faculdade Cesumar, atual Unicesumar, e é este seu ramo de atuação. De família católica, participou do Grupo Cristi, da mesma forma que Menegazzo Silva, mas, durante os acampamentos dos encontros de evangelização, decidiu, em conjunto com outras pessoas, formar o Projeto Mais Vida, isso em 1992. Esse projeto dá palestras para os campistas. O psicólogo foi um dos responsáveis por trazer o Hallel para Maringá, em 1995, atuando como coordenador dessa primeira edição, na qual esteve até o ano 2000 de maneira consecutiva. Geralmente Araújo Jr. está na programação do Hallel como palestrante, e não raro o vemos no Palco Central falando sobre os primeiros anos de organização. Participa ainda como palestrante de retiros como o Renascer, além de trabalhar com músicos do cenário católico, como Martin Valverde e Miguele, por meio de sua gravadora<sup>30</sup>.

Cirlei Aparecida Ganeo, 57 anos de idade, terceira entrevistada, isso no dia 11 de dezembro de 2019, é formada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mudou para Maringá depois de passar no concurso público para bibliotecária. Ganeo diz que atualmente se dedica integralmente ao Projeto Mais Vida como tesoureira. Criada na religião católica, sempre envolvida nos movimentos, em Londrina começou na Legião de Maria<sup>31</sup>. Já estabelecida em Maringá, acabou entrando na Renovação Carismática, e em 1996 fez o primeiro acampamento, mas apenas deu continuidade fazendo o acampamento 2 em 1999, quando participou do primeiro Hallel. Na época foi coordenadora do Módulo de Santos. Depois de três anos nesse módulo, começou a coordenar o espaço das livrarias, onde ficou aproximadamente 6 anos, até que passou para a coordenação geral dos módulos. Depois, passou a fazer parte da coordenação geral ou da vice-coordenação. Nos últimos anos, Ganeo ajudou de modo mais geral, sem uma atribuição específica, mas continua ativa no Projeto Mais Vida e, de forma esporádica, frequenta os encontros da RCC.

Já Alberto Haddad, o único com quem não conversamos em sua residência, e sim em seu local de trabalho, foi entrevistado em 19 de dezembro de 2019. Haddad, 52 dois anos, é

---

<sup>30</sup> Solo Sagrado Eventos e Produções.

<sup>31</sup> A Legião de Maria, movimento fundado no século XX na Irlanda, chegou ao Brasil em 1954. Maria é a imagem que rege o trabalho dos associados desse movimento, em que a crença se pauta na representatividade do papel de mãe como atuante na Igreja católica, ou seja, as atividades legionárias de Maria. Entre as práticas, estão a reza do terço, a visita dos leigos às casas de idosos, aos enfermos, em presídios etc. – “é uma Associação civil, religiosa, de caráter doutrinário, assistencial e cultural”. Ver: CNBB REGIONAL SUL 2. Legião de Maria. *CNBBS2*. Disponível em: <<https://cnbbs2.org.br/legiao-de-maria/>>. Acesso em: 5 de abr. de 2020.

graduado em Direito pela UEM e atua como advogado, além de ser empresário. De família católica, assim como os outros entrevistados, entrou no Projeto Mais Vida a convite de um amigo para o acampamento, Paulo Guerra, já falecido. Em 2020, Haddad completaria 17 anos de Projeto. Sua participação no Hallel foi progressiva, começando com uma missão em comunidade para cuidar do Módulo Acampamento. Depois, passou para a venda de camisetas, participou do *marketing* e da imprensa do Hallel, e por fim revezou com Ganeo por diversos anos entre coordenação e vice-coordenação, com exceção da edição 25, em que foi vice-coordenador, tendo Anna Cláudia Vilha como coordenadora. Além de exercer a coordenação do Projeto Mais Vida, ele tem como missão a participação em uma ONG, chamada Recanto Mundo Jovem, uma casa de repouso para dependentes químicos.

Todos os entrevistados têm o Projeto Mais Vida como uma das principais atividades dentro da Igreja católica em Maringá, participando de assessorias das tribos e comunidades formadas no acampamento, realizando pregações nas etapas e ainda participando de alguma forma na organização do Hallel. Nesse sentido, quando partimos da História Oral para analisar o evento, devemos considerar que este ainda é uma realidade vivenciada pelos participantes, pois durante as entrevistas as memórias ainda estavam sendo reproduzidas, recontadas, revividas, não havia um ciclo findado. Tais memórias são um trabalho da própria memória em si, “Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p.7). Visto isso, passamos a traçar as feições do Hallel na cidade de Maringá com base nas perspectivas de nossos entrevistados, e um dos traços é o Mais Vida, por conta de seu caráter organizador.

## **1.6. O movimento leigo organizador do Hallel: o Projeto Mais Vida**

Diante das questões acima e considerando a configuração de um cristianismo afetivo e de vivência em comunidade, neste tópico procuramos apresentar o movimento leigo que realiza o Hallel, o Projeto Mais Vida, que surge nesse contexto de florescimento e crescimento de grupos leigos católicos. O Mais Vida pertence à Arquidiocese de Maringá e realiza acampamentos religiosos para pessoas acima de 21 anos, participa da preparação de missas e de reuniões abertas semanais, além de promover reuniões de formação espiritual e o próprio Hallel.

O grupo surgiu no ano de 1992, quando alguns jovens que participavam do Grupo Cristi – de formação de líderes religiosos e trabalhos de conversão – decidiram criar um novo grupo de evangelização por meio de acampamentos, inicialmente assessorado pelo Pe. Júlio Antonio da Silva. Na entrevista de Araújo Jr., este se refere ao Cristi como uma turma, conduzida por D. Maria das Dores, com vertentes das “novas comunidades”, mas que não tinha uma linguagem puramente da renovação, e ressalta: “*A linguagem dele não era puramente da Renovação, mas também era muito aberto [...], eles tinham uma comunicação com todo mundo ali*” (ARAÚJO JR., 2019).

Araújo Jr. também recorda que naquela época participava dos encontros Evangelização 2000, que contavam com algumas poucas pessoas do Grupo Cristi e da RCC da Arquidiocese de Maringá. O evento reunia pessoas de várias localidades, como Londrina e Apucarana, não mais que cinco de cada cidade. De Maringá, lembra de Ziza, Judite, Lurdinha, Cibele, Mara, Rafael e Álvaro. Nesse contexto, ele fez dois dos seis cursos que a Arquidiocese proporcionou: o Formação Integral do Jovem (FIJ) e o Formação Humana, sendo o primeiro organizado por Tia Lolita<sup>32</sup>. Segundo o psicólogo, em um dos momentos no seminário onde ocorria esses encontros ouviu dizer que teria um acampamento de evangelização, com dinâmicas e barracas de *camping*, e foi quando teve o primeiro contato com tal prática. Foi em Franca que ele foi capacitado por Martin Valverde, em 1992, no Carnaval: “*Ele conduziu a fogueira, tudo, e aí em 92, em outubro, a gente fez o primeiro acampamento*” (ARAÚJO JR., 2019).

Em 1993, quando organizaram o *show* de Valverde no ginásio Chico Neto<sup>33</sup>, em Maringá, o grupo que fez o acampamento foi denominado de Mais Vida, segundo Araújo Jr. (2019), que ressalta: “*Praticamente a gente saiu do grupo Cristi e daí fundamos o Mais Vida. Também não era Mais Vida, era Projeto Vida*”. A Imagem 2 vai ao encontro de tal afirmativa, pois posteriormente, para criarem o CNPJ do grupo, mudaram o nome para Projeto Mais Vida. O nome, sugere o entrevistado, deve-se ao fato de o grupo propor por meio de seus acampamentos e acompanhamento de formação espiritual e pessoal uma melhor qualidade de

---

<sup>32</sup> Tia Lolita (2017) tem indicativos sobre o período da Evangelização 2000 e parte desse ponto para também explicar o surgimento da Escola Hallel. Depois da realização do I Hallel em Franca, ela teria entrado em contato com Pe. Jonas Boran, da Pastoral da Juventude (PJ), e com a CNBB, em Brasília, órgão responsável pela evangelização dos jovens no Brasil. Com intenção de dar continuidade ao que havia vivido em Franca, ela preparou o FIJ. Vide: ALVES, 2017, p.166.

<sup>33</sup> O Chico Neto é o ginásio de Esportes de Maringá e está localizado na Vila Olímpica, ou Complexo Esportivo Jaime Canet Júnior, local que torna a cidade um centro de referência para o esporte na região. São quase 122 mil m<sup>2</sup>, que acomodam: o Estádio Regional Willie Davids; o Ginásio de Esportes Chico Neto; o Ginásio Valdir Pinheiro; o alojamento para atletas; o Parque Aquático; as quadras de areia; o velódromo; e a pista de atletismo. A Vila fica próximo à Universidade Estadual de Maringá, na Av. Colombo, 5905 - Zona 07. MARINGÁ. Maringá turística. *Maringá*. Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/turismo/?cod=atrativos-turisticos/6>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

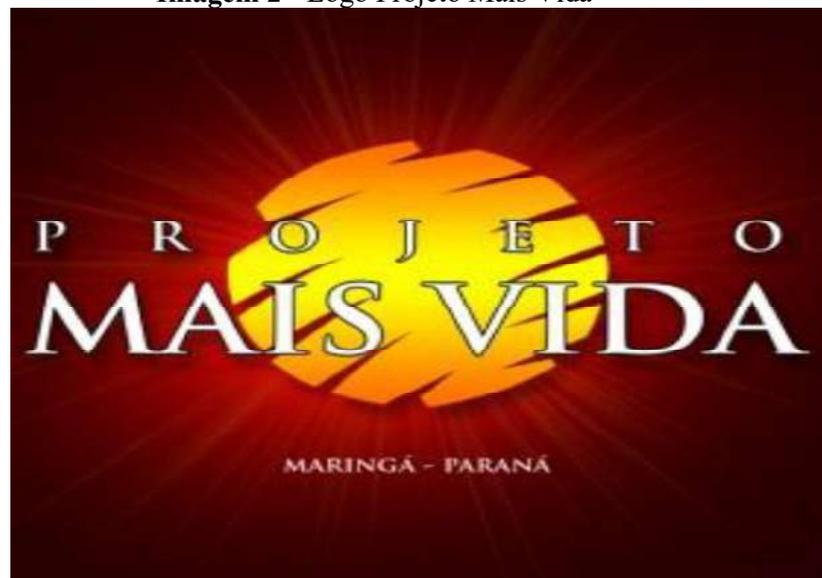
vida, mas podemos conjecturar que “Projeto Mais Vida” também sugere dar mais vida ao catolicismo em Maringá, apresentando uma nova dinâmica de prática católica em grupo na cidade. Isso pode ser percebido no logo do grupo (Imagem 2), em que há uma circunferência alaranjada, como um sol, referindo-se à luz, e que também pode ser assimilado ao desenho da Eucaristia.

**Imagem 1 - Martin Valverde em Maringá**



Fonte: ARAÚJO JR. (1993)

**Imagem 2 - Logo Projeto Mais Vida**



Fonte: Disponível em: <<http://arquiocesedemaringa.org.br/pastorais/29/projeto-mais-vida-hallel>>. Acesso em: 22 de mar. de 2020.

O Projeto Mais Vida, a partir desse rompimento com o Grupo Cristi, passa a utilizar a linguagem do querigma<sup>34</sup>, que é o uso das perspectivas de amor de Deus, pecado e salvação, conversão do Espírito Santo e comunidade. Segundo Araújo Jr. (2019), o querigma é usado pelos cristãos como o Anúncio da Verdade. Nesse sentido, o grupo utiliza os acampamentos para apresentar o que é o amor de Deus, o pecado e a salvação, com intuito de conversão e vivência em comunidade. As atividades e características do grupo consistem em:

Acampamento Nível I: para maiores de 21 anos. Ocorre em locais afastados, na zona rural, com barracas de *camping*, em um período de quatro dias. Qualquer pessoa acima da idade citada pode participar, independentemente de religião, cidade ou sexo. Nessa etapa os campistas, em torno de 60-70 participantes, são separados em tribos<sup>35</sup> de 10 pessoas, que participam de dinâmicas e partilhas. Nesses acampamentos, as atividades são realizadas majoritariamente dentro dessas pequenas tribos, assessoradas por membros do Projeto Mais Vida, mas também ocorrem as atividades com todos os campistas. No final dessa etapa, as seis ou sete tribos viram uma comunidade. Nos acampamentos, também são realizadas missas.

Encontros Mensais: etapas de formação espiritual. Esses encontros ocorrem a partir de cada comunidade formada pelos acampamentos, entre a manhã e a tarde de um domingo. Acontecem no mosteiro do projeto. Por exemplo, uma nova comunidade foi formada após o acampamento de 2018, e por seis meses seguidos os membros dessa comunidade participaram dos encontros de formação e partilha, sendo inclusive monitorados quanto ao número máximo de faltas que podem ter. Os membros ainda podem realizar etapas extras de encontros, na casa de algum dos participantes, mas isso é facultativo. O grupo ainda participa de alguma atividade de assistência social, de escolha da própria comunidade, conhecido como Missão. No Hallel, atua na venda de camisetas e bebidas, o que também é dado como Missão para as comunidades em formação.

Acampamento Nível II: as pessoas que fazem as etapas de formação anterior participam, depois de seis meses, de um novo acampamento, agora de três dias. Assim como o Acampamento Nível I, a maioria das atividades é realizada em tribos. Entretanto, há algumas

---

<sup>34</sup>O *kerigma*, traduzido para o português como querigma (do grego, “mensagem”), é percebido como o “primeiro anúncio” da “boa nova” de Cristo, ou seja, a mensagem para a salvação. O querigma carismático tem como base: I-O amor de Deus; II-A consciência do pecado; III-Jesus Salvador; IV-Fé e conversão; V-Unção do Espírito Santo de Deus; VI-Viver em comunidade; VII-Testemunho de vida e transformação social. Esse último detém neste momento nossa atenção. LAURICIO, Jeronimo. Querigma. *Paulus*. Disponível em: <[https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn\\_gYIhKjIU](https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn_gYIhKjIU)>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

<sup>35</sup> Definição do próprio projeto, no qual há um sentido de progressão: tribo nos acampamentos, comunidade nas etapas (encontros mensais) e Projeto Mais Vida nos encontros, ou seja, a junção de todas as comunidades.

com todos os membros da comunidade. Esse acampamento é realizado no mosteiro do Projeto Mais Vida.

Encontros Mensais: passado o Acampamento Nível II, mais seis encontros são realizados, similares aos anteriores. Em todos eles os membros do Projeto Mais Vida são chamados para fazer pregações e conduzir os encontros, que preparam os membros para a formação final, na qual aqueles que seguiram todas as etapas recebem um documento de formação, o *Envio*. Durante esse processo, as pessoas podem desistir, em critério individual, podendo retornar apenas nas comunidades que são formadas posteriormente. Apesar de não ter a necessidade de professar a religião católica, para participar dos dois acampamentos e receber o *Envio* é preciso ter os sacramentos do Batismo, da Eucaristia e da Crisma.

Reuniões abertas semanais: encontros realizados no Centro Catequético da Arquidiocese, com pregações, adoração ao Santíssimo, oração de terço, recepção dos campistas e partilhas dos membros. É aberto a todas as idades e não há necessidade de ter participado dos acampamentos para ir a essas reuniões. Consiste em treinamento para núcleos em processo de evangelização e de pessoas para assumirem o papel de assessor e acompanhar os campistas e comunidades, além de realizar ações sociais em Maringá.

É possível perceber até aqui a ação não apenas de evangelização, mas também de conversão operacionalizada dentro do grupo. Não se trata de trazer os sem religião ou adeptos de outras religiões, necessariamente, mas de permitir, como destaca Hervieu-Léger (2008), que o indivíduo se redescubra dentro da religião da qual fazia parte sem necessariamente experienciá-la. Ou seja, parte-se do domínio da dimensão comunitária para atingir a dimensão afetiva.

Sob todas as formas que acabamos de evocar, a conversão cristaliza ao mesmo tempo um processo de individualização, que favorece o caráter que se tornou opcional da identificação religiosa nas sociedades modernas, e o desejo de uma vida pessoal reorganizada, em que se exprime, muitas vezes, sob uma forma mais ou menos explícita, um protesto contra a desordem do mundo. Esta dimensão protestante da conversão nutre a aspiração utópica da entrada, simbólica e afetiva, em uma comunidade ideal que pode ser colocada em oposição à sociedade ambiente. Esta expectativa pode se realizar, hoje como em outras épocas, em criações comunitárias. Estas se esforçam por antecipar, na escala reduzida do grupo dos convertidos, um estilo de relações sociais e interpessoais contrastáveis à sociedade ambiente. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.125).

Na Figura 3, demarcamos alguns dos locais onde ocorrem as atividades do projeto. A Catedral, que fica localizada no centro de Maringá, na Zona 02, está em amarelo, e é onde acontecem as missas, com a participação do Projeto Mais Vida. O Centro Catequético, em

verde, está localizado na Zona 01, perto da Catedral, e é local de diversas atividades da Arquidiocese, como catequeses, cursos e encontros de grupos leigos, tal como as reuniões semanais do projeto. Por fim, observamos o mosteiro, demarcado em laranja, local afastado do centro, no Jardim Industrial. O acesso é por uma estrada de terra e há em sua proximidade prédios construídos de outros movimentos leigos da Arquidiocese, tal como o MFC.

**Figura 3 - Pontos de encontros frequentes do Projeto Mais Vida**



Elaboração: ALGARTE (2020)

Por algum tempo, o grupo teve como atividade o Marev (Imagem 3). Criado em 1996, teve suas atividades iniciadas em 1997, pois havia uma procura da parte de dependentes de álcool e/ou drogas, que participavam dos acampamentos e buscavam ajuda visando recuperarem-se da dependência. O Marev é hoje uma entidade autônoma, desmembrada do Projeto Mais Vida.

Imagem 3 - Marev



Fonte: Disponível em: <<http://www.marev.com.br/site/>>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

Quanto ao Hallel, o grupo é responsável por sua realização desde 1995, o que inclui escolher as atrações, organizar os *shows* e a programação, convidar os movimentos e pastorais, além de cuidar do *marketing* e da publicidade do evento, inclusive do levantamento de patrocínio.

Imagem 4 - Folder Hallel



Fonte: ARAÚJO JR. (1996)

O grupo tem uma linguagem que busca falar da “criança interior”, que foi ferida e talvez possa carregar traumas. Além disso, enfatiza uma linguagem de amor-próprio, da busca do individual, para que então, a partir da identificação da dor, da resignificação, essa a pessoa possa sentir o amor de Deus. É um grupo bem diverso, em que há pessoas de classes, idades e

orientação sexual diversas. No entanto, notamos que grande parte é de alta escolarização, contando com a presença de psicólogos, engenheiros, bibliotecários, advogados, farmacêuticos, professores, entre outros. Atualmente, é assessorado pelo diácono Jair Benália<sup>36</sup>, seguindo a estrutura que mencionamos sobre a hierarquia institucional nos grupos da Igreja católica em Maringá<sup>37</sup>.

Neste primeiro capítulo – por meio da discussão com a bibliografia especializada, dos documentos produzidos pela Igreja católica na segunda metade do XX, em momento concomitante à criação de Maringá, e da história oral –, procuramos evidenciar as estratégias adotadas pelo catolicismo diante do diálogo com a Modernidade e do empenho por uma aproximação entre os jovens e a Igreja. Percebemos que essa perda de adeptos se dá nas esferas local, nacional e mundial. Nesse sentido, a Igreja católica precisa repensar seus rituais e suas formas de evangelização, e até mesmo de conversão, a fim de manter os fiéis vinculados à prática religiosa.

Atrair os jovens parece ser o grande dilema, e é nesse sentido que historicizamos não apenas a criação, mas também a manutenção do Hallel em Maringá. Considerando que a cidade se apresenta como católica, a manutenção dos fiéis é essencial não apenas para a sobrevivência do catolicismo, mas para a memória da cidade. Nesse sentido, observaremos a seguir que em Maringá o evento não é subsidiado apenas pela instituição católica, mas por sociedades e indivíduos que não necessariamente se identificam como católicos, e mesmo órgãos públicos contribuem para essa manutenção.

Averiguamos ainda a associação social da Igreja católica por meio de seus movimentos, que se esforçam para dialogar com o social, oferecendo apoio, acolhimentos e formas de assegurar qualidade de vida espiritual. Realizamos entrevistas que foram fundamentais para compreender o Projeto Mais Vida e suas diversas frentes de ação para a evangelização, mas que também oferecem apoio a pessoas, não necessariamente católicas, que buscam alguma forma de equilíbrio e espiritualidade. Percebemos, por fim, que no cenário local do catolicismo, em diálogo com o nacional e o internacional, a própria figura do praticante tende a mudar de sentido, não mais operacionalizando a noção de “obrigação”, fixada pela instituição, mas se organizando em termos de “imperativo interior”, de “necessidade” e de “escolha pessoal”, tal como bem observou Hervieu-Léger (2008). Particularmente sensível entre os jovens católicos

---

<sup>36</sup>ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Pastoris. *Arquidiocese de Maringá*. Disponível em: <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/pastoris/29/projeto-mais-vida-hallel>>. Acesso em: 4 de maio de 2020.

<sup>37</sup> Vide página p. 36-37.

praticantes, essa valorização da autonomia de escolher a prática em relação à imposição institucional também é o que permite que os interessados, em alguns casos, interpretem a norma. É possível ser católica sem ir à missa todos domingos, e vale a motivação e o desejo em participar dos acampamentos, dos eventos de música, ou seja, há outras formas de se experienciar o sagrado. A fonte da obrigação é, antes de mais nada, pessoal e “interior”. A comunidade é importante para “dar apoio” ao indivíduo e “incitá-lo à fidelidade”; mas nem a comunidade, como também a instituição, que lhe permite “situar-se”, não podem, no fim das contas, prescrever nada ao fiel. Assim foi que uma estudante resumiu esse sentimento de maneira lapidar: “A gente está lá, mas não é obrigado a nada. Fazemos porque queremos fazer”, escreve Hervieu-Léger (2008, p.86). Esse sentimento pode ser esmiuçado no Hallel, quando os participantes responderam que não participariam da bênção final, que é um culto Eucarístico, porque suas caravanas iriam embora antes, ou ainda aqueles que enfatizaram: “*Não, porque não me senti atraído*” ou “*Não, porque não concordo com tudo que dizem*” (2016). Isso demonstra, portanto, que as escolhas estão vinculadas a interesses individuais.

## CAPÍTULO 2 - A religião em movimento e a organização do Hallel em Maringá-PR

É certo que as instituições religiosas precisam enfrentar o desafio de desinstitucionalização na atualidade. Sobre esse aspecto, Hervieu-Léger (2008) observa que elas encaram esse desafio em condições diferentes. No catolicismo, por exemplo, a validação do crer é assegurada por um magistério institucional, e, portanto, oferece uma capacidade de resistência mais forte diante dessas mudanças.

O regime católico da validação institucional inscreveu-se, historicamente, na continuidade de uma civilização paroquial onde a conformação dos fiéis se realiza através do culto e a administração dos sacramentos. Inseparável tanto da existência de comunidades territorializadas e estáveis e da presença de uma hierarquia religiosa suficientemente numerosas para enquadrá-las, esse modelo paroquial está, hoje, em completo remanejamento. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.175).

Ainda assim, a mobilidade e o desenvolvimento dos intercâmbios religiosos minaram os fundamentos sociais e culturais do universo religioso paroquial, mas isso não significa abrir mão de uma experiência religiosa regulamentada pela religião. As manobras da Igreja católica a fim de atrair/manter o público jovem não podem ser entendidas do ponto de vista da história das religiões, como mero *marketing* comercial, desconsiderando a experiência religiosa. Atentemos onde acontece o Hallel, o Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro: não se trata de um espaço religioso. Como observa Eliade (2010), o homem ocidental moderno pode experimentar certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado (hierofania)<sup>38</sup>.

Convém destacar, portanto, que para o homem religioso o espaço não é homogêneo, pois apresenta rupturas, quebras, com porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. É o que observamos no Hallel, em que há toda uma estrutura que visa sacralizar o espaço, instituir a experiência religiosa. O Ostensório com a Eucaristia é um desses marcadores, o que significa a presença do Deus vivo naquele espaço, e a realização das missas, a Capela do Silêncio e o Módulo de Maria contribuem para a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço.

Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma

---

<sup>38</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. (ELIADE, 2010, p.25-26).

Se para a experiência profana o espaço é homogêneo e neutro, sem que se diferenciem qualitativamente as diversas partes de sua massa, a experiência do sagrado consagra o território. Eliade (2010) afirma que nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Desse modo, manifestando o sagrado, um espaço qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, pois permanece participando do meio cósmico envolvente. Atentemos ao local do evento.

## 2.1. A escolha do Parque de Exposições para a realização do evento

O Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, construído para a realização de eventos, é o espaço onde o Hallel é realizado na cidade de Maringá. Já levou o nome Emílio Garrastazu Médici<sup>39</sup> até os anos de 1994/1995<sup>40</sup>, mas atualmente homenageia um dos empresários tido como dos mais influentes e atuantes da cidade, tendo sido inclusive diretor da Sociedade Rural de Maringá (SRM). O parque está localizado (Figura 4) na avenida Colombo<sup>41</sup>, umas das principais vias que cortam Maringá, com acesso a cidades vizinhas, como Sarandi. Além disso, há outras construções de grande fluxo de pessoas em um raio de 5 quilômetros, como o Shopping Cidade Maringá e mercados e hipermercados de venda em atacado e varejo. O local tem a dez alqueires, o que corresponde a 248 mil metros quadrados de área total<sup>42</sup>.

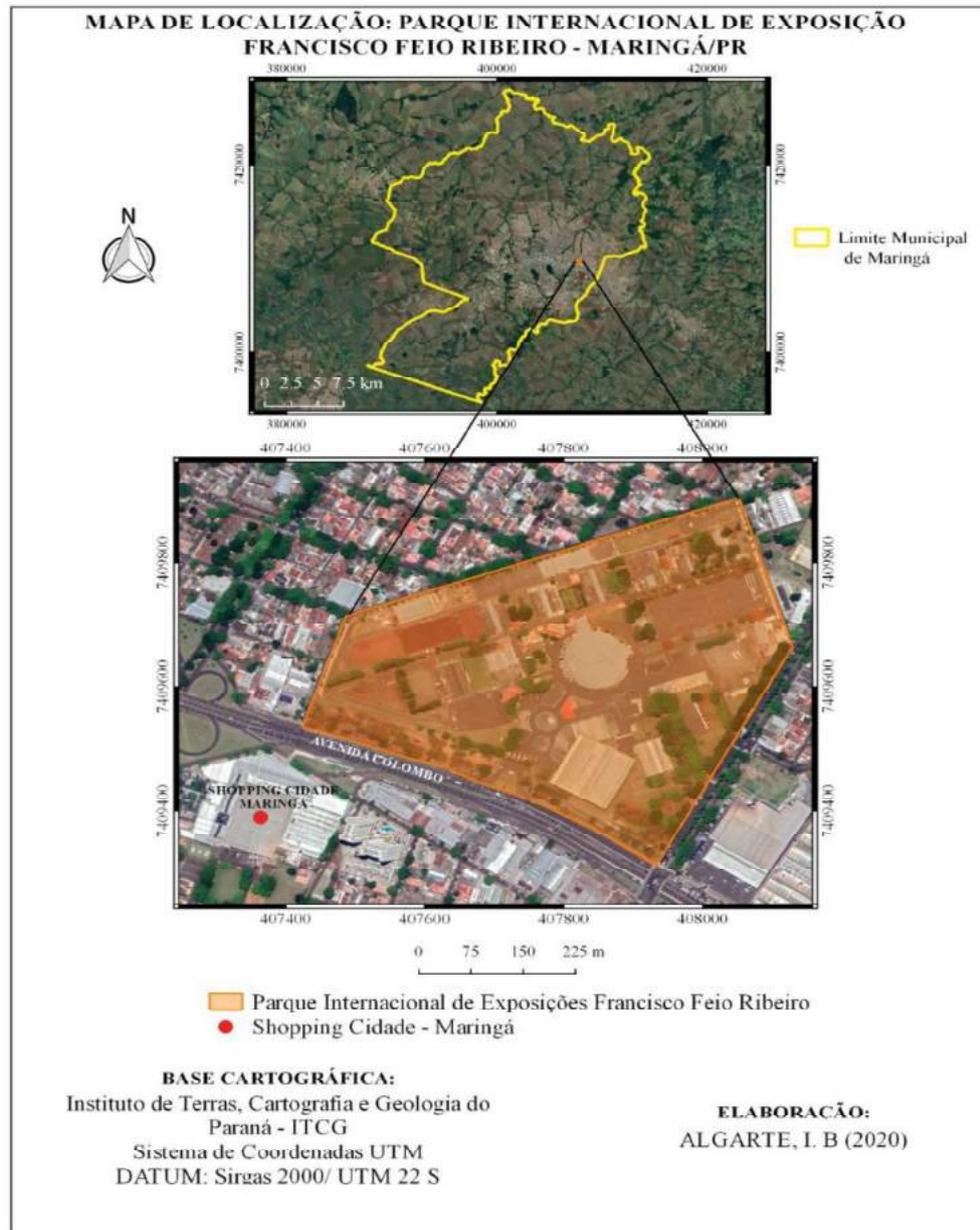
<sup>39</sup> MARINGÁ HISTÓRICA. *Parque de Exposições Emílio Garrastazu Médici* - Década de 1980. Disponível em: <<http://www.maringahistorica.com.br/2017/04/parque-de-exposicoes-emilio-garrastazu.html>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

<sup>40</sup> Em 1995, na primeira matéria sobre o Hallel que encontramos n’*O Diário*, o nome de referência ao parque ainda era Emílio Garrastazu Médici. Em 1996, já encontramos o nome atual. Ver: I Hallel de Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p.4, 29 de jul. de 1995; II Hallel de Maringá prossegue hoje. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p.6, 14 de jul. de 1996.

<sup>41</sup> Parte da BR 376, que dá acesso às principais regiões do Estado do Paraná. SRM. Disponível em: <<http://srm.org.br/site/estrutura-srm/>>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

<sup>42</sup> BARROS, Rafaela De Angelis; ALBERTIN, Ricardo Massulo; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. Análise do uso dos equipamentos urbanos durante a Expoingá na cidade de Maringá/PR. In: *II Simpósios de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e os espaços de produção*, ago. 2013. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/anais/ii\\_seurb/documentos/barros-rafaela-de-angelis.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/barros-rafaela-de-angelis.pdf)>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

**Figura 4 - Mapa de localização Parque de Exposições**



Elaboração: ALGARTE (2020)

O parque tem à sua frente a administração da SRM. São diversos os eventos realizados no espaço, tais como grandes *shows*; feiras de negócios; solenidades, como colação de grau de universidades – UEM e Unicesumar, por exemplo; festas universitárias, como a micareta Calouro Folia, considerada uma das maiores do sul do Brasil; comemorações de aniversário de Maringá; e a realização da Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Maringá (Expoingá)<sup>43</sup>, em que suas atividades são organizadas pela própria SRM, que apresenta o os

<sup>43</sup> Movimentando nas últimas edições em torno de 600 milhões de reais em negócios, com um público superior a 500 mil visitantes em 11 dias de evento. EXPOINGÁ. Home. *Expoingá 2021*. Disponível em: <<http://expoinga.com.br/2021/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

principais setores da economia brasileira, além de *shows*, rodeios, barracas universitárias, museu e outras atrações. O local também é palco de encontros e festas religiosas, como o Cenáculos e o Hallel, organizadas por frentes católicas. Os *shows* e cerimoniais de colação de grau em geral são realizados na Arena Central, cúpula redonda construída no meio do parque (Figura 5).

**Figura 5 - Mapa do Parque<sup>44</sup>**



Fonte: *Expoingá 2021*. Disponível em: <<http://expoinga.com.br/2021/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

Diante dos apontamentos acima, podemos compreender que o Parque de Exposições é uma das características de Maringá, um espaço onde ocorrem diversas manifestações, demonstrando em grande medida diferentes feições da cidade, como as comunidades universitária, empresarial, rural, comercial e religiosa. É possível afirmar, portanto, que é um local que traça um perfil de Maringá e região, isso no tocante ao gosto musical e às festas.

Ao entrevistarmos os organizadores do Hallel, apresentados no capítulo anterior, uma das questões que surgiu foi a escolha do Parque de Exposições, já que o Projeto Mais Vida havia realizado em 1993 e 1994 os *shows* do já citado Martin Valverde no Chico Neto. Essas apresentações do carismático cantor mexicano, que compôs a música “Ninguém te ama como Eu”, reuniram cerca de três mil pessoas em cada ano. Valverde também era presença constante no Hallel em Franca e nas primeiras edições de Maringá. Ao pensar na configuração do Hallel

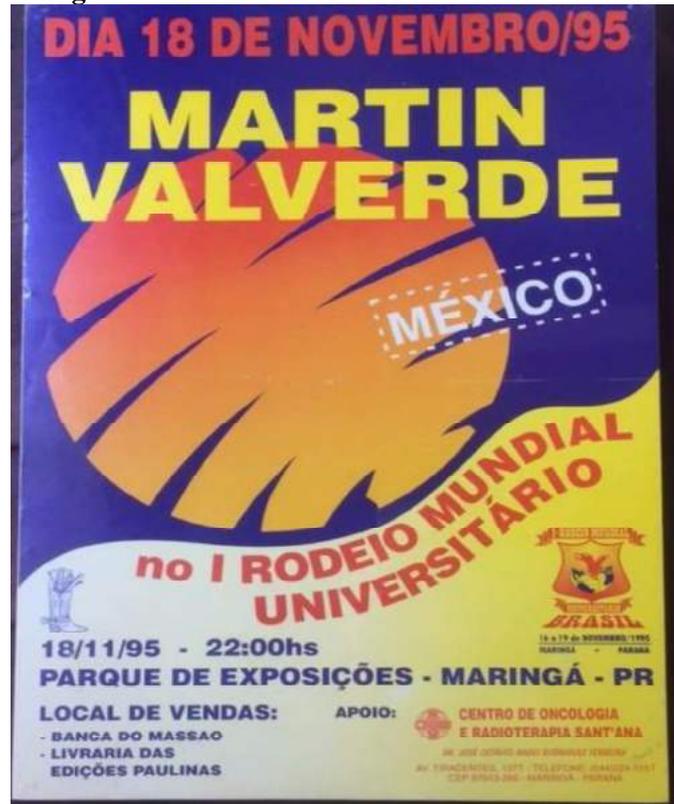
<sup>44</sup> A figura original contém os nomes das atividades da Expoingá. Vide: EXPOINGÁ. Home. *Expoingá 2021*. Disponível em: <<http://expoinga.com.br/2021/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

em módulos, o espaço do ginásio dificilmente comportaria o evento, relatou-nos Araújo Jr. (2019), que ainda apontou que, ao procurar um local para realizar o evento, seu irmão sugeriu o Parque de Exposições.

*Foi também muita inspiração, assim, é, o Chico Neto pela maneira que era o Hallel não comportava, por mais que ele era grande, mas não comportava, né. Porque só tinha o, aquele palco deles ali. E a gente procurava um espaço, né, que comportasse daí vários... vários módulos tudo. E o parque era... na época o meu irmão fazia o Rodeio Mundial Universitário também no Parque de Exposições. Então, acabou também que ele me ajudou daí a... ele falou: “Ah, por que não vai no Parque?”. Eu falei: “Ah, o Parque é muito agressivo, muito grande, né”. Aí foi, quando, viu, a gente tava, “A gente faz no Pavilhão ali, tal, tal”. E de repente o Hallel foi crescendo e tá em todo o Parque, dentro do Parque, né. (ARAÚJO JR., 2019).*

Quando Araújo Jr. (2019) relata que era um local agressivo, está se referindo ao tamanho do Parque de Exposições, que, como vimos, tem área de mais de 200 mil metros quadrados. Segundo o entrevistado, era estimado para o Hallel um público em torno de 5.000 pessoas. Então, podemos pensar que a ideia de o realizar em um local tão amplo, que recebia *shows* e eventos grandes, poderia causar uma impressão de pouca adesão. Outro ponto interessante na fala de Araújo Jr. (2019) é a menção a seu irmão, que realizou em 1995 o I Rodeio Universitário no parque, o que aponta que eram pessoas com relativo contato com o público universitário, e ainda, com o perfil de estilo de vida agrário, já que rodeios se referem à vida rural. Como o entrevistado, na época, já estava graduado em Agronomia, caso o grupo tivesse algum prejuízo financeiro ele pagaria com a lavoura de alho daquele ano. A relação entre essas formações, católica e agrária, fica ainda mais evidente quando observamos a imagem publicitária desse rodeio (Imagem 5), na qual Martin Valverde é tido como atração do evento, além de contar com o símbolo do Projeto Mais Vida – uma circunferência em tons de vermelho, laranja e amarelo.

**Imagem 5** - Martin Valverde no Rodeio Universitário



Fonte: ARAÚJO JR. (1995)

Pensando que em 1995 percebemos um evento voltado aos universitários, não podemos perder de vista que Maringá é um centro universitário, com diversas instituições privadas, como Unicesumar, Unifamma, Uningá, PUC, Faculdade Cidade Verde e Faculdade Alvorada, além de contar com uma das três principais universidades públicas do Paraná, a UEM, onde há um alto fluxo de jovens e grande troca de ideias e práticas. Quanto ao fator rural, encontramos uma publicação de 1999, uma matéria d’*O Diário*, afirmando que, “durante todo o domingo, o parque de exposições Francisco Ribeiro receberá um público diferenciado do *country* e Maringá se tornará o centro católico do Paraná” (ROCHA, 1999, p.3), referência dada à realização do Hallel. A fala de Rocha, sobre o público *country*, ressalta a memória que se tem da cidade associada à agricultura, mas que, com a realização do Hallel, haveria uma opção diferenciada, tanto de música quanto de uma cultura que não as festas e feiras de agricultura e comércio.

## **2.2. A tarefa do fazer: motivações e dificuldades em organizar o Hallel**

No ano de 1995, quando o Hallel começou a ser expandido para outros locais, Maringá já era tida como um dos locais para a possível realização do evento. A Igreja católica tinha

como uma de suas campanhas a Evangelização 2000, que buscava novos métodos, no qual é também o contexto de criação do Projeto Mais Vida. Naquele período, Araújo Jr. criara relações pessoais com o grupo de Franca, já que havia começado a namorar uma das filhas de Tia Lolita, criadora do Hallel na cidade do interior paulista. Ele assim menciona:

*E aí em 93 ééé, fizemos mais acampamentos. E eu comecei a namorar a filha da tia Lolita, a Bia. Tia Lolita é quem organiza o Hallel em Franca. E ela veio pra Maringá pra esse acampamento e a gente se conheceu e começamos a namorar. E daí a tia falou: “Ah, por que você não faz show do Martin em Maringá?”. Nossa, eu era louco pelo Martin. Martin com aquelas músicas doida dele, e daí a gente fez um show. Aí sim né, pegou-se o grupinho que acampou com a gente que era o pessoal do Cristi, que juntou também com a Renovação, e daí a gente coordenou esse show do Martín no Chico Neto em 93. Foi bem legal, na época eu agrônomo tinha minha lavoura e falei assim: “Ah, dá pra gente. Se der alguma zebra aqui dá pra gente pagar com a lavoura de alho”. (ARAÚJO JR., 2019).*

Ao participar de um congresso de música em Franca, quando Tia Lolita o indagou sobre a possibilidade de levar o evento para Maringá, Araújo Jr. já havia participado de edições do Hallel de lá. Segue o fragmento da entrevista que realizamos com ele sobre esse convite.

*Mas não precisou, não. Deus é providente, né. Foi bem legal o show do Martin. Aí 94 a gente fez outro show do Martin Valverde no Chico Neto e lotou. Aí teve, aí sim, era do Projeto Mais Vida, organizando shows e acampamentos. E foi tão forte isso, que teve congresso em Franca, pra... internacional da música, né. E eu não tava lá nesse congresso. Aí, tia Lolita falou assim: “Olavo, vê se o pessoal quer fazer o Hallel, é, em Maringá!”. Porque ela fez uma reunião pra abrir o Hallel, a ideia dela... a ideia dela não era mais fazer o Hallel só em Franca, daí. (ARAÚJO JR., 2019).*

Esse “pessoal” faz referência ao Projeto Mais Vida, que segundo Araújo Jr. (2019) deixava claro para Tia Lolita que só seria possível a realização se o grupo concordasse, já que não faziam nada sozinhos, eram uma equipe. Nesse sentido, Menegazzo Silva (2019) recorda que o grupo sempre teve uma ligação com Franca, seja por meio dos acampamentos ou do Hallel, seja por conta de Martin Valverde, Tia Lolita ou até mesmo pelo fato de Dom Jaime ser francano.

Após o consentimento de Dom Jaime para a realização do Hallel, os organizadores usaram apenas o Pavilhão Azul para realizar a primeira edição do evento, pois esperavam um público entre 4 mil e 5 mil pessoas.

*Era um palco único com as barraquinhas instaladas, na circundância... circundando a parte interna do Pavilhão Azul. Naquele pavilhãozinho menor nós fizemos a Capela. Eu me lembro que nós fizemos, passamos a noite jogando lona de caminhão, pano pra tentar abafar o que a gente não conseguia abafar, que era o som das bandas lá dentro, e a capela de adoração em baixo. Com o passar dos anos nós fomos*

*incrementando esse... esse evento. Incrementando na divulgação, incrementando na forma de apresentar, fomos aumentando, fomos desenvolvendo mais com as pastorais da Igreja. (MENECAZZO SILVA, 2019).*

No primeiro evento o público ultrapassou a marca de 10 mil pessoas. Mais adiante, em 2009, *O Diário* chegou a noticiar uma expectativa de 120 mil presentes<sup>45</sup>. Na últimas edições, apontava entre 70 mil e 50 mil participantes. Entretanto, quando se trata da organização de um evento ou uma festa, como pode ser considerado o Hallel, mesmo uma festa que reúne os aspectos sagrados não pode ser vista como uma realidade oposta ao cotidiano, mas integrada nele. Recordemos, então, algumas colocações de Norberto Luiz Guarinello (2001) sobre festas, que para ele são laboriosa e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, tudo de acordo com regras peculiares e atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana; também envolve a participação de um coletivo; aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão das atividades diárias; articula-se em torno de um objeto focal; é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos; por fim, produz determinada identidade, ou seja, “festa” é um trabalho social específico, coletivo, da sociedade sobre si.<sup>46</sup>

As festas têm aspectos seculares, pois são organizações que partem de um agrupamento social, com expectativas, recursos financeiros, apoio, regras e um grupo que se identifique com o que é realizado. Isso significa que trazer bandas, artistas e pregadores demanda custos, como montar os palcos e as estruturas. Ganeo (2019) narra que é o Projeto Mais Vida que arca com as questões financeiras do Hallel. Em um fragmento da entrevista, ela diz o seguinte:

*Daí eles assumem a responsabilidade de organizar o evento. É uma forma também que a gente encontrou de englobar a Igreja, né. Porque lá em Franca, o pessoal a diocese, assume o Hallel. Então, sendo a diocese a responsabilidade não fica só de um grupo. Que nem, teve um ano a gente teve prejuízo e aí quem que tem que arcar, nós do Projeto Mais Vida que temos que arcar. Quando é a diocese então, a gente vai assim. A primeira vez que eu participei do Hallel eu fiquei assim, bem assustada, principalmente quando eu peguei o financeiro. Porque o pessoal começa, né. Pra você alugar um som, por exemplo, lá pro projeto, lá pro palco é 25, 30 mil reais. Contratar bandas é 15, 20 mil, 30 mil. Eu falei assim: “Gente, nós não temos dinheiro, nós não temos caixa pra isso”. “Calma, Cirlei, Deus vai providenciar”. Então a gente vai... vai assinando contratos sem saber se tem dinheiro em caixa ou não. (GANECAZZO, 2019).*

<sup>45</sup> HALLEL. In: *O Diário do Norte do Paraná*. p. D4, 7 de nov. de 2009.

<sup>46</sup> Fizemos alguns apontamentos pensando no Hallel como uma festa em: EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa da. *Festa e religiosidade: reflexões acerca do Hallel (Maringá/PR; 1995-2016)*. Maringá. 2016/2017. 49 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

Trazer artistas e bandas significa pagar traslado, alimentação e estadia. Em alguns anos, os coordenadores chegaram até a pagar cachê para os artistas, mas sempre evitavam tal situação, devido aos custos e tendo em vista que não é cobrado qualquer valor para entrar na festa, ficando a critério dos participantes levar ou não um quilo de alimento não perecível. O principal meio de angariar fundos é por meio dos patrocínios, e também, principalmente, com vendas de camisetas do evento e bebidas, estes sendo receita própria dos organizadores.

À medida que conversamos com os coordenadores, alguns mencionaram que não eram todas as frentes da Igreja católica que os apoiavam. Com Araújo Jr. foi algo evidente, pois ele tinha ciência de que alguns padres não gostavam da metodologia do Hallel, mas que a respeitavam, assim como eles respeitavam a opinião desses representantes. Constantemente o grupo apazigua essas diferenças, preferindo apenas expor a rejeição de parte de alguns membros da Igreja católica de maneira sucinta, e que isso não atrapalha, desde que se mantenha o respeito sobre a prática de cada um. Por outro lado, há um discurso de que tal negativa se cumpre porque essas pessoas que tecem as críticas mais duras nunca se permitiram estar no Hallel e conhecê-lo de fato.

Isso nos faz levantar reflexões sobre como há na construção do conhecimento humano, uma rejeição sobre o não vivido, onde as ideias, o conhecimento, as práticas e os costumes dos mais diversos grupos, são vistos a partir de conhecimento limitado do eu, sem compreender a organização da outra cultura, tal como aquele grupo o percebe. Quando essas barreiras se rompem, mesmo que as ideias conflitem, as normas estabelecidas com base em uma perspectiva plural da construção histórica e social garantem uma diplomacia. Instituições que não reconhecem as singularidades e a diversidade tendem as práticas mais extremas e de maior intolerância, sufocam ideias e práticas, e impõem práticas que estejam distantes de uma explicação de realidade dos mais distintos grupos (MORIN, 2011)<sup>47</sup>.

Mas, abordando aqui a Igreja católica como regulamentadora de uma prática religiosa específica, reconhecer que ela também é parte da história e que existem diferenças significativas na realidade dos indivíduos é um caminho que possibilita perceber a flexibilização de suas práticas. Dentro de tal processo, viabiliza-se também um comportamento mais tolerante em relação à diversidade, o que não significa a aceitação de todas as ideias, já que estas têm dogmas como base e pretendem-se doutrina. E ainda, como veremos, apesar da rejeição de alguns membros da Igreja católica, todos os arcebispos que passaram pela Arquidiocese de Maringá

---

<sup>47</sup> MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Tradução Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

durante esse período demonstraram grande apoio, traço este que é apontado tanto por meio dos jornais – como veremos no desenvolvimento do texto – quanto pelos entrevistados, que relembram que em um dos anos que tiveram prejuízo.

Era ainda Dom Murilo que estava à frente da Arquidiocese, e Araújo Jr. (2019) recorda que naquele Hallel foi muito chuvoso e frio, não venderam muitas bebidas e tiveram um prejuízo de cerca de 30 mil reais. Ao encontro desse acontecimento, Menegazzo Silva (2019) ressalta que foi Dom Murilo que arcou com as despesas e autorizou a realização de rifas para que o Projeto Mais Vida o ressarcisse. Ainda nas perspectivas de apoio dos arcebispos, é um quesito importante para Haddad (2019), que cita Dom Anuar, por exemplo, como sempre presente no pedido de patrocínios, e enfatiza que isso dá mais credibilidade ao evento, considerando que é um representante da Igreja católica.

A questão climática era um dos enfrentamentos dos organizadores, pois julho é um dos períodos mais frios na região de Maringá. Para resolver esse impasse, transferiram o evento para setembro, que em geral é um mês de chuvas, ou seja, ambos os períodos dificultavam a venda de camisetas e bebidas. Depois, passados alguns anos da realização em novembro, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que era em outubro, passou a ser realizado no segundo final de semana do mês seguinte. Como o Enem tem como principais participantes adolescentes e jovens, público de mais adesão ao Hallel, as datas tiveram de evitar os dias da prova e contemplar a agenda dos artistas principais que pudessem participar nos dias marcados. No Apêndice 3, é possível observar essa variação de datas.

Quando conversamos com os organizadores, eles exprimiram o quão laborioso é organizar essa festa. Haddad (2019) menciona que o Hallel é uma empresa, que abre no começo do ano e encerra apenas em seu final, e ressalta que uma das questões fundamentais para o evento, além do apoio e do trabalho de Dom Anuar, era a dedicação da equipe, o que parece ser exaustivo e toma um grande tempo da vida desses coordenadores. Isso é apontado por Menegazzo Silva (2019) ao demonstrar sua experiência como coordenador da estrutura: *“Eu dedicava das minhas férias uma semana antes e uma semana depois, eu sempre cuidava dessa parte, até 10 anos atrás eu cuidei da parte da estrutura do Hallel e era muito arcaico, muito. Nós não tínhamos a impressão digital, né!”* (MENEGAZZO SILVA, 2019). Esse cansaço é melhor evidenciado nas falas de Araújo Jr. (2019) e Ganeo (2009), entretanto, argumentam que o esforço é retribuído. Seguimos com fragmentos das entrevistas dos coordenadores, que também esboçam os motivos por realizarem e continuarem o Hallel:

*Então, imagina você ser canal de proporcionar algo que tá de acordo com a vontade de Deus, né. Você proporcionar algo pra pessoa é conhecer mais a Deus, amar mais a Deus, conhecer-se mais, amar-se mais, respeitar o próximo. É muito gratificante né, proporcionar algo que... que vai gerar paz, que vai gerar é amor na família, amor entre relacionamentos, com respeito e dignidade. Então, você ser canal de levar valores pra uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais respeitosa, mais preocupada com próximo. É... é maravilhoso assim, você poder junto com tanta gente, né, éh, provocar um encontro né. Imagina, quantos Halleis, eu fico pensando assim, éh, quanta gente que foi naquele Parque e que experimentou uma paz que, tá na Palavra isso, “A paz que eu vos dou o mundo não pode dar”. Jesus falou isso na Palavra quando tava aqui na terra, “A paz que eu vos dou o mundo não dá”. E quanta que pisou naquele Parque e que experimentou essa paz. Então, pera aí, juntou um bando de gente doida que nem conhecia a Deus, organiza um evento, a pessoa entra no Parque pra experimentar o que elas falam de Deus, que coisa mais gostosa. Que vontade de buscar esse Deus, que vontade de... de entregar minha vida pra esse Deus, Dele conduzir minha vida, de...de me conhecer mais. Então, pega 25 anos, né, não sei quantas mil pessoas, mas não sei que percentual também. Gente que entrou lá e saiu o melhor. E saber que Deus quis contar com a gente pra proporcionar isso, porque Deus podia fazer diferente. Poderia chamar outras pessoas. Não é mérito de ninguém, mas é um privilégio. Você me perguntou: “Como é pra você realizar?”. É um privilégio, né. E eu sei que não é força minha, da nossa equipe, nada, é Deus que quis. Então, trabalhar com Deus, pra Deus, vira... vira uma forma de viver. Vira uma... não é, eu sou tagarela, não tem jeito, mas assim, Deus não me chamou, Deus... Deus não me contratou pra fazer nada pra Ele, Deus me salvou. Deus falou: “Filho, vamos viver de verdade, vamos trabalhar nesta terra que a vida [estalo] é muita rápida”. Fazer as coisas é uma consequência disso. Eu não estaria fazendo coisas há 28 anos se não fosse uma experiência muito forte com Deus. Teria parado no meio do caminho [risos], seguir Jesus não é prova de... de velocidade, é de resistência, entende?! Não é só gostoso, também é... também sacrificante, eu sei todo o cansaço. Mas é tão prazeroso proporcionar isso, que você não mede esforço, sabe. Por quê? Porque você vê seus irmãos ali, você vai, seres humanos, é, experimentando algo maravilhoso. Então, é muito gratificante. Eu nem sei se essa palavra consegue resumir, entende?! Mas é só... fazer o Hallel significa louvar e agradecer a Deus [risos], é isso que me vem. Eu louvo e agradeço a Deus por poder fazer um evento de louvor. (ARAÚJO JR., 2019).*

*Então, eu me sinto usada por Deus. Porque assim, se fosse pela minha vontade, eu mesma já falei muitas vezes: “Ah, gente não vamos fazer esse ano não!”. É muito trabalho. É muito desgaste! Eeee... e aí já teve anos que eu tava na coordenação do Projeto Mais Vida, eu falei assim: “A gente não vamos fazer esse ano não... vamo dar um... um... uma pausa, né. Vamos dar um fôlego!”. E aí o pessoal falou: “Não, não vamos fazer e tal!”. Fica aquela animação e... e parece que o pessoal engrossa, não quer ficar sem. E daí vai. E aí eu acabo sendo tocada pra fazer de novo, e aí a gente começa tudo de novo e vai. Então eu sinto assim, é muita vontade de Deus. E... e eu vejo assim, vou ser obediente, se Ele quer, então vamos! Porque toda vez que a gente pensa em não fazer, parece que vem alguém e dá aquela injeção assim. Então eu vejo assim, Deus quer que nós façamos, então vamos fazer. E aí eu trabalho dessa forma! Porque se fosse pelo... pelo meu humano eu já tinha saído. [risos]. Eu já ti... tava fora, mas eu sinto assim, é Deus pedindo assim: “Pensa naquelas pessoas que não, que não tem outra, uma outra oportunidade de Me conhecer, é aqui que ele vai Me conhecer, é aqui que ele vai ser tocado”. Então por essa pessoa vale a pena, por essa ovelha perdida vale a pena! (GANEIO, 2019).*

*O significado do Hallel é, pra mim, pessoalmente, é realização, é ver um sonho que nós tivemos lá numa noite fria, há 26 anos atrás, materializado. Materializado nós estávamos ali em 6,7 jovens. Então, numa idade variada entre 20 anos a 30 anos e sonhamos... sonhamos com quatro mil pessoas, no primeiro evento teve 10 mil pessoas. Depois foi aumentando, foi aumentando esse sonho, chegou abarcar 140 mil pessoas em dois dias. Então, o Hallel pra mim é a realização de um sonho, o Hallel*

*pra mim é... é um meio de Deus que se mostrar às pessoas, o Hallel pra mim é a certeza de que Deus toca essas pessoas. Porque você vê com o passar das horas no dia do Hallel, sobretudo no domingo, como o semblante das pessoas vai ficando dócil, né. Como as pessoas tão com os olhos mais inchados de tanto chorar, chorar... de chorar de alegria, chora de saber que poderia estar aproveitando aquele ali há mais tempo, sabe. Sabe o “Tarde te amei” do Agostinho, “tarde te amei a beleza tão antiga é tão nova tarde demais eu te falei”, é isso, sabe! Mas é pra ser naquela hora, era pra ser naquele dia, tinha que ser naquele dia, e só aconteceu aquele dia porque um sonho foi realizado, só aconteceu naquele dia porque jovens sonharam um sonho, só aconteceu naquele dia porque sonhando juntos conseguiram materializar um sonho. Então, Hallel é importante por causa disso, ele é importante porque ele marca a união, ele marca o acreditar de um Deus louco num bando de loucos, né. Num bando de jovens que... que se dispuseram a viver essa loucura da cruz que Paulo fala, a loucura da cruz... a loucura da cruz é uma coisa muito louca, né. Então, já que somos loucos, a loucura para loucos, o Hallel nos permite viver essa loucura. Hallel, ele é... é manancial, é a fonte para você ir beber... beber... beber... beber... beber. É alimento, lugar da Palavra, lugar de você servir à Palavra, lugar de você viver a Palavra, lugar de você acolher, lugar de você sentir amor, de você dar amor, de você ser amor, né, o cuidado decorando cada coisinha, isso é amor, isso é amar. Arruma as cadeiras certinhas, acordar cedo, montar tudo aquilo, ter que desmontar tudo aquilo, isso é amor. É muito que a gente faz? Puta, a gente recebe muito mais, muito mais. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

*O aspecto mais importante do Hallel, a maior importância do Hallel é fazer uma experiência pessoal, única e individual com Deus. Transcender um pouco. E ver um pouquinho de uma dimensão daquilo que é céu, aqui, por aqui. Porque na verdade a gente não tem ideia de como que é. A gente viver isso, o amor de Deus, o amor de Deus ali, de tá junto, de... de fazer acontecer aquilo que toca as pessoas profundamente dentro do coração delas, isso é o importante. As pessoas serem tocadas de alguma forma, independente da religião, da religiosidade e até mesmo da espiritualidade delas. (HADDAD, 2019).*

As falas acima traduzem bem o que significa o evento para quem o organiza, mesmo que haja certa ênfase de que há pessoas que vão apenas para o *show* e que procuraram o Hallel apenas para se divertir. Um exemplo é Wellington, que ao entrar na caravana para ir ao evento apenas para se divertir ou “*conhecer as meninhas*”, como ressalta Ganeo (2019), foi convertido no momento do Santíssimo, pois ali ele viu Jesus. Então, todos os coordenadores chegam ao consenso de que a música é fundamental para que os participantes procurem o Hallel, mas o que os motivam é a evangelização e a conversão das pessoas. Araújo Jr. (2019) expõe ainda que a música é e sempre foi um instrumento muito utilizado para falar com Deus. Já Haddad (2019) revela que foi por meio da música que ele foi tocado, ou seja, sentiu o sagrado.

*Olha, Mariane, eu acredito que a influência da música hoje na Igreja Católica, ela é... ela é... eu tô buscando um termo aqui, ela é... absolutamente necessária, pra não dizer o termo que eu ainda não encontrei, mas ela... ela... ela movimenta essa Igreja viva e faz com que ela é, de... motive é, essas pessoas a entrarem, a voltarem pra dentro da Igreja. E ela revolucionou a Igreja católica nacional, através da música, quando ela começou. Às vezes a gente viaja, vai pra fora e vê Igrejas vazias, né. Principalmente de jovens, e como isso é vivo aqui. Então, acho que ela é fundamental, essencial. A música pra Igreja católica, ela é essencial, acho que essa palavra que eu tava buscando, pra que ela possa é, impulsionar, pra que ela possa... pra que ela*

*possa... bombar o sangue dessa Igreja, oxigenar. A música, ela é, pra mim, pro Beto, foi essencial. No acampa I, a música foi... foi onde eu fui tocado, e acho que muito são tocados, né. E aí eu acho que é onde ela arrebanha a gente, é interessante isso. (HADDAD, 2019).*

Todos os entrevistados afirmam que a música é um meio que atinge mais os jovens, pois as formas mais tradicionais, como a leitura da Bíblia, são cada vez mais raras entre os jovens. Podemos atestar, assim, que para os organizadores as apresentações musicais são um meio de as pessoas chegarem ao “Artista”, como nos relatou Menegazzo Silva (2019):

*Tem muitos jovens que vai... que vai atrás dos artistas, mas são tolos, né. Porque indo atrás do artista você vai no Artista, No! Então, não querendo ser protagonista e sendo protagonista, né. Ele, o Pai se permite ficar no ostracismo, e no momento certo se revela. É louco, mas é bom, cura. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

Mesmo considerando que a maioria dos jovens buscam esses *shows*, para os organizadores o mais importante é a aproximação desse público com Deus, ou seja, são mecanismos. Como ressalta Menegazzo Silva (2019), nunca antes o arcebispo de Maringá tinha visto algo assim: “*Dom Jaime, quando nós vamos levar isso para ele e pediu um esboço, cercou-se de todo cuidado e se apaixonou, porque ele nunca tinha visto tantos jovens*”. O evento ainda é caracterizado pelo entrevistado da seguinte forma:

*Se você pegar Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que é essa CNBB Sul, tudo é, o Hallel Maringá é o maior... é o maior evento que a Igreja católica faz aqui. O Hallel é um evento que não, que você não pode cobrar ingresso, né. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

No mais, Haddad (2019) aponta outra questão interessante: o evento recebeu do governo o título de utilidade pública estadual pela Lei nº 18610/2015<sup>48</sup>. Desse modo, percebemos que o apoio das mais diversas frentes, religiosas ou políticas, demonstra a relevância dessa manifestação religiosa na cidade e na região.

### 2.3. Apoios e patrocínios

---

<sup>48</sup> Essa lei foi uma proposta do então deputado estadual Dr. Batista. RIGON, Angelo. Projeto Mais Vida é declarado utilidade pública. *Maringá News*. Disponível em: <<https://angelorigon.com.br/2015/11/14/projeto-mais-vida-e-declarado-de-utilidade-publica-estadual/>>. Acesso 15 de maio de 2020.

Como observamos anteriormente, houve um ano que os organizadores ficaram com déficit, e o apoio da Arquidiocese e do arcebispo Dom Murilo foi fundamental. Entretanto, não é apenas a Igreja católica em Maringá que apoia o evento. Para a realização do Hallel, os organizadores recorrem a outros apoios e patrocínios.

Primeiro, podemos apontar a SRM. A entidade não cobra o custo de locação do Parque para os organizadores, tendo eles de pagarem apenas a energia consumida durante a semana do evento. Sobre isso, Menegazzo Silva relata o seguinte:

*Existia um canal de comunicação através de prefeitura, através da própria diretoria da associação do Parque de Exposição lá, dos fazendeiros... é da Sociedade Rural e nós pagávamos a energia elétrica (...) é feito uma leitura, é feito uma leitura inicial, é feito uma leitura final e tudo que acontece nosso ou dos associados dentro ali corre por nossa conta. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

O Hallel utiliza várias áreas construídas do Parque, além dos locais ao ar livre. Uma instalação para a realização um casamento com público entre 80 e 1.400 pessoas, por exemplo, custa a partir de mil reais<sup>49</sup>. Contudo, o Hallel não é um evento de apenas um dia. Considerando o que os entrevistados falaram sobre a estrutura e que até mesmo a energia consumida pelos associados nesses dias é o Projeto Mais Vida que paga, ainda assim, em se tratando do espaço oferecido para vários dias, é algo de valia.

O Hallel ainda tinha um forte apoio da imprensa local. Haddad (2019) aponta que vários órgãos de comunicação colaboravam para o *marketing* do evento, como *O Diário de Maringá*, que sempre apoiou, além das rádios Maringá FM, CBN, Mix FM e da Rede Massa. Funcionando como permuta, o evento era divulgado por essas mídias, que tinham seus nomes divulgados, seja no material publicitário (*outdoors* e *folders*), seja no dia da realização do Hallel nos *banners*, no Palco Central, com os apresentadores do evento mencionando as empresas. Neste parágrafo, algo salta aos olhos é *O Diário* como apoiador do evento, algo que se iniciou em 1995, em que já temos notícias no jornal referentes ao Hallel. E essa permuta permaneceu estampada no material do evento até 2018 – no ano seguinte o jornal decretou falência.

Outro apoio enfatizado pelos organizadores é a prefeitura de Maringá. Menegazzo Silva (2019) mencionou em entrevista que isso ocorria dentro das possibilidades delimitadas pelo Poder Legislativo da cidade, como a limpeza do Parque, a sessão de tablados e o apoio logístico.

---

<sup>49</sup> CASAMENTOS.COM. Salão de casamentos Sociedade Rural de Maringá. *Casamentos.com*. Disponível em: <<https://www.casamentos.com.br/salao-casamento/sociedade-rural-de-maringa--e235819>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

*Apoia com logística, de ajudar a varrer o Parque de Exposições de ajudar a divulgar. Já foi mais participativa. Hoje, em função de todas as coisas públicas, das fiscalizações das coisas públicas mesmo que seja par essa finalidade evangelizadora, elas são cerceadas, mas graças a Deus nós temos tido ajuda... ajuda com logística, com limpeza... com essas coisas.* (MENEGAZZO SILVA, 2019).

No tocante à relação política e o Hallel, em nossos documentos constamos que alguns políticos participavam do evento. Segundo Haddad (2019), eles eram convidados, para falar, mas não sobre política. Entre esses políticos, podemos citar Sidnei Telles, que já foi coordenador do Hallel em uma edição a de 2001<sup>50</sup>. Em 1998, Telles publicou n’*O Diário* que, devido a sua candidatura a deputado estadual pelo Partido da Solidariedade Nacional, foi impedido pela Justiça Eleitoral a atuar em questões vinculadas à Igreja católica. Nesse ato, ele enfatiza suas realizações dentro da instituição, entre elas a RCC, o Projeto Família Cristã, a atuação como Coordenador da Juventude, além de atuar no Projeto Mais Vida e no Hallel à época<sup>51</sup>. Atualmente, Telles é vereador e 1º secretário da Câmara Municipal de Maringá<sup>52</sup> pelo Partido Social Democrático<sup>53</sup>, e engenheiro civil formado pela UEM. Em sua página na internet é destacada sua atuação na Igreja católica – a já citada RCC –, além de seguir o lema “Construindo a Cidade de Deus por meio dos Homens”<sup>54</sup>. No Hallel, deu palestras em módulos, como o de Maria. Alguns dos títulos de sua fala foram: “Eu quero estar no meu lugar quando Jesus passar” (2018); “Quem é meu irmão?”; e “O Amor de Deus foi derramado em nossos corações” (2016).

Outro político que podemos citar é Ulisses de Jesus Maia Kotsifas. Em 1998, quando era prefeito interino, foi citado n’*O Diário* o seguinte fragmento:

O prefeito interino, Ulisses Maia, acredita que além da evangelização, o evento é uma forma de divulgar a cidade para outros países. “Já está tramitando na Câmara um projeto lei de minha autoria para incluir no calendário anual do município, tamanha importância do evento”. (MELLO, 1996, p.8).

<sup>50</sup> JÚNIOR, Olavo Rodrigues de Araújo; PREISS, Lincoln. Hallel de Maringá. p.135-138. In: SILVEIRA, Maria Theodora Lemos. (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos!* uma história a ser contada e cantada. Franca: Hallel, 2007.

<sup>51</sup> TELLES, Sidnei. Sidnei Teles Esclarece. In: *O Diário do Norte do Paraná*. p.7, 6 de set. de 1998.

<sup>52</sup> Referente a 2019/2020. CÂMARA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Mesa Diretoria. *Câmara*. Disponível em: <<http://www.cmm.pr.gov.br/?inc=camara>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>53</sup> Uma notícia da CBN Maringá do dia 6 de abril de 2020 menciona a troca de partido de Telles para o Avante. Na mesma publicação, discorre que o prefeito deixou o PDT e se filiou ao PSD. SIMIÃO, Victor. Prefeito e nove vereadores mudam de partido em Maringá. *CBN*. Disponível em: <<https://cbnmaringa.com.br/noticia/prefeito-e-nove-vereadores-mudam-de-partido-em-maringa>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>54</sup> TELLES, Sidnei. Home. *Sidnei Telles*. Disponível em: <<http://www.sidneitelles.com.br/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

Maia, formado em Direito pelo UEM, foi vereador em diversas gestões em Maringá, e em 2016 foi eleito prefeito pelo PDT. Apesar de não participar das palestras, como Telles, notamos a presença do prefeito durante a realização das edições do Hallel, nos anos em que atrações como Pe. Marcelo Rossi vieram ao evento (2018-2019), inclusive subindo e proferindo pequenos discursos. Em 2019, porém, um dos apresentadores do evento, ao agradecer a presença do prefeito e o apoio da prefeitura, ressaltou que Maia já tinha feito os acampamentos do Projeto Mais Vida. Naquele ano, enquanto seguíamos a procissão do Santíssimo, era possível ver o prefeito e sua esposa à frente, ambos com a camiseta do Hallel. Ao chegarem à Capela do Louvor, permaneceram em frente ao Santíssimo exposto, como a maioria dos presentes, e estavam com a cabeça baixa e os olhos fechados. No *site* com seu perfil político<sup>55</sup> há o lema “Orgulho de ser maringaense”, e não há nenhuma descrição sobre sua religião ou religiosidade.

Além dos apoiadores, os entrevistados relataram sobre os patrocínios, como Unicesumar, Hospital Santa Rita Saúde, Sicoob, Supermercados Cidade Canção, Acim, Plano Prever, Gomes Consultoria Contábeis e Índio Produtos Ópticos. Havia sempre uma mudança de apoiadores durante as edições, mas esses que citamos se repetiram durante 2014-2019. Uma das estratégias utilizadas pelos organizadores no que contempla os patrocinadores e aumentar os recursos financeiros foi a venda do *Kit* de Mídia. Haddad aponta que eles deixavam um espaço para vender aos patrocinadores.

*[...] as camisetas também. Ai a gente loca alguns espaços pra alimentação, a gente negocia e vende esses espaços. E a gente tem também um kit de mídia. Como a gente ganha essa mídia é televisão, rádio, além da gente ganhar a divulgação, – Rádio Colmeia é muito importante a gente destacar. A gente ganha essa divulgação, e eles dentro do é, ainda além de dá isso pra gente, eles deixam a gente vender e dê espaço pros patrocinadores. Então, a gente dentro dessa, vamos dizer, tem 100 inserções na Rádio Maringá FM. Essas 100 inserções ela fala do Hallel, ela divulga o evento e lá embaixo ela dá crédito Unicesumar, crédito pra Acim, crédito... Então, ela dá apoio, né. Elas apoiam. Então, a gente criou um pacote de mídia, e a gente vende pra algumas empresas que têm relação com esse público jovem [...]. (HADDAD, 2019).*

O entrevistado aponta que não era muito, mas o valor contribuía com a receita. Apesar de ressaltar que algumas empresas viam o Hallel como um ambiente no qual podia ser visto como público-alvo, Ganeo (2019) percebe de outra maneira, pois nos relatou que a maioria das empresas não veem um evento de evangelização como um local de divulgação, o que restringe o patrocínio.

---

<sup>55</sup>ULISSES MAIA. Home. *Ulisses Maia*. Disponível em: <<https://ulissesmaia.com.br/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

Ao levar em conta os tópicos que apresentamos até este momento, percebemos que diversos fatores são fundamentais para a realização de uma festa como o Hallel, desde o contexto e a relação entre as pessoas do evento bem como motivações, crenças, questões de investimento, apoio e condições, tudo para que a ideia cresça, floresça e tome forma. Tal como pensa Guarinello (2001), uma festa, mesmo que sagrada, também tem aspectos seculares e materiais.

#### **2.4. Igreja católica e comunidades católicas**

“O crente moderno não se contenta mais em escolher sua fé, ele quer ao mesmo tempo, sua comunidade, ao menos quando sente necessidade de pertencer a alguma” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.176). Esse parece ser um dos sentimentos frequentes na fala dos organizadores do Hallel em Maringá: a busca pelo pertencimento e a felicidade individual no catolicismo, paralelo ao desejo de divulgarem e ampliarem essa rede de apoio mútuo. Todavia, não se trata de um exercício pessoal, daí a importância da comunidade, ou melhor, da instituição católica reforçando a validade desse sentimento. Como bem observa Hervieu-Léger,

Hoje, um católico manifesta ainda mais esta reivindicação pelo fato de perceber-se, dentro de um universo em que as identidades confessionais perderam muito de sua consistência e onde o catolicismo não pode mais se arvorar o *status* de religião dominante, como adepto voluntário de uma religião estatisticamente majoritária, mas que, cultural e socialmente, tornou-se minoritária. Na França, a vitalidade de todos os movimentos de voluntários, antigos ou que surgiram mais recentemente, contrasta imensamente com a atonia das paróquias rurais, as mais duramente atingidas pelo fim da observância e a diminuição do número de sacerdotes. Nesse novo contexto, a prática regular também é obrigatória a mudar de significado. Ela torna-se uma modalidade de “engajamento” que diz respeito a um pequeno resto de fiéis fortemente envolvidos em sua vida religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.176).

Certamente a predominância do catolicismo em Maringá se destaca muito mais do que a narrada acima, ainda assim, essa prática do engajamento se assemelha muito ao que evidenciamos no movimento leigo que organiza o Hallel: “A prática conformista vivida como obrigação e observância apaga-se diante de uma prática militante, que se define pelo testemunho pessoal” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.176). Percebe-se uma tendência crescente de transformação na própria natureza da sociabilidade paroquial, e a própria escolha de espaços externos às igrejas para a realização de encontros parece atestar isso, pois opta-se por falar em religião em lugares que não referenciem primariamente o religioso. A vocação associativa da paróquia prevalece, agora, sobre sua dimensão espacial. Mais ainda,

A vida religiosa local é, geralmente, assumida por grupos de leigos voluntários que substituem a intervenção clerical em todos os campos da vida pastoral, menos na administração dos sacramentos. Além do caráter funcional das operações de reorganização territorial que se tornaram necessárias pela diminuição de números de padres, as mutações do tecido paroquial contribuem, portanto, à sua maneira, para o processo geral de recomposição das comunidades eletivas que é, como vimos, o reverso inseparável do individualismo das crenças. O desenvolvimento das novas comunidades, que se organizam fora das estruturas territoriais da sociabilidade católica e suscita, suas próprias filiais, radicaliza a separação crescente entre dois mecanismos concorrentes da sociabilidade católica: um, organizado sobre a base territorial, e outro, nas redes de afinidade. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.176-177).

Nesse sentido, cabe salientar que o Hallel é um evento que tem como idealizadores um grupo da RCC em Franca. Em Maringá ele compartilha de algumas similitudes<sup>56</sup>, mas é uma realização do Projeto Mais Vida, um grupo que se distingue por ter rupturas com a linguagem da RCC. Tal enfática é constatada por meio dos entrevistados. Menegazzo Silva (2019) explicou que a RCC não realizava o evento, mas o Projeto Mais Vida era quem o encabeçava<sup>57</sup>, um braço importante, considerando que é um grupo que sempre teve participação em módulos no Hallel. Outros grupos que também possuem essa participação são o MFC, o MCC e o PJ, que declaram fazer parte de algum grupo de oração ou de jovens.

Ganeo também marca essa distinção ao mencionar que a Renovação mostra um Deus que está lá em cima, enquanto o Projeto Mais Vida mostra um Deus “*que tá aqui para mim. Então, isso para mim foi um casamento perfeito, uma bagagem perfeita*” (GANEIO, 2019). Isso revela que os grupos, pastorais e movimentos criados dentro da instituição são bem definidos, com espaços e características identitárias demarcados. Esses testemunhos, essas marcas identitárias que encontramos no Hallel, sugerem novamente que o cristianismo praticado no evento é o cristianismo emocional, cuja experiência afetiva está associada à identificação e à experiência religiosa. E a experiência dos módulos no evento assegura que haja inúmeras possibilidades de identificação por meio das múltiplas comunidades católicas que o compõem.

É evidente que, apesar de essas comunidades terem características distintas e buscarem afirmar tal distinção, a fala dos entrevistados destaca que é o Projeto Mais Vida que realiza e tem a autorização para realizar o evento em Maringá: “*Mas partiu da gente, a partir do Dom Jaime abrindo as portas, né, a gente teve o direito de bater nas portas de cada movimento,*

---

<sup>56</sup> A RCC é vista por Prandi (1998) como um dos movimentos de maior assimilação no país, em se tratando da mídia com os padres carismáticos, das práticas de cura, do milagre realizado do cotidiano, e não mais atribuído apenas aos santos e santas católicos, à procura por uma mudança espiritual antes do social, à linguagem do querigma, à realização dos megaeventos, aos cursos de formação de líderes e, ainda, a uma unificação do catolicismo. Nesse sentido, podemos afirmar que esses são os pontos de encontro sobre a realização do Hallel em Maringá com os movimentos carismáticos.

<sup>57</sup> Tal apontamento foi realizado durante a entrevista, mas no momento nossa câmera havia parado de funcionar. Marcamos essas considerações em nossas notas de campo.

*convidar para participar, como também para montar o módulo deles lá, pra expor”* (ARAÚJO JR., 2019) – elas, ao mesmo tempo, criam, praticam e estabelecem um território de partilha. Até porque, para garantir o próprio reconhecimento na instituição, essas comunidades multiplicam, muitas vezes, as demonstrações de obediência ao arcebispo do lugar de onde elas são (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.187).

As novas comunidades, dessa maneira, adquirem progressivamente um estatuto canônico. É evidente, todavia, que a instituição tem dificuldade para controlar um processo que questiona, novamente, o modo territorializado de exercício do poder religioso. A sociabilidade de comunidades e redes eletivas tende a se impor com regimes de validação do crer que lhe correspondem, mesmo no interior de um sistema católico que representa, contudo em princípio, um modelo típico de um regime da validação institucional. Ainda assim, é possível verificar o modo que a instituição católica, principalmente por meio da figura dos arcebispos, lida com esse processo em Maringá. Optamos por verificar os discursos da Igreja católica maringense sobre o Hallel por meio d’*O Diário*<sup>58</sup>, no qual é notório o apoio institucional.

*O Diário* é a principal fonte escrita na qual encontramos notícias sobre o Hallel desde 1995. O jornal é um importante veículo de comunicação na cidade, tendo sido inaugurado em 29 de junho de 1974, por Joaquim Dutra e Samuel Silveira. Ambos haviam rompido a sociedade de 10 anos com Dom Jaime na *Folha do Norte do Paraná*. O motivo de tal separação seria em decorrência de Dutra ter adquirido uma impressora de tecnologia mais avançada, com valor considerado altíssimo à época, sem o consentimento do futuro arcebispo da cidade, que não permitiu a instalação do maquinário nas dependências da Folha (GONZAGA, 2018, p.37).

---

<sup>58</sup> O jornal, que esteve em circulação durante 44 anos, traça uma história de dificuldades de manutenção até a estabilidade que o colocou como terceiro maior do estado do Paraná. Rogério Recco e Antonio R. de Paula (2009), em comemoração aos 35 anos d’*O Diário*, elaboraram uma publicação sobre o jornal em que descrevem as mudanças de sócios e acionistas e a falta de patrocínio que punha a sobrevivência da empresa em cheque ainda em seu primeiro ano do jornal, em que Joaquim Dutra vende seus direitos para três acionistas: Enésio Tristão, Altamir Vinheski e Edison Castilho. Outros fatores que agravaram a situação da empresa foram a máquina de impressão adquirida por Dutra, com um alto custo de manutenção, que teve de ser vendida, e a geada negra (1975), que parecia ter condenado também o recém-inaugurado jornal de Maringá (Gonzaga, 2009, p.38). Pouco tempo depois, o colunista social Franklin Silva adquiriu a maior parte das ações de Tristão. Silva também havia trabalhado na *Folha do Norte do Paraná* e essas ações foram compradas em sociedade com sua esposa à época, Rosey Rachel, mas o casal só adquiriu 100% do periódico após o investidor Ramires Pozza conseguir cerca de 70% d’*O Diário*, mas, por conta de sua posição política marxista em época de Ditadura no Brasil, não se manter financeiramente. Com o jornal totalmente endividado, Silva e Rachel aproveitaram a oportunidade. A estabilidade d’*O Diário* seria posta em xeque a partir de 2016, dando indícios de crise com a falta de pagamento aos jornalistas. Em 1º de fevereiro desse ano, no *site* da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), há uma nota do efetivo d’*O Diário* aprovando o indicativo de greve. Em 14 de abril de 2019, a juíza de direito substituta Mariana Pereira Alcântara Magoga, da 1ª Vara Cível de Maringá, decretou falência da Editora Central Ltda., proprietária de *O Diário do Norte do Paraná*, considerado o terceiro maior jornal do estado. MARINGÁ MANCHETE. Juíza decreta a falência do jornal O Diário do Norte do Paraná. *Maringá Manchete*. Disponível em: <<http://www.maringamanchete.com.br/juiza-decreta-a-falencia-do-jornal-o-diario-do-norte-do-parana/>>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

Mesmo com uma separação possivelmente conflituosa, Dutra, Silveira e Dom Jaime seguiriam com uma boa relação. Ao levantar hipóteses sobre esse assunto, Gonzaga cita Ribeiro<sup>59</sup>:

Seja por ética profissional ou por interesses de outra natureza é interessante perceber que o fundador do Diário, ainda que tenha saído da Folha do Norte diante de uma situação de desavença, preocupava-se em manter com o bispo uma relação amistosa. Uma hipótese que explicaria o fato seria a presença e influência exercida pelo bispo entre os círculos sociais maringáense. (RIBEIRO apud GONZAGA, 2018, p.37).

Essa relação pode ser analisada por meio de diversas publicações de autoria de Dom Jaime, principalmente aos domingos<sup>60</sup>, nesse periódico. Por longo tempo, *O Diário* foi o jornal com maior circulação nas cidades das regiões norte/noroeste próximas a Maringá, com fluxo diário de terça-feira a domingo. Sua relação com a Igreja católica é percebida ainda com os outros arcebispos, Dom Murilo e Dom Anuar, que também publicavam artigos de opinião. Este último, por exemplo, tinha um espaço n' *O Diário Online*.

Considerando que o Hallel teve apoio da Arquidiocese de Maringá durante suas 24 edições, logo *O Diário* também apoiava o evento, e por meio de permuta, em que o jornal o divulgava, e, em contrapartida, era divulgado no evento por meio da publicidade produzida<sup>61</sup>. Encontramos, assim, inúmeras falas de arcebispos, artistas e organizadores do Hallel n' *O Diário*, o que enfatiza algo já constatado por Gonzaga (2016) ao apontar que a instituição católica em Maringá tem papel de destaque no controle de veículos de comunicação, e nesse caso também mantém o jornal como um local de discurso oficial sobre o evento.

A cooperação entre *O Diário* e a Igreja católica pode ser compreendida dentro de um contexto de interesses financeiros e de circulação das tiragens das edições, levando em conta que o público leitor era tradicionalmente católico (GONZAGA, 2018, p.40). Vejamos, então, o que informa a primeira matéria sobre o Hallel no periódico, do dia de 29 de julho de 1995, na página 4, caderno Geral Burocrático, com o título *I Hallel de Maringá*:

O Hallel é uma festa que envolverá todas as pessoas de todas as faixas etárias das mais variadas formas. O evento acontecerá no Parque de exposição “Emílio Garrastazu Médici”<sup>62</sup>, com início às 9h, e término às 21h., no próximo dia 30, domingo que vem.

<sup>59</sup> RIBEIRO, Valéria Pedrochi. *O discurso católico e a presença de D. Jaime no jornal O Diário do Norte do Paraná*. 104f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

<sup>60</sup> Dom Jaime publicava artigos dominicais n' *O Diário do Norte do Paraná*. Vide: BARBOSA, Everton; PEÑA, Luciana. *Jaime, uma história de fé e empreendedorismo*. Maringá: DNP Editora 2011.

<sup>61</sup> Informação mencionada pelos organizadores e coordenadores do Hallel em Maringá.

<sup>62</sup> A Sociedade Rural de Maringá (SRM) foi fundada em 17 de julho de 1979, constituída de um número ilimitado de associados, com sede no Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro – como já citado, até a

O pavilhão coberto do parque será tomado nos seus dois ambientes por atividades diversificadas. No pavilhão maior acontecerá *shows* com bandas profissionais de diversas partes do país, peças teatrais, danças, testemunhos de vida, pregações, etc. Simultaneamente, no pavilhão menor, terá palestra sobre família, drogas, auxílio às famílias de dependentes químicos, evangelização, trabalhos “com os mais vividos” e um oratório para oração e reflexão.

O conjunto das atividades do Hallel tenta responder aos grandes desafios por que passa a nossa população. Há pessoas, todos os dias, reclamando; pessoas depressivas; pessoas procurando sem saber o que procuram; pais que não entendem seus filhos; filhos que não entendem seus pais; maridos traindo esposas; esposas traindo maridos... no fundo, no fundo, tudo isso acontece porque o indivíduo não entende a si próprio. Acaba se traindo e traindo o próximo porque se esquece que o centro dos problemas está no coração humano. Corações fechados estruturam-se em sistemas opressores e injustos, matando as pessoas no seu egoísmo. (O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, 1995, p.4).

Não era uma matéria assinada, entretanto, na manhã do dia seguinte à publicação, ou seja, dia da estreia do evento na cidade, Dom Jaime escreveu um artigo de opinião com o título *Hallel*. O arcebispo não deixou de regozijar o acontecimento esplêndido que a Igreja estava a apoiar. Em suas palavras,

diante desta floração maravilhosa a enriquecer a igreja de Deus vemos, neste final de século, o despertar da consciência na busca de um sentido exato e certo na vida. De um lado – é verdade – cresce a onda de crimes, de corrupção nos meios governamentais, de degradação da pessoa humana, de vilipêndio das coisas nobres sustentado até por pessoas que dizem “de bem”, do aumento da miséria moral e quejandos. (DOM JAIME, 1995, p.2).

Dom Jaime conclui que essa miséria moral era causada pelo afastamento dos indivíduos da Igreja e da procura por Deus, consequência do secularismo. Não era estranho que o arcebispo argumentasse que isso fosse o principal fator de afastamento dos homens de Deus, já que seria um conceito utilizado para se referir à procura dos indivíduos por explicações de vivência de realidade que não perpassassem mais a instituição católica, o que denota o enfraquecimento do poder da Igreja, questão apontada anteriormente, e que marca a Modernidade. Desse modo, afirma Dom Jaime (1995, p.2): “é o pecado, isto é real, e o afastamento de Deus que leva a esse secularismo, a perda do sagrado”. Mas, se por um lado ocorre essa perda, por outro ainda há pessoas que procuram disseminar o evangelho.

Daí, para contrabalançar, aqueles que encontram Deus em sua vida não medem esforços para levá-lo, também, aos irmãos. São João, no Evangelho, diz que o “Espírito sopra onde quer” [Jo 3,8]. E esse “soprar” do Espírito que faz crescer, no campo da Igreja, os diversos movimentos e maneiras de como falar com Deus. De

---

segunda metade de 1990 o parque ainda levava o nome de Emílio Garrastazu Médici – localizado na Av. Colombo, 2186, CEP 87045-000, em Maringá, Paraná.

como d'ELE se aproximar e de como tudo fazer para torná-lo conhecido. Uma vez conhecido, amado. Uma vez amado, fazer a sua Santíssima Vontade. (DOM JAIME, 1995, p.2).

As palavras do arcebispo demonstram uma legitimação em relação ao Hallel, marcando *a priori* o contexto do secularismo e a posição da Arquidiocese sobre esse aspecto, e sobretudo apresentando o evento como um meio de manutenção de uma das práticas católicas, o que nos leva a outro aspecto fundamental: seu direcionamento para a juventude. Percebemos até o momento que o público mais secularizado são os jovens, assim o Hallel é apresentado como alternativa para esse público. Ainda conforme Dom Jaime (1995, p.2), “de modo especial, entre os jovens nasce um novo fervor apostólico e descoberta de Deus, da sua Igreja, do Senhor Jesus, ‘o mesmo ontem, hoje e pelos séculos’ (Hb 13,8)”. Vimos anteriormente que a instituição, por meio de vários documentos, procura debater medidas cabíveis para sua manutenção, e os jovens são um dos principais grupos no qual a Igreja católica se debruça.

Assim, o então arcebispo argumenta que “o Papa João Paulo II, na Carta Tertio Millenio Adveniente, diz: ‘Se os jovens souberem seguir o caminho que Jesus indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença d’Ele no próximo século e nos sucessivos, até a conclusão dos tempos’” (DOM JAIME, 1995, p.2). A carta a que faz referência, escrita em 10 de novembro de 1994 pelo Papa João Paulo II (1978-2005), propõe a preparação para o ano 2000, o Jubileu, questão essa apontada também no discurso de Dom Murilo Krieger, que viria a substituir Dom Jaime. No entanto, quanto à epístola do então sumo pontífice, esta aponta algumas questões históricas sobre o cristianismo, no qual dá grande foco ao Concílio Vaticano II e às propostas a que o concílio veio a se debruçar em relação aos novos tempos.

Nesse sentido, é apontado o caminho de preparação para a ocorrência de 2000, em que o tema de fundo é a evangelização ou, como sugere, a nova evangelização. Para o ano Jubilar, a Igreja deveria se preparar em duas fases: a primeira (1994-1996), com intuito de abordar temas mais gerais e ainda demonstrar que a Igreja precisa entrar por essa passagem com a consciência limpa, assumindo seus pecados, sendo penitente e constantemente purificada. Além disso, quer uma Igreja que promova a união dos cristãos, incitada, sobretudo, depois do Concílio Vaticano II, em que muitas foram as iniciativas ecumênicas das Igrejas locais e da Santa Sé. Nessa mesma carta, João Paulo II ainda ressalta memórias dolorosas, em que haveria muitos filhos da Igreja distorcendo o cristianismo, mas que era necessário a consciência de tais atos para que houvesse o arrependimento.

Outro capítulo doloroso, sobre o qual os filhos da Igreja não podem deixar de tornar com espírito aberto ao arrependimento, é a condescendência manifestada, especialmente nalguns séculos, perante métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade. (JOÃO PAULO II, 1994, p.22).

Assim, ele conclui que tais ações de fraqueza de tantos filhos da Igreja deturparam a mensagem de amor paciente e de humilde mansidão do Cristo crucificado. A carta que serve de argumento para Dom Jaime justificar o que estava a ser realizado naquela manhã de domingo também é inspiração do discurso adotado pelo arcebispo, pois se acima citamos que ele levanta questões sobre o secularismo, tais questionamentos vão ao encontro de problemáticas como indiferenças religiosas e questões éticas e morais da Modernidade, sobre as quais João Paulo II escreve:

A isto, há que ligar também a difusa perda do sentido transcendente da existência humana e o extravio no campo ético, até mesmo em valores fundamentais como os da vida e da família. Impõe-se, pois, uma verificação aos filhos da Igreja: em que medida estão eles também tocados pela atmosfera de secularismo e relativismo ético? E que parte de responsabilidade devem eles reconhecer, quanto ao progressivo alastramento da irreligiosidade, por não terem manifestado o genuíno rosto de Deus, «pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social»? (JOÃO PAULO II, 1994, p.23).

Essas questões eram apresentadas para que na segunda fase preparatória, que deveria acontecer entre 1997-1999, fossem investidos esforços na estrutura ideal para o triênio. Dessa maneira, o primeiro ano, seria dedicado à reflexão sobre Cristo, Verbo do Pai, feito homem por obra do Espírito Santo; já o segundo ano teria de se voltar de modo particular ao Espírito Santo e à sua presença santificadora no seio da comunidade dos discípulos de Cristo; por fim, o terceiro ano, o preparatório, teria a função de alargar os horizontes do crente até a própria perspectiva de Cristo, ou seja, a perspectiva do Pai. Tudo isso para que enfim, no ano 2000, ocorresse o ano da Celebração, com foco no sacramento da Eucaristia por meio da figura de Cristo.

Assim, percebemos como recorrente, tanto na fala de Dom Jaime (1995) como na de João Paulo II (1994), as menções ao Espírito Santo e sua importância para o crescimento da Igreja católica e como agente principal da Nova Evangelização, o que fez o primeiro arcebispo de Maringá alegar que é nesse contexto que nasce o Hallel, “surgido na cidade de Franca-SP, em 1988, quis um grupo de jovens daquela cidade paulista propor à juventude, nos moldes do ‘Rock in Rio’, na época”. (DOM JAIME, 1995, p.2). Eis aqui outro ponto recorrente apresentado n’*O Diário*, o surgimento em Franca e sua realização por um grupo de jovens. É interessante observar que, apesar de todas as referências nos jornais sobre o surgimento do

Hallel, estas não contextualizam que esse grupo seria da RCC na cidade paulista. Além disso, a descrição se torna mais atrativa ao pontuar que o evento era inspirado no Rock in Rio (1985), chamando a atenção que se tratava de um evento de música e possivelmente seria de maior reconhecimento e assimilação ao público-alvo – os jovens, mas não podemos perder de vista que o evento era aberto para todas as idades.

Mesmo indicando que o Hallel era inspirado no evento carioca, em seguida o arcebispo faz questão de diferenciar: “Mas com uma concepção diferente, uma maneira nova e clara de Evangelização. Crescendo sempre em interesse e número de participantes, o Hallel 1994, em Franca, reuniu 40.000 pessoas” (DOM JAIME, 30 de jul. de 1995, p.2). O arcebispo segue as perspectivas de responder onde, como e por que surgiu o Hallel, mas sua narrativa não dá informações sobre o que ocorreria no evento nem o grupo que o estava realizando ou, ainda, sobre sua configuração. No entanto, de certo modo ele indica que os participantes encontrarão o amor, a fraternidade, a vida e o louvor. Desse modo, busca responder para que serviria o Hallel, isto é, “para realizar o verdadeiro sentido do Hallel: explosão de vida, louvor”. Assim, aponta que a palavra vem da língua hebraica,

[...] onde o louvor é traduzido de forma mais característica como “HILLEL”. É uma explosão de hinos e cantos de louvor com o qual se designava, na antiga sinagoga, um grupo de Salmos [Sal 113-118], os quais se utilizavam especialmente em circunstâncias solenes e festivos. (DOM JAIME, 1995, p.2).

Esse excerto permite uma releitura de que no Hallel também ocorreria uma explosão de hino e cantos de louvor, reforçando as circunstâncias solenes e de festivais estão presentes na Bíblia. A manifestação da música, nesse sentido, é sagrada, e os festivais e encontros de música são legítimas manifestações religiosas. Nesse sentido, percebemos que o evento também seguia regulamentações específicas da Igreja católica em Maringá até aquele momento, que é justificar as ações da instituição para com os movimentos leigos por meio de cartas episcopais, buscando uma homogeneização da prática católica com base na hierarquia e nos documentos da Santa Sede. Dom Jaime utiliza *O Diário* para escrever a um público católico o que era o Hallel e que o evento seguia bases de pronunciamentos do papa João Paulo II.

A atuação da Igreja católica no Hallel e o apoio são ainda evidenciados no *Livro Tombo da Arquidiocese de Maringá*, em poucas palavras: “foi realizado o ‘I Hallel’ de Maringá, sob a coordenação de um grupo de jovens da Catedral” (LIVRO TOMBO 2, 1995, p.109). Se nos jornais havia apenas a referência sobre um grupo de jovens que organizou o Hallel de Franca, aqui temos a primeira menção de que em Maringá os responsáveis também eram um grupo de

jovens, mas ainda sem referência a qual grupo se tratava. Apesar de ser pequeno esse relato, o que segue descrito sobre o evento parece substanciar características que nos jornais ainda não nos foi revelada, tanto no dia 29 quanto no artigo do arcebispo daquela manhã. Segue o fragmento com as seguintes palavras.

[...] o Hallel é um fato abrangente. Iniciou com a Santa Missa e depois, o dia todo, com *shows* e pequenas pregações, além de discussões, exposições e orações destinados a todas as idades, coordenadas por pastorais, movimentos e espiritualidades da Arquidiocese de Maringá. (LIVRO TOMBO 2, 1995, p.109).

No *Livro Tombo* fica evidente que a Igreja também atua no evento por meio da celebração da missa, além de apontar que as diversas atividades propostas pelo Hallel iam além da música e dos *shows*, pois diferentes pastorais, movimentos e espiritualidades que pertencem à Arquidiocese coordenavam e contribuía com pregações, exposições, orações, ou seja, era um grande encontro de várias pastorais e movimentos que expunham suas atividades para um grande público. E a última frase do relato indica expectativas sobre o evento: “por ser uma experiência nova na evangelização de massa, parece projetar muitos frutos no trabalho evangelizador” (LIVRO TOMBO 2, 1995, p.109).

...

Buscamos evidenciar neste capítulo como esse novo impulso das formas de agrupamento por afinidades não constitui, evidentemente, por si só, um fato totalmente novo no catolicismo. Contatamos que a Igreja católica em Maringá dispõe de “meios muito eficazes de controle das redes comunitárias” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.177), e que estas, como a mesma autora afirma (2008, p.177-178) são sempre “suscetíveis de se desenvolverem dentro dela a partir de grupos organizados de fiéis cada vez mais engajados, mas a realização desse controle institucional é uma fonte de conflitos internos geralmente intensos”.

Mesmo as escolhas dos temas (Apêndice 3) do Hallel, segundo Mauro Silva (2019) e Ganeo (2019), obedecem às diretrizes do arcebispo. Menegazzo Silva (2019), que menciona, por exemplo, que a partir de Dom Anuar foi sugerido enfaticamente que os temas estivessem em consonância com a CF. As percepções sobre a juventude por parte dos organizadores também se aproximam das institucionais. Abaixo, as palavras do arcebispo Dom Murilo em uma reportagem de jornal.

Esse assunto também está sendo refletido pela Igreja. O envolvimento dos cristãos em movimentos e pastorais faz parte do sentimento religioso. Os jovens estão em busca de outros valores. Eles estão cansados de propostas vazias. Querem encher o seu coração e valorizam a experiência da fé. (MELLO, 1998, p.8).

Qualquer localidade que deseje organizar o Hallel necessita da autorização dos bispos e arcebispos do local. Não é por acaso que a história sobre o evento em Maringá tem como base fundante da narrativa o pedido de permissão que Araújo Jr. Fez para Dom Jaime:

*[...]. Quando eu trouxe de Franca para Maringá, antes de falar com o pessoal do Projeto, eu fui falar com Dom Jaime, porque como era evento dentro da Igreja e não só para o nosso movimento, mas para todo mundo da Igreja, da Arquidiocese. Falei: “Bom, tem que falar com o bispo e se o bispo falar assim, olha, prossegue, tudo bem, senão temos que respeitar a Igreja. Porque não é evento comercial, não é evento nosso, nosso grupo”. E fui pro meu quarto orar, né. [...]. (ARAÚJO JR., 2019).*

Já Haddad (2019) enfatiza que o Hallel só começaria a ser organizado com a autorização e a bênção dos arcebispos, e ressalta “*Não teria sentido a gente fazer, né, porque é para a Igreja, apesar de ser um movimento completamente ecumênico e aberto a qualquer pessoa*”. Ao pensar nos processos de formação de ideias, em sua autonomia, é importante considerar que *a priori* elas podem ser percebidas como desviantes. São necessárias condições propícias para que elas se desenvolvam e, por fim, “a oficialização da ideia de criação e da ideia de originalidade apaga a ideia de desvio” (MORIN, 2011, p.39). É um ciclo em que o novo se mostra até certo ponto como ideia desviante, e paulatinamente são naturalizadas e incorporadas essas ideias, o que não significa que sejam permeadas pelas contradições.

Percebemos, ainda, a proximidade dos discursos dos organizadores e da instituição quanto a temas mais específicos. No ano de 2016, no dia do evento, 3 de dezembro, *O Diário* noticiava na página D-1 o seguinte fragmento:

**Imagem 6** - Fragmento sobre o Hallel de Maringá

Fonte: O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ (2016)

Percebe-se acima uma crítica direcionada à corrupção<sup>63</sup> e ao aborto<sup>64</sup>. A fala do organizador publicada no jornal encontrou apoio na homilia de Dom Anuar Battisti, que na missa no dia seguinte enfatizou que os políticos eram uma “raça de víboras” e “autoridades corruptas”. Ao falar do tema do evento, “Sementes de uma nova geração” enfatizava que “a nova geração não seguiria os passos dessas autoridades”. Em sua fala, o arcebispo ressaltou

<sup>63</sup> Em fins de novembro e começo de dezembro desse ano, aconteciam no cenário nacional algumas questões pontuadas durante a realização do Hallel, e uma delas foi a corrupção, que desde o ano de 2015 ganhava visibilidade, sendo um dos assuntos mais recorrentes do país, principalmente com a operação Lava Jato. LOYOLA, Leandro. Retrospectiva: o ano em que a lava mandou na política. *Época*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/politica/noticia/2016/12/retrospectiva-2016-o-ano-em-que-lava-jato-mandou-na-politica.html>>. Acesso em: 3 de nov. de 2019.

<sup>64</sup> Outro acontecimento também emergia em 2016, o aborto. Nesse ano, o Supremo Tribunal Federal reacendia a discussão ao decidir por não prender cinco pessoas por terem uma clínica de aborto no Rio de Janeiro. Nesse sentido, na programação houve espaço para um momento cívico no Palco Central. Notícias sobre o assunto: CARTA CAPITAL. O STF descriminalizou o aborto? Entenda. *Carta Capital*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-stf-descriminalizou-o-aborto-entenda>>. Acesso em: 19 de set. de 2016; AMANCIO, Thiago. Decisão de ministros do STF de que aborto não é crime divide entidades. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/11/1837279-decisao-de-ministros-do-stf-de-que-aborto-nao-e-crime-divide-entidades.shtml>>. Acesso em: 3 de nov. de 2019. Os dois assuntos necessitam de uma análise mais profunda, pensando principalmente sobre as sequências de acontecimentos históricos. Entretanto, optamos aqui por não nos debruçarmos na temática.

ainda a “defesa da vida desde a concepção até a morte natural” e explicou que a aprovação do aborto, ainda que para determinados casos, feria os princípios do bem maior, que é a vida.

Diante de tais apontamentos, podemos concluir que a Arquidiocese não apenas apoiava a realização do Hallel, mas participava e normatizava o evento. Demonstrava tal participação nos anos iniciais principalmente por meio d’*O Diário*, oficializando um discurso sobre como o Hallel era um evento católico e o que ele procurava responder. Nas últimas edições, as que pudemos observar, entre 2014 e 2019, Dom Anuar divulgou em suas redes sociais o evento, seja pelo *Facebook*, seja no *Instagram*, tanto nos seus perfis como nos da Arquidiocese. Percebemos, assim, que o contexto de realização do Hallel apresenta uma diversidade de problemáticas enfrentadas pela instituição, na qual assume “catolicismos”, mas que não deixa de tomar medidas regulamentadoras, o que é comumente articulado pelas instituições, pois, “[...] a oficialização da ideia de criação e da ideia de originalidade apaga a ideia de desvio” (MORIN, 2011, p.39).

O que percebemos é que a normatização do evento por parte da Igreja católica se apresenta desde o momento da primeira edição do evento em Maringá, mostrando apoio nos discursos oficiais. Isso é marcado dentro do Hallel na celebração dos sacramentos da Igreja, por meio: do Batismo, apoiando e enfatizando que os organizadores são católicos e evangelizadores, fazendo o Hallel tomar um sentido missionário; na Eucaristia, na Adoração ao Santíssimo e na realização da missa; na Confissão, via Módulo Confissão; e no Matrimônio ou na Ordem, via Módulo Família, Módulo Namoro ou pelas pregações sobre vocação.

A hierarquia fazia valer a adesão dos movimentos leigos necessariamente de acordo com os objetivos pastorais definidos por ela, ainda que houvesse o enfraquecimento da capacidade em impor por alto um regime institucional de validação do crer, como veremos a seguir.

### CAPÍTULO 3 - O Hallel e as formas validação do crer: entre o “peregrino” e o “convertido”

*Hallel* é uma palavra que está presente no livro dos Salmos, de origem hebraica que significa “Aleluia” e “Canto de Louvor a Deus”<sup>65</sup>.

Para Hervieu-Léger (2008), o estudo das crenças passa por um interesse maior em seu âmbito de verificação e experimentação, mas encontra sua razão de ser no fato de dar um sentido à experiência subjetiva dos indivíduos, pois as crenças se criam em um novo contexto, de ordem contemporânea. A autora utiliza-se dos termos “bricolagem”, “braconagem” e “colagens” para descrever a paisagem moderna das crenças. Tais termos seriam basicamente a mistura das crenças ou práticas religiosas dos indivíduos. Na Modernidade, temos uma racionalização do pensamento, assim como rejeitamos a religião. Esse quadro, contudo, apresenta ambiguidade, pois expõe uma nova modalidade, a autonomia na crença, assim como na escolha da religião a ser seguida. Isso não significa apagar a religião da sociedade moderna, pois esta tem traços, ainda que mínimos, de continuidade da uma sociedade tradicional.

Ainda que se verifique uma relutância em relação à religião, ela não deixa de estar presente na vida de muitas pessoas, criando uma nova percepção a seu respeito. Mesmo com a individualização, e isso não se pode negar, seria um equívoco ater-se apenas a esta, no que concerne à religião. Hervieu-Léger nos descreve o seguinte:

Como aparato das grandes instituições religiosas se mostram cada vez menos capazes de regular a vida de fiéis que reivindicam sua autonomia de sujeitos que creem, assiste-se a uma efervescência de grupos, redes e comunidades dentro das quais indivíduos trocam e validam mutuamente suas experiências espirituais. (Hervieu-Léger, 2008, p.28).

Desse modo, a tradição religiosa não seria mais um código de sentido que se impõe a todos, mas as sociedades vistas como tradicionais demonstram a transformação de seus códigos, que supostamente deveriam regê-las. Para Hervieu-Léger (2008) é essa capacidade de jogar com o código que constitui a dinâmica da tradição e sua capacidade de se transformar no tempo.

---

<sup>65</sup> MASSALI, Fábio. Uma presença constante. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá. p. D-2, 3 e 4 de set. de 2006.

### 3.1 O movimento que visa atrair jovens: a busca por outras formas de conexão com o sagrado

É fato que o público almejado para o Hallel são os jovens. Como vimos nos capítulos anteriores, há um forte investimento da Igreja católica em ações direcionadas a esse público, sejam os retiros e os acampamentos, sejam os barzinhos e as peregrinações. Também vimos que Maringá é um local de diversidade cultural, com outras instituições que influenciam costumes, hábitos e ideias, mas, se observarmos a juventude da cidade e região, vamos perceber um dos principais ambientes desviantes do modo de ser católico: as universidades. A fala de um dos entrevistados nos chama atenção sobre a própria conversão:

*O Grupo Cristi é um grupo de pescar... de pescar... de pescar a gente pra outras obras, né, você entende?! Dona Maria das Dores é muito ungida, e ela fazia um encontro, até hoje ela faz ainda, mas ela fazia no seminário, conversão de 80 jovens, e tinha vários encontros de conversão. Era, é, Primeiro Anúncio como é que chama, né. E eu fui fisgado nesse grupo, por exemplo. Na época eu fazia UEM, aquela vida... você faz UEM, né. Não sei como é que tá lá hoje, mas era brava! E eu, eu não frequentava, os meus pais são católicos tudo, mas eu não tinha uma vida de Igreja assim. E daí eu fui nesse grupo lá, e fiquei encantado. E eu conheci muita gente lá, e era um grupo... um grupo grande aqui de Maringá. Ele não, a linguagem dele não, puramente da Renovação, é, mas também era... era muito aberto aos [...] da Renovação, eles tinham uma comunicação com todo mundo. Eu... eu fiz vários encontros da Renovação chegaram pra gente a partir do grupo Cristi. (ARAÚJO JR., 2019).*

Araújo Jr. está se referindo à participação no Grupo Cristi e como foi convertido ao participar do grupo, apontando que existia um desvirtuamento em seus hábitos, pois os ambientes universitários apresentam outras vivências. Isso é significativo ao considerar que os jovens são tidos como os mais propensos a querer vivenciar atividades mais extremas, como vimos em Mariz (2005). Essas características sobre a juventude podem ser analisadas de duas formas sob a visão dos entrevistados: a primeira se refere aos jovens que são vistos como indivíduos perdidos, que precisam de auxílio – como relatado por Ganeo (2019), o jovem “[...] eu vejo assim, os jovens hoje perdidos. Muitos sem direção, e hmmm, muitos jovens vêm no Hallel por causa dos shows e eles são resgatados a partir destes shows, eles são resgatados a partir destas bandas e começam a conhecer Jesus a partir daí”. A segunda forma é justamente o fato de eles serem mais abertos a provar as coisas, por isso métodos como os do Hallel são tão assimilados e aceitos. Araújo Jr. acredita que os jovens sejam mais abertos:

*Acho que o jovem, ele tá muito aberto a desbravar né. Ele não tá com... ele não fechou ainda. Ele não fechou. Depois que a pessoa fica mais madura, ela diz: “Ah não, pra vai ser assim e assim minha vida!”. Entendeu?! Mas o jovem é. Porque o jovem é, vai ser muita mudança. Ele vai ter muito escolha, vai ter muita opção, entende?! Então,*

*ele vai na balada e ele acha legal. De repente ele também vai no culto, ele também acha legal. Ele vai num... numa missa mais animada e acha legal. Ele escuta uma música ou alguém fala: “Vamo em tal lugar que vai ser assim, assado”. Ele... e ele vai pra... ele vai pra conhecer. Talvez ele nem sabe que vai conhecer direito, mas como o amigo dele convidou, ele vai. Então, o jovem, ele tá aberto. Tá aí na, até pra conhecer o mundo. E o Hallel é uma... é uma das opções assim, né. Então, por isso que eu acho que o jovem daí, ele gosta de sair, ele gosta de música, ele gosta de movimento. Eu acho que é por isso que ativa tanto jovem. O Hallel, né. E é muito oportuno, porque tem tanta coisa que hoje, né, que jovem é oferecida, que machuca tanto, né. Então, na verdade, é, cabe a nós, né, oferecer algo, não é criticar o que machuca o jovem, mas é oferecer algo de qualidade pra ele. Daí ele escolhe, né. Então, e aí se eles vão, e se eles gostam, né, eles vão sentir a diferença. E aí vão também convidar os amigos. E é essa a corrente. (ARAÚJO JR, 2019).*

Desse modo, os organizadores ressaltam que realizar o Hallel é uma maneira de propiciar meios saudáveis e que não são do mundo. Um dos episódios sobre o evento, narrado por Menegazzo Silva, esboça esse caráter desviante dos propósitos de Deus e como o Hallel visa a uma contenção desses desvios:

*As experiências que nós tivemos enquanto nós tivemos o módulo do rock aqui no Hallel Maringá foram muito satisfatórias, sabe. De você ver multidão de jovens, eu me lembro foi um “pacotasso”, quase 5 quilos desses de açúcar, sabe, cheio de coisa ruim, de drogas que foram sendo jogadas numa condução do padre Julinho, foram sendo jogadas para cima do palco, catamos tudo aquilo ali e demos fim naquilo, né. Então é um movimento assim, que quem faz essa experiência e se deixa tocar é transformador, né. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

Assim, essas perspectivas revelam que o Hallel, para quem o organiza, é um modo diferente de viver a juventude e ser a juventude. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que para esses organizadores há um modo de viver antes da conversão nos propósitos de Cristo e um depois, e é nesse sentido que o Hallel é oferecido, para que esses jovens vivam essa fé. Não podemos perder de vista também que são os universitários os mais secularizados. Recordamos, assim, uma fala de Ganeo,

*É que não conheci a Jesus, né. Hoje a gente tem uma... as famílias, mudou hoje. É... é... [tcs] a evangelização nas famílias, a gente não vê assim, não tem... tem muitas famílias que já não estão mais assim, “Ah, não vou batizar meu filho hoje, porque depois ele vai escolher!”. Tenho amigos que falam isso! Então, se a... a criança cresce é jovem, ela nunca ouviu falar de Jesus. Então se não tiver um leigo, um jovem que vai, que bate na porta, que encontra, é... é, por exemplo, na universidade. A gente tem as universidades renovadas, as universidades católicas, as universidades católicas, muita gente dentro da universidade nunca ouviu falar de Jesus. A gente tem ateus que participam, que acabam de fazer o acampamento, que não conhecem, nunca ouviu falar de Jesus! E a gente ficar nesse meio, a gente fica assim, “Gente, acho que eu não tô fazendo tudo o que eu posso!”. Porque é muita gente que não ouviu falar de Jesus, é muita gente, e é tão... E eu acho assim, que esses grupos precisam se reforçar cada vez mais, precisam crescer cada vez mais. Difícil, eu acho, porque muita gente já não tem tantas famílias que já, que se empenham nessa evangelização, e aí já decai*

*mais, né. E esses jovens que são tocados é que vão fazer esse trabalho de evangelização de engajamento dos jovens. (GANEO, 2019).*

Essa fala também levanta reflexões sobre uma crise de transmissão das instituições tradicionais, por exemplo, da família e pois a religião, mesmo importante para a formação de identidade, já não é tão significativa como outrora. Assim, por mais que o público do Hallel seja majoritariamente católico, a prática católica já não é tão efetiva por meio da família. Levando em conta esse enfraquecimento do catolicismo, os organizadores consideram que evangelizar jovens pode ser uma rede de conexões, ou seja, jovens conduzindo outros jovens às práticas católicas. Como aponta Menegazzo Silva:

*Mas quem melhor que o jovem pra falar com jovem? Quem melhor do que um dependente químico, que já passou por um tratamento, que sabe todas as vivências, todas as dores, todos os sofrimentos de que é ter esse problema da adicção do que ex-dependente? Eu não gosto dessas palavras ex, porque ele nunca é ex, é sempre dependente, mas quem melhor do que o dependente químico pra falar com o dependente químico? Então, se nós queremos trazer o jovem para dar continuidade, nós precisamos evangelizar os jovens, pra que este jovem traga uma linguagem mais atualizada da Igreja sem perder a essência da Igreja, né. Se nós pegarmos a Igreja católica, se você pegar a instituição, ela se mantém comissionada nos seus dois mil anos, né. A... a formatação dela tá mantida. Mas a forma de você expor isso, ela vai se atualizando, que eu tô querendo falar pra você com isso, você tem que usar a linguagem do jovem dando para ele uma base de... de informações que seja a essência da Igreja católica, que seja essência do Evangelho, né. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

As falas dos organizadores e suas vivências e experiências dentro da religião exprimem o que Hervieu-Léger (2008) retrata como a figura do “militante”, ligado à ideia de uma possível reconquista religiosa de um mundo secularizado, e que se aproxima, assim, da figura do “convertido”. Eles são convertidos, como jovens que se encontraram tardiamente dentro do catolicismo, mas também militantes, na medida em que querem disseminar essa possibilidade a toda uma juventude.

Embora não tenha relação com o impulso de conversões do início do século, o fenômeno contemporâneo das conversões ao catolicismo distingue-se claramente pelo fato de não ser mais o fato de um grupo social particular, que assume, sob essa forma, as interrogações da Igreja e da sociedade sobre si mesmas. Sua expansão corresponde à generalização de uma busca espiritual que toca, sob formas diversas, todas as camadas da sociedade. Mas ela é inseparável do enfraquecimento dos dispositivos de socialização religiosa que, em todas as classes sociais, multiplica o número de indivíduos que não tiveram, de fato, nenhum contato com a religião à qual eles se afiliaram de modo puramente formal. Ao invocarem a trajetória de sua conversão, uma importante proporção dos novos batizados, cujos pais também foram batizados, cita o fato de que ninguém, em redor deles, procurou vinculá-los, em momento algum de sua existência, a uma religião definida. Ou então, eles observam, mais prosaicamente, que seus pais simplesmente não ‘tiveram tempo’ de batizá-los. Outros, finalmente, que foram batizados quando crianças, declaram nunca ter ouvido falar do cristianismo em casa. A fronteira se confunde, assim, entre os convertidos de dentro

e os do exterior, no contexto de uma perda geral da identidade transmitida de uma geração a outra. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.115-116).

O excerto acima se assemelha à história narrada pelos organizadores, como se percebem e como percebem os grupos que participam do Hallel. Não é surpreendente, nesse sentido, que a figura do convertido se imponha como a figura modelo do crente, do lado das instituições religiosas, como conclui Hervieu-Léger (2008), e a autora destaca ainda que,

Na medida em que o contexto da secularização corrói as formas conformistas da participação religiosa, já desqualificadas pela valorização moderna da autonomia individual, a conversão é associada mais estreitamente do que nunca à ideia de uma intensidade de engajamento religioso que confirma a autenticidade da escolha pessoal do indivíduo. Converter-se é, em princípio, abraçar uma identidade religiosa em sua integridade. Se o desenvolvimento contemporâneo das conversões está em relação direta com o aumento geral de uma religião de voluntários, emancipados das exigências de uma religião de obrigações, ele envolve também esses últimos no caminho de uma radicalidade religiosa que a própria trajetória da conversão supõe implicar. Deste ponto de vista, as instituições religiosas não se contentam, por valorizarem a figura do convertido, em tomar ato de fato de que a pertença religiosa não constitui mais, nas sociedades modernas, uma dimensão “normal” e imperativa da identidade individual. Elas pretendem, ao mesmo tempo, promover o regime intensivo da vida religiosa que aparece como única maneira que têm de resistir à maré continuamente em ascensão da indiferença religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.131).

Assim, a exemplo do Hallel, podemos esperar que o catolicismo, que vê no convertido uma testemunha da ação divina e conta com o apoio de seu testemunho na ação evangelizadora, tenha, com relação aos candidatos à conversão, uma atitude mais acolhedora, como veremos nas próximas páginas.

### **3.2. Entre o “peregrino” e o “convertido” - o perfil dos participantes do Hallel**

Se o “convertido” parece ser a figura almejada pelo Hallel, durante a realização do evento é recorrente a figura do “peregrino”. Nessas categorias teóricas apresentadas por Hervieu-Léger, encontramos dois modelos opostos de sociabilidade. “Essas observações permitem compor uma figura do peregrino que pode cristalizar de maneira ideal-típica alguns traços do religioso em movimento que mencionávamos metaforicamente ao de ‘religiosidade peregrina’” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.98). Desse modo, tem-se de um lado a figura do “praticante”, que experiencia a prática religiosa como obrigatória, fixa e regida pela instituição, de caráter comunitário e estável, com suas repetições; e do outro, o “peregrino”, que vivencia

a prática religiosa como voluntária, autônoma, variável, individual, móvel e de caráter excepcional.

O que se distingue de maneira decisiva a figura do praticante e a do peregrino diz respeito ao grau de controle institucional presente em uma e em outra. O praticante se conforma a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conversa uma dimensão comunitária. A prática peregrina, ao contrário, é uma prática voluntária e pessoal. Ela implica uma opção individual que mantém a primazia mesmo no caso em que a atividade assume uma forma coletiva. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.98).

Assim, o jovem católico que decide participar do Hallel, entre em um módulo e outro, inscreve seus passos nos das gerações que o precederam nos mesmos lugares, na tradição católica. Ainda assim, é uma prática facultativa, que depende de sua escolha pessoal.

Possivelmente, essa seria uma condição em que muito dos participantes do Hallel de Maringá estariam vinculados, o de procurar novas formas de satisfação a suas necessidades, bem como conhecer e vivenciar essa manifestação individual e coletiva. Quando observamos o público do Hallel, podemos compreender que são eventos como esse que recebem uma grande adesão da juventude. Abaixo, estão listadas características dos participantes que vão ao Hallel de Maringá. Esses dados, porém, não têm a intenção de amostragem, mas de auxiliar na percepção de algumas movimentações particulares sobre o evento e sobre aqueles que procuram o Hallel. Nas Tabelas 1 e 2 estão os dados sobre a idade que o Hallel mais atinge, além de sexo e escolaridade. Os locais assombreados ressaltam as frequências mais altas em comparação às demais respostas.

**Tabela 1-** Particiantes do Hallel (2016-2019)

Características	%	Nº de casos
<b>SEXO</b>		
Feminino	60,60	
Masculino	32,72	
Não declarara	6,66	
Total		495
<b>IDADE</b>		
= ou - 25	73,22	
26 a 35	17,64	
36 a 45	5,47	
+ 46	2,63	
Não declararam	1,04	
Total		495

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA(2016-2019)

**Tabela 2 - Escolaridade e PEA  
(2016-2019) Hallel Maringá**

Características	%	Nº de casos
<b>ESCOLARIDADE</b>		
Ensino Fundamental Incompleto	4,04	
Ensino Fundamental Completo	9,69	
Ensino Médio Incompleto	18,38	
Ensino Médio Completo	24,44	
Ensino Superior Incompleto	22,22	
Ensino Superior Completo	19,39	
Ensino Especial	0,20	
Não declararam	1,61	
Total		495
<b>PEA (+ 10 anos)</b>		
Ocupado	61,61	
Desempregado	3,43	
Estudante	23,03	
Dona de casa	1,61	
Aposentada	0,20	
Não declararam	10,10	
Total		495

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2016-2019)

Alguns pontos podem ser observados por meio dessas informações. Primeiro, que o público jovem é a maioria. Uma segunda questão é que a participação feminina é mais marcante. Terceiro, a escolaridade dos participantes é elevada, por se tratar de uma faixa etária extensa apresentada no Hallel, e na maioria dos entrevistados a idade e a escolaridade são condizentes. Outro ponto relevante sobre o público é que a maioria dos participantes tem uma ocupação. Das atividades remuneradas estão, estagiários, técnicos, funcionários públicos, assalariados, autônomos, entre outros profissionais,

Entre os jovens, a desvinculação das instituições é significativa. As ações da Igreja católica não são apenas para mantê-los na instituição, mas também para considerá-los agentes de evangelização e missionários católicos, questão relevante, pois ao nos depararmos com as respostas do público sobre como ficaram sabendo do Hallel, a maioria menciona que foi por meio de amigos ou de grupos de jovens e oração. Desse modo, a visão que a Igreja católica constituiu ao longo do tempo sobre os jovens é fundamental para pensarmos como as novas expressões religiosas vão ao encontro desse grupo.

Considerando esse fenômeno de vivência e grupos, nos é revelado por meio dos visitantes as seguintes formas de como descobriram e conheceram o Hallel: 38,58% ficaram sabendo do evento por algum amigo, que por vezes é de algum grupo da Igreja católica; 31,11%, pelos grupos de oração e/ou grupo de jovens – isso evidencia a influência que os grupos têm em relação aos jovens –; apenas 12,32% responderam que ficaram sabendo pela internet; 9,29%, pela Igreja; 6,46%, por algum familiar; e 9,89% declararam respostas variadas, como namorado, ex-catequista, atrações, televisão, rádios, entre outras. Assim, muitos jovens se deslocavam por meio de caravanas e referiam-se ao evento como algo ímpar, um jeito diferente e menos tradicional de ser católico. Não que não houvesse pessoas que se juntavam apenas para compartilhar um momento festivo, mas era algo que pode ser visto por meio do vínculo afetivo, já que a maioria dos participantes revelava uma partilha religiosa em grupos e comunidades. É possível afirmar que as características do evento em módulos, as atividades que consistiam em adorações, louvor, música, missa, e mesmo os módulos são elementos que chamam a atenção do público, o que é ressaltado pelos participantes na pesquisa. Contudo, a atividade que mais aparece e é mais procurada são os *shows*, o que pode ser elencado como o principal fator de deslocamento desses jovens para a festa, Observemos a tabela abaixo.

**Tabela 3 - Menções sobre os *shows* (2016-2019)**

Característica	<i>Shows</i> %	<i>Shows</i> e outras %	Menções totais %	Nº de casos por grupo
Idade				
- 25	27,97	21,05	49,03	361
26 a 35	34,48	14,92	49,42	87
36 a 45	3,70	11,11	14,81	27
+ 46	15,38	30,76	46,15	13

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2016-2019)

Como já colocado, várias foram as atividades indicadas pelos visitantes como importantes, entretanto, com maior frequência, os *shows* são vistos como a atividade favorita. Apenas na faixa etária entre 36 a 45 anos percebemos uma menor menção, mas é ainda a atividade que mais está acompanhada de outras práticas, como adoração, missa e capelas. Isso nos leva a apontar que os *shows* são um chamariz (como observamos na Imagem 7) não apenas para os jovens, mas para todas as idades, pois podemos considerar outra questão, a de que essas pessoas maiores de 46 anos vivenciaram também uma juventude que estava inserida justamente no contexto de florescimento dos *shows* e da música católica, e são tendências que podem ter

acompanhando a formação religiosa delas. Porém, não podemos perder de vista que vários participantes ressaltam preferir as pregações, a adoração e a missa.

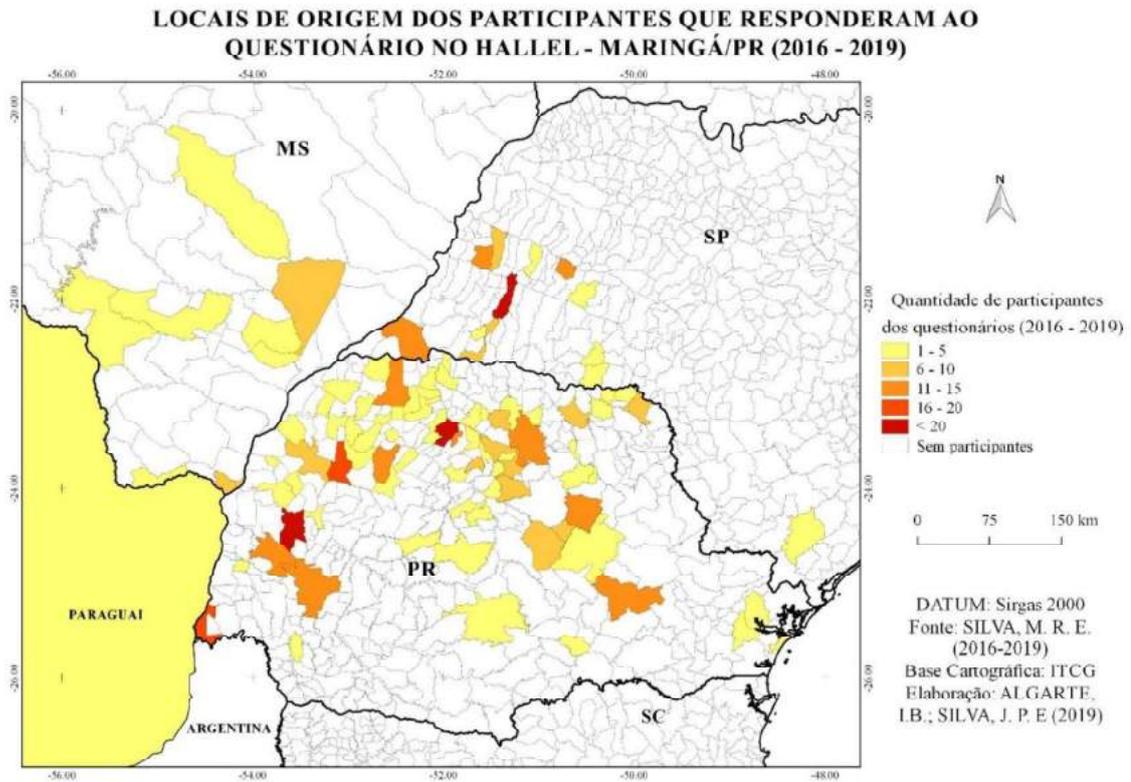
**Imagem 7** - O chamariz do Hallel



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Vivenciar essas experiências, para muitos, exigia algum esforço, em viagens de quilômetros de distância para estarem um dia ou dois no Hallel. São gastos com transporte, alimentação, estadia, além do cansaço físico e a disposição em investir o tempo no evento. O mapa abaixo mostra os locais de origem dos participantes.

**Figura 6 - Mapa dos locais de origem dos participantes do Hallel**



O Norte Central paranaense, que abrange as regiões de Londrina e Maringá, indo até Cândido de Abreu – divisa com a Região Sudestes –, e o Noroeste, que compreende Paranavaí e Terra Rica, são os locais mais citados pelos participantes. Não podemos deixar de notar que a Região Oeste, com as cidades de Assis Chateaubriand, Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu (divisa com Argentina e Paraguai), e a Região Sudeste, com Prudentópolis e Rebouças, também apontam as peregrinações desses locais a Maringá. Todavia, as cidades não se restringem apenas ao Paraná. Frequentemente, algum animador perguntava do palco principal se “Tem alguém de São Paulo?”, e era possível ouvir a manifestação das caravanas de Presidente Prudente, Dracena e Teodoro Sampaio, como vemos no mapa. Sem contar as pessoas de Mato Grosso do Sul, como Dourados, Mundo Novo e Nova Andradina, e até do Paraguai – em 2017 encontramos um grupo de quatro pessoas com uma bandeira do país vizinho, que nos informaram ser de Pedro Juan Caballero.

Percebemos emergir aqui, portanto, a figura típica do “religioso em movimento” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.89). A princípio, tal figura relaciona-se aos percursos espirituais individuais e organiza-se como uma trajetória de identificação religiosa. Em seguida, seria a associação temporária da sociabilidade religiosa, pois está em busca de algo que já não sabe o que é, de experimentações novas, mas sem necessariamente manter um vínculo definitivo com

certas instituições. São os que chegam ao Hallel por vontade própria, mas que também saem por vontade própria, sem nenhum vínculo maior, apenas o de conhecer novas pessoas e vivenciar algum tipo de manifestação.

### 3.3 A chegada e a entrada: primeiras impressões sobre o Hallel em Maringá

Há várias formas de chegar ao Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, local de realização do Hallel. Muitos chegam em seus veículos particulares, outros caminhando a pé, sozinho ou em grupo, quando vivem nas proximidades. Para os que vivem em outros bairros de Maringá ou em cidades vizinhas, há transporte metropolitano. Nos dias do evento não é incomum notarmos uma movimentação um pouco diferente no Terminal Urbano<sup>66</sup> de Maringá, no centro da cidade. “*Qual o ônibus que para perto do Parque de Exposições?*” era uma das perguntas que ouvimos com frequência. A indumentária também evidenciava o destino das pessoas: camisetas com estampas religiosas, terços pendurados no passante da calça ou enrolados em uma das mãos, todas buscando um transporte que as levassem até a entrada do Parque, na Av. Colombo, ou nas proximidades, como a Av. Tuiuti.

Independentemente da forma de chegar até o local, a visão era a mesma: um grande fluxo de caravanas na frente da entrada principal, pessoas vestidas com trajes dos grupos religiosos ao qual pertenciam, vendedores ambulantes de comidas para consumo no local ou alimentos não perecíveis para doação, além de artigos religiosos. Parte dos participantes chegava ainda no sábado e ali eles permaneciam acampados, aguardando as atividades do domingo. Estas se iniciavam cedo, com uma missa, às 8h. E o fluxo de pessoas ia aumentando com o passar do dia. Nesses anos (2014-2019), a expectativa de público girava em torno de 50 mil a 70 mil pessoas, e a maior parte destas ia apenas no domingo.

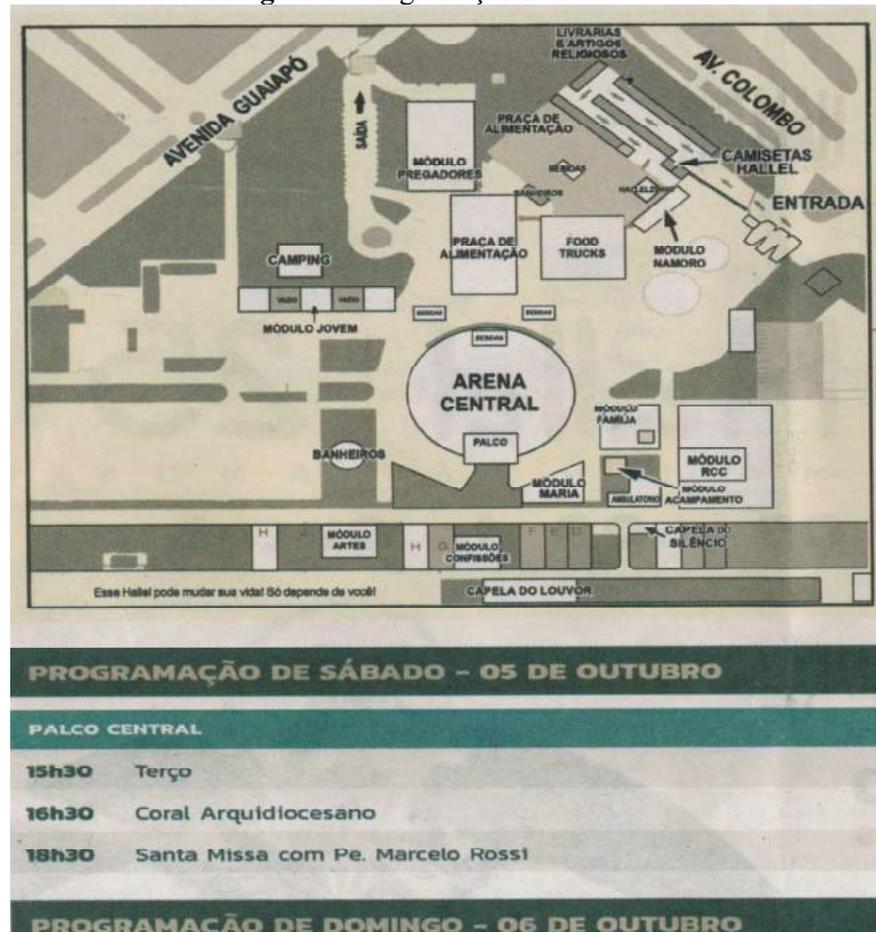
O acesso ao evento se dava pela entrada principal localizada na Avenida Colombo. Formavam-se duas filas: uma para mulheres e outra para homens, ambas passando por vistoria, e então adentravam pelo Pavilhão de Indústria e Comércio Christina Helena Barros, o “Pavilhão Azul”. Os que traziam um quilo de alimento para doação ali o entregavam para os Vicentinos. Logo à esquerda havia um local montado para a venda das camisetas oficiais do Hallel<sup>67</sup> e

<sup>66</sup> O Terminal Urbano Intermodal Dr. Said Feliciano está localizado no centro de Maringá na Av. Advogado Horácio Raccanello Filho, 667 - Zona 7, 87020-035.

<sup>67</sup> Vale ressaltar que nas duas últimas edições as camisetas haviam esgotado. A venda começava de forma antecipada, pelo *site* do Hallel <<http://hallelmaringa.com.br/2019/>>, e/ou por pessoas que se disponibilizavam para vendê-las pessoalmente, mas era no dia do evento que as vendas aconteciam com mais intensidade.

grande parte das pessoas transitavam pelo local vestindo a camiseta do evento. Havia também um espaço com a programação impressa (ver Anexo 1), (Imagem 8), que ficava em cima de uma mesa, não contendo o horário e o local onde cada artista e pregador estariam, mas com um mapa de localização dos módulos.

**Imagem 8 - Programação Hallel**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Nos 6.731 m<sup>2</sup> do Pavilhão, com capacidade para 13 mil pessoas, um corredor com estandes era montado, formando um U (Imagens 9 e 10). Nesses estandes estavam ordens religiosas, grupos e movimentos católicos que conversavam com as pessoas que por ali passavam, patrocinadores do evento, além de estandes com vendas de artigos religiosos, livros e camisetas.

**Imagem 9** - Estandes no Pavilhão Azul



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

**Imagem 10** - Movimentos e Congregações Religiosas



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Ao sair desse corredor, acessávamos a praça de alimentação, onde mesas e cadeiras estavam dispostas para comportar as pessoas que quisessem consumir os alimentos. O Hallelzinho, módulo dedicado às crianças, na maioria das vezes, estava montado por ali. Ao sair do Pavilhão havia outro corredor com barracas de comida, como podemos observar na Imagem 11.

**Imagem 11 - Praça de Alimentação Externa**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

O Pavilhão Azul era ligado ao Palco Central por um corredor montado como praça de alimentação. Todos que chegavam ao evento obrigatoriamente tinham de realizar este percurso, a saída, no entanto, se dava por outros espaços, em geral sendo indicada Av. Guaiapó, ou o portão principal do Parque na Av. Colombo. Apenas no último ano observamos os participantes acessarem a Pavilhão Azul para saírem do local, após o encerramento do Hallel.

### 3.4. Os módulos: o esforço de evangelização e conversão

No Minidicionário *Aurélio*<sup>68</sup>, módulo significa:

1. Qualquer quantidade que se toma como unidade de medida. 2. *Arquit.* Medida que se convencionou como unidade padrão e à qual se sujeitam dimensões das partes de uma construção. 3. Parte de conjunto mecânico ou eletrônico com certas características dimensionais e funcionais escolhidas para facilitar a realização de determinado conjunto. 4. Unidade (de material de construção, mobiliário, etc.) planejada para ajustar-se a outra. 5. Parte autônoma de um veículo espacial; cabina. 6. *Mat.* Raiz quadrada positiva do produto escalar de um vetor por si mesmo. 7. *Mat.* Valor absoluto. (FERREIRA, 2001, p.501).

Os módulos no Hallel eram as partes que compõem o evento, realizados sob encargo de Pastorais, movimentos e várias frentes da Igreja católica em Maringá, como formas múltiplas de evangelização – por meio de arte, música, fala e teatro. Cada módulo contava

<sup>68</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

com palestras e falas dirigidas por convidados artistas, pregadores, padres e leigos, contando com a circulação constante das pessoas. Sobre isso, Menegazzo Silva explicou:

*Nós temos o que a gente chama de módulos evangelizadores, que são os módulos de pregação, Capela do Louvor, Capela do Silêncio, Movimento Familiar Cristão, RCC, todas essas coisas nós chamamos de módulos evangelizadores. E nós temos os módulos expositores, que acontecem hoje no Pavilhão Azul, que são, é, espaços que nós locamos pra editoras, pra pessoas que tem comércio de livros, de artigos religiosos dentro do... dentro desse espaço do... do Hallel. Tudo isso ajuda, nos ajuda a fazermos esse caixa que mantém a... a... que possibilita a execução do evento. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

Cada um dos módulos contava com uma ou mais atividades, referentes ao que cada um dos grupos e frentes, que ali se apresentam, desenvolviam e se dedicavam. É importante ressaltar que durante os 25 anos do Hallel a disposição espacial dos módulos modificou, surgiram módulos novos e outros foram extintos, sempre acompanhando o interesse dos movimentos religiosos em participar e da viabilidade desses em estarem presentes no evento.

Dos resultados de nossa pesquisa, entre os anos de 2016 e 2019, tivemos as seguintes citações sobre quais eram os módulos mais procurados: o Módulo Jovens, com 103 respostas, seguido por Palco Central (96), Capela do Louvor (77), Módulo Namoro (59), Módulo Maria (46), Módulo *Rock* (42), Módulo RCC (35), Capela do Silêncio (34), Módulo dos Pregadores (27), Módulo Família (26), Módulo Artes (21), Módulo Teatro (18), Módulo Acampamento (13), Módulo Som da Terra (12) Confissões (11) e Hallelzinho (4). Esses módulos serão abordados com mais detalhe no decorrer do texto. Apesar de módulo ser um termo utilizado pelos organizadores para se referirem aos locais que ocorrem as atividades, alguns participantes não sabiam o que eram, além disso, as capelas e o Palco Central, por exemplo, para algumas pessoas era desconsiderada como módulo.

Apesar da pesquisa de opinião ter sido realizada aos domingos, vale ressaltar que aos sábados também havia atividades. O Pavilhão Branco, por exemplo, contava com o Festival Novo Som<sup>69</sup> – o horário durante cada edição era variado, mas com início sempre depois das 13h. No concurso, bandas e/ou artistas apresentavam suas músicas autorais, com o vencedor anunciado no Palco Central no dia seguinte, às 15h, cujo prêmio era a apresentação nesse mesmo espaço. Nos anos em que não havia *shows* grandes no sábado, realizava-se no Pavilhão a missa de abertura do Hallel.

Se o sábado contava com alguma atração de mais visibilidade, como Pe. Reginaldo Manzotti (2017) ou Pe. Marcelo Rossi (2019), o local de concentração era o Palco Central. Na manhã seguinte realizava-se a missa, sendo este o primeiro Módulo a iniciar as atividades.

---

<sup>69</sup> Em 2015 foi realizado no Módulo dos Pregadores.

Encerrada a missa, o Santíssimo<sup>70</sup> saía do Palco em procissão para a Capela do Louvor, e assim os demais módulos iniciavam suas atividades.

Diferentemente dos outros módulos, o Palco Central (Imagem 12) tinha a característica de *show*, pois o local é uma construção com arquibancada ao redor e uma arena no meio sob uma cobertura, com capacidade para 14 mil pessoas, onde montava-se um palco. É nesse palco que eram anunciados os apoiadores do Hallel e os patrocínios, além de ser o local onde as principais atrações tocavam, como The Flanders (2016-2019), Rosa de Saron (2016-2017), Thiago Brado (2016-2019), Gracielle (2016-2019), Dj Léo Guimarães (2016-2019) e Anjos de Resgate (2017), ou como foi em outros anos, em que por ali passaram nomes como Dunga, Martin Valverde, Mistério de Oração, Pe. Zezinho, Pe. Fábio de Melo, Dani Boy, Adriana e Ceremônia. Era o último módulo, que encerrava as atividades com a Bênção Final.

**Imagem 12 - Palco Central**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

No domingo pela manhã, após a missa, o arcebispo Dom Anuar Battisti saía em procissão com o Santíssimo do Palco Central e se dirigia para a Capela do Louvor. Nesse momento, os módulos se esvaziavam e algumas pessoas acompanhavam a procissão até a Capela do Louvor (Imagens 13 e 14). No centro da capela, o Santíssimo era exposto, cadeiras eram espalhadas e ali indivíduos e grupos conduziam os momentos, como Irmã Zélia (2016-2019), Colo de Deus (2018-2019), Thiago Brado (2016-2017) e Projeto Mais Vida (2016-

<sup>70</sup> Santíssimo é o nome devocional usado pela Igreja católica para referir-se ao corpo e ao sangue de Cristo, na forma de pão e vinho, consagrados na celebração da Eucaristia. Vide: CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Sagrada Congregação para o Culto Divino*. Paulus Editora, 2000. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/CultoEucaristico.pdf>>. Acesso em: 4 de ago. de 2018.

2019), com música, louvores e orações. O Mais Vida ficava responsável tanto pelo Palco Central quanto por essa capela e convidavam artistas, pregadores e bandas para conduzirem a adoração ao Santíssimo durante o dia todo.

**Imagem 13 - Capela do Louvor**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

**Imagem 14 - O Santíssimo**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Ao sair da Capela do Louvor e atravessar uma das ruas construídas no Parque, nos deparamos com uma fila grande, que formava durante todo o dia, para acessar o Módulo de Confissão. Mais recentemente, nas últimas edições, também havia o Módulo de Aconselhamento/Escuta. Na mesma rua do Módulo de Confissão, à esquerda, situava-se o Módulo Artes (Imagem 15), que em alguns anos foi denominado Módulo Teatro e/ou Módulo

Teatro e Dança. Haddad (2019) relatou que esse Módulo era organizado pelo Pe. Beto Vieira<sup>71</sup> e que grupos de jovens de diversas Paróquias, tanto de Maringá quanto de outras cidades paranaenses, como Sarandi, Peraçu e Atalaia-PR, além da Comunidade Colo de Deus de Jandaia do Sul, realizavam ali apresentações de teatro e dança.

**Imagem 15 - Módulo Arte**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Em linha reta em direção aos banheiros, doestava localizado Módulo Jovens (Imagem 16), mas em outros anos ali também havia os Módulos Som da Terra – com bandas de música sertaneja e música gaúcha - e o Adolescente. No Módulo Jovens, o mais citado nos questionários, havia algumas pregações e palestras, como: *Sementes de uma nova geração* – Grupo Quadrilha de Jesus e Anjos Guardiões (2016); *Os planos de Deus na minha vida* – Dom Anuar Battisti (2016); *Terço Jovem – Rota 300* – Pastoral da Juventude e Pós Crisma (2016); *Santo sem deixar de ser jovem* – Dj Léo Guimarães (2017); *Jesus é a minha Força e Sustentabilidade* – Pe. Maxwell Quaye de Gana/ África (2017); *Eu sou do meu amado e Ele é meu* – Colo de Deus (2018); *Levanta-se a geração do amor* – Pe. Beto Vieira (2018); e *Depressão e Suicídio* – Onias Botelho (2019). Durante nossas pesquisas de campo e observações, ouvimos várias falas dos participantes sobre o significado do Hallel que faziam referência às pregações ocorridas nos módulos, e uma participante nos explicou que a importância do evento era “*mostrar que dá para ser jovem sem deixar de ser santos*”. Atrás

---

<sup>71</sup> José Humberto Vieira foi ordenado em 2017. Atualmente está à frente da Paróquia São Paulo Apóstolo em Sarandi. ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Padres. *Arquidiocese de Maringá*. Disponível em: <<http://arquiocesedemaringa.org.br/padres/130/pe-jose-roberto-vieira>>. Acesso em: 30 de jul. de 2020

desse módulo ficava o local do *camping*, onde pessoas e caravanas que chegavam no sábado acampavam – em 2019, até um luau foi realizado ali para os campistas.

**Imagem 16 - Módulo Jovem**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Rumando à direita do *camping*, observando externamente a praça de alimentação, situava-se o Módulo dos Pregadores (Imagem 17), um grande espaço com palco construído na frente da própria estrutura do prédio e que reunia leigos ou religiosos, artistas ou não, para realizar pregações, sempre acompanhados de uma equipe de músicos, o que de forma geral era possível constatar em quase todos os módulos. Algumas das pregações ali apresentadas foram: *Da morte para vida* – Valdemir Freire (2016); *A cura entre gerações* – Sidnei Telles (2016); *Deus te ama e está contigo no sofrimento* – Luiz Cláudio Schiebel (2017); *Em Cristo tenho uma nova chance* – Andréia Salles (2018); e *Perdão: a chave para todas as curas* – Paulo Ramão (2019).

**Imagem 17 - Módulo Pregadores**

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Em alguns anos, o Hallelzinho (Imagem 18) era montado logo à vista de quem passava pela praça de alimentação, no mesmo espaço. Em outros, era em um local anexo ao Pavilhão Azul. A imagem estampada e colocada em frente ao módulo no ano de 2019 refere-se ao IAM, responsável pelas atividades do Hallelzinho, como pinturas, músicas e brincadeiras, conduzidas por algumas paróquias de Maringá para crianças.

**Imagem 18 - Módulo Hallelzinho**

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Ao sair do Pavilhão Azul pela praça de alimentação, à esquerda ficava o Módulo do Namoro (Imagem 19), em lona branca, com corações espalhados pelo local, som à frente e cadeiras distribuídas no espaço. O nome do Módulo é indutivo, abordando relacionamento, vocação, castidade, afetividade, sexualidade, solidão, casamento e corpo. Entre os temas, tínhamos: *Namoro a distância, dá certo?* – Emerson Laines, da Comunidade Shalon (2016);

*Afetividade e sexualidade* – Antonio Henrique, do Grupo Filhos de Abrão (2016); *Castidade, Deus quer, você consegue* – Crislayne Cristina e Fernando Janegitz (2017); *Construindo uma relação respeitando o outro* – Jacinto Maia (2017); *Vocação, qual o caminho?* – Pe. Rodrigo Gutierrez Stabel; *Amar para ser amado* – Alessandra de Fátima Figueredo (2018); *Como enfrentar a dificuldade do relacionamento a dois?* – Psicóloga Leila Ferreira Farias (2018); e *Teologia do Corpo* – Ana Nerry (2019). Cada palestrante trazia uma perspectiva, podendo perpassar questões como castidade, vocação, valorização de si e do outro e sexualidade. A forma que esses temas eram abordados referiam-se geralmente ao grupo do qual esses palestrantes fazem parte, podendo ser eles mais conservadores ou não.

**Imagem 19** - Módulo Namoro



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Um tema recorrente no Hallel é família. Ao seguir alguns metros, um dos módulos que discutia a instituição familiar era o Módulo Família (Imagem 20), com pregações como: *Segunda união e Nulidade* – Diác. Celso Mendes (2016); *Vivendo em comunidade* – Anna Christina E. F. Soares e Claudemir Martins Soares, da Comunidade Arvorear (2016); *Pais, os verdadeiros amigos (resgate de um dependente químico)* – Onias Botelho (2017); *Cuide bem do tempo que você tem* – Roger Naves (2018); *Jovens, sejam família* – Missão Boa Nova (2018); e *Pais e Filhos* – Cantora Carmem (2019). Aqui, pode-se perceber que são diversas as questões relacionadas à família e que enfatizam a concepção de como viver em grupos e comunidades, que podem ser vistos como uma nova família, além de tratar da relação com membros familiares e da base que a família deve exercer na vida do indivíduo – vide o título da palestra de Onias Botelho em 2017.

**Imagem 20 - Módulo Família**

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Andando alguns passos, também em um local de lona branca, havia o Módulo Acampamento (Imagem 21), com desafios e dinâmicas organizados pelo Projeto Mais Vida, além de pregações. Em frente a esse estava o Módulo RCC (Imagem 22), em que a Renovação Carismática Católica<sup>72</sup> conduzia pregações, como *O Espírito Santo, o Sopro da Vida* – Alex Chaves (2016), e orações, como *Oração por cura com o Santíssimo* – Ministério de Oração por Cura Interior (2017) e *Oração de efusão* – Wellington Dutra (2019). Além de música, pregações e orações, o módulo conduzia a realização de missas (2016-2019).

---

<sup>72</sup> Sobre a RCC, esta foi abordada no Capítulo 1. Entretanto, é necessário entender que se trata de um movimento surgido no Estados Unidos por volta de 1967, com uma abordagem pentecostal, da ação Espírito renovando e convertendo os católicos. “De forma sucinta a organização dos da RCC é por meio dos grupos de oração, com encontros semanais que têm como base a oração, sob várias formas: louvor, ação de graças, orações contemplativas, orações em línguas, petições de graça e cura; os cânticos, que são uma forma de oração; o silêncio; o exercício dos dons carismáticos; as leituras da Bíblia; os testemunhos e as partilhas” (PRANDI, 1998, p.35).

**Imagem 21** - Módulo Acampamento



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

**Imagem 22** - Missa Módulo RCC



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Descendo a rua em uma construção de esquina, estava a Capela do Silêncio (Imagem 23). Nela, assim como a Capela do Louvor, havia a exposição do Santíssimo e a programação era “silêncio na presença do Santíssimo” – era o único módulo sem música nem palavras, por vezes, se escutava o som do Palco Central.

**Imagem 23** - Exposição Santíssimo Capela do Silêncio



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

O último espaço presente no mapa de 2019 era o Módulo de Maria (Imagem 24), que em 2016 foi voltado para a oração das mil Ave Maria. Nos anos seguintes foram realizadas algumas pregações, como *O sim de Maria* – Janice D’Avila Versan (2017) e *Nossa senhora de Guadalupe* – Tia Lolita (2018), além do terço mediado (2017-2019) e a celebração da missa como última atividade do módulo (2017-2019). Era um local que por vezes tinha flores e a imagem de Maria à frente do módulo.

**Imagem 24** - Missa Módulo de Maria



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

Alguns dos módulos citados por participantes não foram montados em determinados anos, como o Módulo *Rock* (Imagem 25), um palco para *shows* montado em local mais amplo e livre. Por ali passaram bandas como Lord Metal (2016), The Flanders (2016-2017), Cavaleiros

Consagrados (2017) e Morya (2017). Durante a pesquisa, percebeu-se sua ausência a partir de 2018, apesar de muitas pessoas mencionarem o espaço nos questionários. Uma moça, inclusive, que via o parceiro responder ao questionário de 2019, exclamou: “*Mas esse módulo não tem!*”, ao que ele respondeu: “*Mas das outras vezes eu fui nele!*”.

**Imagem 25 - Módulo Rock**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Além dos módulos aqui citados, foi mencionada a Pastoral dos Surdos, que conduziu o Módulo Mãos que Evangelizam (Imagem 26) entre 2016-2018 e em 2019 marcou presença em alguns módulos, participando de atividades pontuais em Libras, a língua de sinais oficial do Brasil, além da celebração das missas pela manhã, no Palco Central.

**Imagem 26 - Módulo Mãos que Evangelizam**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Esse caminho realizado pelo parque durante o evento ajuda a compreender a opção pelo termo “módulo”, pois cada um desses espaços apresenta uma fração unitária de um amplo projeto de evangelização católica. Trata-se de um evento no qual percebemos as distintas formas de evangelização, de debate de temas sociais, de estratégias de diálogo com a juventude e de técnicas de aproximação. Apesar de distintas, elas se sujeitam a uma unidade padrão, a Igreja católica, e os módulos fazem parte dessa construção.

### **3.5 A atração mais procurada: os *shows***

Entre as atividades mais procuradas no Hallel, nossa pesquisa constatou que os *shows* foram os mais citados, aparecendo 228 vezes, ficando à frente de todas as atividades, com 44 menções, de adoração, com 37 citações, e música, com 33 respostas. A procura pelos *shows* por parte dos participantes ressalta as indicações sobre o módulo com mais concentração de pessoas, o Palco Central. Como já descrevemos, no espaço era montado um palco e ali se apresentavam os principais artistas.

Durante esses anos de observação, dois outros espaços também centravam suas atividades em *shows*, como o Módulo Som da Terra e o Módulo *Rock*. Alguns dos artistas que se apresentavam nesses módulos também tinham espaço no Palco Central, tal como Estância Divina, Ceremonya e The Flanders. Se por um lado um representava as músicas sertaneja e gaúcha, com pessoas dançando em pares, fazendo coreografias, por outro havia um espaço próprio para o *rock*, o único módulo além do Palco Central com palco. O Módulo *Rock* se destacava principalmente pela vestimenta de algumas pessoas que ali participavam: calças rasgadas, coturnos, camisetas de bandas como Ramones e Slipknot, tatuagens pelo corpo, cabelos arrepiados e alguns coloridos e alargadores na orelha e muitos homens de barba e cabelos longos; havia ainda parte do público com camisetas de banda de *rock* cristão, como The Flanders e Rosa de Saron, ou seja, era uma plateia que destoava do restante do evento. Os jovens dançavam individualmente, balançando suas cabeças e cabelos no ritmo da música. Observamos que a banda que tocava era de Fortaleza e agradeceu muito pela recepção de todos – a hospitalidade calorosa do público sempre foi marca desse módulo –, batendo palmas, principalmente no *riffs* de guitarras, e em todo momento pronunciavam o nome de Deus, com letras em sua maioria abordando Deus e Maria.

Quando observamos o Palco Central era possível ver momentos em que alguns artistas movimentavam bastante o módulo. Ali, as pessoas ficavam ora sentadas na arquibancada ouvindo os artistas, ora se levantavam e se movimentavam conforme a música. Outras ficavam na arena próximo ao palco, pulando, dançando e cantando com quem se apresentava. Ainda em 2014, a já citada The Flanders chamou até o palco uma cantora para uma participação especial, Gracielle, e uma das reações mais notórias foi a de uma moça, que começou a chorar ao ver e ouvir a cantora, dizendo o quanto amava a artista. Quando terminaram a apresentação, alguns presentes começaram a pedir mais uma música.

No palco, o apresentador começou uma pequena interação com o público, solicitando a algumas pessoas que subissem ali para cantar músicas da banda Ceremony, como uma pequena competição, para ganhar um CD. A banda, então, começou sua apresentação – bandas de *rock* cristão movimentam bastante o público. Um aglomerado, que estava no centro da arena, jogava água para o alto, e isso acontecia constantemente, enquanto outras pessoas cantavam com grande fervor algumas músicas. O efeito de tudo isso em cada indivíduo é único: alguns fechavam os olhos, colocavam as mãos no coração e começavam uma forte manifestação, como havia acontecido na missa, gritando “*Rei, Rei, Rei Jesus é nosso Rei*” várias vezes. Então, foi solicitado que todos ficassem de joelhos para a leitura da Bíblia, e a maioria dos presentes fez o que o cantor pediu, que disse várias palavras referentes ao amor e à sedução de Deus, e muitos que estavam ali repetiam o que era dito de forma fervorosa e expressiva. Pouco a pouco, o local ficava mais cheio.

Já a apresentação de Electro Cristo foi um momento de descontração, sem muitas pregações. Por ser música eletrônica, muitos aproveitaram para pular e dançar na arena, ainda com muita água sendo jogada para o alto. Nos últimos anos (2018-2019), o DJ sempre pedia às pessoas que não desperdiçassem água.

Em 2014, enquanto a Rosa de Saron tocava, a arena lotou. As pessoas gritavam e cantavam com a banda. Uma mulher exclamava o quanto seu filho amava o grupo. Nesse momento, passava da 22h, e, diferentemente de outras bandas, esta realizou mais um *show* do que uma pregação. Um dos membros disse que ficava feliz quando sua música ajudava alguém, fosse em momentos de depressão, fosse em qualquer outra situação. De fato, a maioria das pessoas agia como grandes fãs da banda – quando estava terminando a apresentação, pediram bis. Depois do *show* ocorreu um esvaziamento do espaço, já que muitas caravanas anunciavam que estavam indo embora, ficando apenas algumas pessoas no centro da arena e outras na arquibancada.

Repetidamente os apresentadores mencionavam entre os *shows* a Benção Final do Santíssimo, enfatizando ser o ponto máximo do Hallel, pois representava o porquê do evento, ou seja, Jesus Sacramentado. No *show* do Ministério Adoração e Vida, por sinal muito animado, as pessoas que estavam no centro da arena pulavam, cantavam e dançavam. Houve um momento em que, quando começou a tocar determinada música, olhamos para trás e um grupo de garotos, que estava saindo, parou subitamente nas escadas, então colocaram as mãos no coração, fecharam os olhos e cantaram, como se a música dissesse o que estavam sentindo; cantavam fortemente, e, quando a música terminou, olharam-se e saíram — e foram os únicos a fazer isso.

As reações dos artistas e do público nos *shows* gerava um ambiente contagiante. Como podemos observar nas imagens abaixo, referente ao ano de 2015, os momentos que mais reuniam pessoas eram os *shows* finais, pois as bandas que mais atraem o público eram escaladas para os momentos mais próximos do encerramento do Hallel, o que não ocorre com os demais módulos, que encerravam suas atividades entre 17h e 18h.

**Imagem 27 - Show**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

As bandas e os artistas que ali se apresentavam também mudaram durante os anos, pois novos nomes foram ganhando visibilidade, tais como Thiago Brado e Colo de Deus, como ocorreu nas últimas edições. Além disso, figuras importantes, como Pe. Reginaldo Manzotti e Pe. Marcelo Rossi, apesar de realizarem missas, movimentam e atraem o público, pois também cantam e fazem apresentações, demonstrando um grande carisma. Em suma, o público em grande medida era atraído principalmente pelo trabalho dos artistas e das bandas, que também

conduziam os participantes a uma comoção coletiva, alegrando, empolgando e também levando a plateia ao êxtase.

### 3.6. O Sacramento Eucarístico no Hallel: a missa, a adoração e a Bênção Final

A Eucaristia<sup>73</sup> é um dos sete sacramentos da Igreja católica, considerada pela instituição como o centro da vida cristã, pois é a presença do próprio Cristo. “A celebração do sacrifício da Eucaristia é a origem e fim do culto que à mesma Eucaristia se presta fora da Missa” (CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, 2000, p.10). Desse modo, é o Cristo imolado no sacrifício da Missa, quando começa a estar presente sacramentalmente como alimento espiritual dos fiéis sob as espécies do pão e do vinho, também conservada fora das celebrações, nos oratórios e nas igrejas. Pode ser designada como Santíssima Eucaristia, ou Santíssimo Sacramento, a presença de Cristo. No Hallel, nos deparamos com as duas formas de culto: a missa, que é a celebração da Eucaristia, e a extensão desse culto para fora da missa, que é a exposição e a adoração do Santíssimo nas capelas e, em algumas ocasiões, nos módulos.

Entre os anos de 2014-2019, contabilizamos a realização de aproximadamente 30 missas durante o Hallel. Em todas as edições acompanhadas houve uma missa no sábado. Durante o domingo, o evento começava pela manhã, com uma missa no Palco Central e, durante o dia, em diferentes horários e módulos (Maria, RCC, Teatro, Mãos que Evangelizam, Pregadores, Hallelzinho).

Quando mencionamos acima que aos sábados era realizada uma missa à noite, recordamos que, por vezes, alguns padres eram as principais atrações do evento, como ocorreu com o já citado Pe. Reginaldo Manzotti (2016), que posteriormente realizou um *show*, e o também mencionado Pe. Marcelo Rossi (2019). Quando havia padres como esses nas celebrações de sábado, muitas pessoas se deslocavam até o Parque, com grande adesão

---

<sup>73</sup> A devoção à Santíssima Eucaristia, tanto em sua maneira particular como na pública, mesmo fora do culto da missa, é recomendada com empenho, uma vez que o sacrifício eucarístico é a fonte e o vértice de toda a vida cristã. Para a Igreja, os fiéis devem lembrar de que estão na presença deriva do Santo Sacrifício, que se destina à comunhão sacramental e espiritual, sendo assim, adorarem a Cristo presente no Sacramento (CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, 2000, p.73). No manual sobre a celebração da Eucaristia fora do culto da missa, é exposto o seguinte: “A ninguém, é permitido duvidar «que todos os cristãos devem prestar com veneração a este santíssimo Sacramento o culto de latria que é devido ao verdadeiro Deus, segundo o costume desde sempre recebido na Igreja Católica. Pois não deve ser menos adorado pelo facto de o Senhor Jesus Cristo o ter instituído com o fim de ser comido»” (CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, 2000, p.9). Vide: CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Sagrada Congregação para o Culto Divino*. Paulus Editora, 2000. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/CultoEucaristico.pdf>>. Acesso em: 4 de ago. de 2018.

de idosos e adultos. Eram em geral missas animadas, com os padres cantando durante a celebração e demonstrando um forte carisma e ótima presença de palco. Além disso, a missa de Pe. Reginaldo era de transmissão ao vivo para internet e rádio, desse modo era comum ouvi-lo falar sobre a Obra Evangelizar, bem como a forma que de se articular em palco ser semelhante à de um radialista em determinados momentos, deixando para fazer o *show* artístico depois de encerrada a missa. Já Pe. Marcelo canta suas músicas mais famosas durante a celebração da missa – no canto de entrada, no ato penitencial, na glória, no ofertório, na comunhão e no canto final. O que era possível observar é que, apesar de serem missas, as pessoas cantavam e dançavam durante esses momentos, distinguindo-se dos parâmetros tradicionais da Santa Missa, de padres que são apenas celebrantes. Não podemos deixar de pontuar que nos anos em que as missas foram celebradas sem a presença de um padre midiático a celebração foi realizada em ambientes menores, muitas vezes com a presença de Dom Anuar, mas com a celebração feita por padres que geralmente pertencentes à Arquidiocese.

**Imagem 28** - Celebração missa Pe. Marcelo



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2019)

No dia seguinte, o Hallel teve início com a missa, por volta das 8h30, com o arcebispo entrando no Palco Central com os seminaristas. As pessoas batiam palmas ritmadas com a música e cantavam juntas. O público aumentava consideravelmente durante a celebração à medida que as caravanas. Ainda assim, no local da arena, havia grandes espaços vazios, pois a maioria optou por ficar nas arquibancadas. Os fiéis se mostravam animados, por meio de gestos e durante as músicas – entoando frases como “glória, aleluia”. Durante a comunhão foi comum o arcebispo chamar religiosos de diversas ordens para distribuírem a Eucaristia. Esses eram

acompanhados de ajudantes, que lhes davam visibilidade com coletes e bandeiras vermelhas, indicando onde os fiéis deveriam se dirigir para comungar. As pessoas formavam filas no centro da arena e nas arquibancadas, e quando voltavam para seus lugares ficavam em silêncio, em grande maioria, enquanto outros cantavam com o coral. Um gesto comum entre os fiéis eram as mãos juntas diante da testa e do nariz, com suas orações, ou chorando enquanto rezavam, e ainda havia aqueles que conversavam uns com os outros.

A celebração eucarística começou no Palco Central no domingo, e posteriormente o rito se estendeu em procissão até a Capela do Louvor, sendo encerrado somente à noite, no Palco Central. Nos primeiros anos, no momento final da missa, ocorria uma grande manifestação do público, desencadeada quando o arcebispo mostrava o Ostensório<sup>74</sup> com a Eucaristia, batendo palmas e gritando “*Rei, Rei, Rei Jesus Cristo é Nosso Rei*” por seguidas vezes. Algumas pessoas se ajoelhavam e outras seguiram em procissão até a Capela do Louvor. Já o Ostensório ficaria ali até às 21h, momento em que seria trazido para o Palco Principal, novamente, para o rito final do Hallel, o Santíssimo Sacramento. No último ano, notamos um significativo esvaziamento no momento da procissão, pois diversas pessoas saíram do local mesmo com o anúncio vindo do palco de que haveria a procissão do Santíssimo. Os que permaneceram no local, entretanto, se ajoelhavam, faziam o sinal da cruz e acompanharam o rito até o fim. Desse modo, temos o segundo momento no que se refere ao culto da Eucaristia no Hallel, a adoração ao Santíssimo exposto.

O arcebispo, ao terminar a missa, saiu em cortejo com o Santíssimo até a Capela do Louvor, onde era adorado pelos fiéis durante o dia por meio de músicas e orações. Nas Imagens 13 e 14<sup>75</sup>, quando abordamos essa capela, vemos o Santíssimo exposto, local onde ficava até os momentos finais do Hallel. Outro local de exposição do Santíssimo é a Capela do Silêncio. Assim, depreendemos o sentido de que sejam as músicas ou o silêncio, sejam as orações em ladainhas ou as pessoas que se prostram diante do Santíssimo, ou mesmo pelo ambiente decorado com luzes e sombras de forma estratégica, ou um cenário vinculado à natureza, são ações que demonstram o empenho, o respeito e a adoração dos organizadores pela Eucaristia, pois para esses é Cristo, bem como era percebido por muitos dos participantes que partilhavam

---

<sup>74</sup> Ostensório, ou custódia, é uma peça de ourivesaria usada em atos de culto da Igreja católica romana para expor solenemente a hóstia consagrada sobre o altar ou transportá-la solenemente em procissão. Sua utilização é uma manifestação artística do dogma católico da transubstanciação da hóstia consagrada no corpo de Cristo e da consequente e devida veneração na presença real de Deus. Na falta de uma custódia, a âmbula pode ser utilizada para o mesmo fim. EDUCALINGO. Ostensório. *Educalingo*. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/ostensorio>>. Acesso em: 21 de maio de 2020

<sup>75</sup> Vide p.100.

e estavam em momentos de adoração nesses ambientes. Pois ali, em frente ao Cristo exposto, eram os momentos em que mais observávamos a relação de humildade.

Mencionamos que outro local onde o Santíssimo era exposto é a Capela do Silêncio. Entretanto, no que se refere à Bênção Final do evento durante esses anos que observamos, esta é findada com o préstimo do Santíssimo, que saía da Capela do Louvor, salvo o ano de 2018, quando o evento foi encerrado com a missa de Pe. Marcelo, em que a bênção final foi realizada com os ritos da própria missa.

**Imagem 29** - Missa de domingo



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

A Bênção Final era o último momento no Hallel diante do Santíssimo, quando Dom Anuar descia as escadas do Palco Central e caminhava pelo corredor em procissão, com o Ostensório que expunha o Santíssimo durante o dia, entre 9h e 10h, no domingo de noite. O arcebispo era seguido por determinadas pessoas da organização do evento e alguns seminaristas diocesanos com velas e incenso (Imagem 30). Enquanto ele caminhava, algumas pessoas prostravam-se, outras elevavam suas mãos, outras ainda se abraçavam e/ou colocavam suas mãos no peito, gestos comumente vistos também nas capelas, como sinal de submissão e humildade.

**Imagem 30 - Entrada do Santíssimo Bênção Final**

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Dom Anuar se direcionava para o altar montado no Palco Central, e nesse momento as pessoas fechavam os olhos, em que é possível observar os corpos em oração, se expressando, e diversas eram aquelas que contemplavam e se deixavam contemplar em razão do momento. O arcebispo, então, utilizava o incenso (Imagem 31) e proferia “*Graças e louvores se deem a todo momento*”, e os fiéis respondiam “*Ao Santíssimo Digníssimo Sacramento*” – frases estas pronunciadas três vezes.

**Imagem 31 - Incenso no rito final**

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

O ritual não foi muito demorado, e pouco tempo depois o arcebispo saía em silêncio do palco e as pessoas começaram a ir embora. Isso até observarmos o Hallel de 2019, quando Thiago Brado, após a Bênção do Santíssimo, continuou a cantar. Ou em 2018, quando o evento foi encerrado com a missa realizada pelo Pe. Marcelo Rossi, como apontado anteriormente.

O momento em que o arcebispo entrava no Palco Central era sempre quando o último artista da noite ainda estava se apresentando, e eram eles que preparavam o ambiente para a recepção ao Santíssimo, conduzindo tudo por meio por meio da música e da pregação, intensificando esse momento.

A celebração de Jesus na Eucaristia também era uma das características do Hallel, e ocorria por meio das missas realizadas pelos sacerdotes, além da adoração e da exposição do Santíssimo Sacramento fora da missa – na procissão, na exposição e nas capelas do Louvor e do Silêncio. Para encerrar, a Benção Final, atividade proposta pelo evento e enfatizada frequentemente pelos apresentadores no Palco Central.

...

Neste capítulo, buscamos compreender o Hallel como um movimento que visa atrair jovens, apresentando novas formas de conexão com o sagrado. A fim de pensar quem é esse jovem que participa do evento, operacionalizamos dois conceitos – “peregrino” e “convertido” –, buscando destacar as formas de vivenciar e experienciar o Hallel em Maringá. Identificamos nos *shows* o ponto de divulgação e interesse mais alto do público, principalmente da parcela “peregrina”, e percebemos a ação dos módulos no sentido de evangelizar e converter. Ainda assim, tudo muito regulado e sacralizado pela instituição católica, especialmente na figura do arcebispo, por meio das missas, da adoração e da Benção Final. O grau de regulação institucional determina, igualmente, o significado que os próprios interessados atribuem à sua participação. Certamente essas modalidades de experiência – “peregrino” e “convertido” – são tentativas teóricas de compreender o fenômeno religioso estudado. Não podemos afirmar que os praticantes regulares assimilaram o evento integralmente e sem reservas, tampouco que a prática regular não possa ser vivida de forma mais leve, distanciando-se dos significados maiores almejado pelos organizadores e pela instituição. As figuras do “praticante” e do “peregrino” se opõem, enfim, na medida em que encarnam dois regimes nitidamente distintos do tempo e do espaço religiosos no plano da teoria. Na cena religiosa real, eles implicam jogos complexos de atração, repulsa e combinações cujas lógicas carecem de identificação mais precisa, caso a caso. Ainda assim, parece evidente que a Igreja católica em Maringá, confrontada com a expansão de uma religiosidade individual e móvel sobre a qual tem pouca influência, por meio de seus movimentos leigos procura “canalizar e orientar inventando [...] formas de uma ‘sociabilidade religiosa peregrina’ [...] que se ajustem melhor às necessidades

espirituais contemporâneas do que às assembleias clássicas dos praticantes” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.100).

## CAPÍTULO 4 - O Hallel como experiência religiosa

Vimos até o momento discutindo as práticas de regulação e normatização, por parte da Igreja católica, das religiosidades individuais em Maringá, por meio de seus arcebispos e movimentos leigos, especialmente vinculados à organização do Hallel. Apontamos as figuras do “praticante” e do “peregrino”, que se opõem, mas permitem alcançar o máximo esperado: o “convertido”. A existência deste assegura o sucesso de todo o investimento institucional, é o ideal almejado. Ainda assim, gostaríamos de centrar a discussão nas experiências que fogem ou independem das reguladas pela instituição – nos referimos à experiência pessoal do sagrado (ELIADE, 2010), única e singular.

Eliade (2008)<sup>76</sup> alerta que pensar o estudo de uma religião sem considerar seu caráter sagrado é trair o que constitui a base de um fenômeno religioso. Mas como apreender os sentimentos, as vivências e as experiências individuais? Wilfred Cantwell Smith (1967, p.62-63) afirma que “Una de las diversas formas de descubrir el significado que algo tiene para persona comprometida en ello es preguntárselo a ella misma”<sup>77</sup>. Nos capítulos anteriores, tivemos a oportunidade de mostrar o olhar que os organizadores e a hierarquia católica em Maringá têm sobre o Hallel, e agora gostaríamos de nos deter na visão que os participantes têm do evento.

### 4.1 A experiência do sagrado

Em um momento, observamos pessoas pulando com as mãos para cima, movidas pelo som do *rock*. Instantes depois, o vocalista da banda Ceremony, um homem com cabelos longos e barba, vestindo preto, pediu à multidão que se ajoelhe. Com a Bíblia na mão, ele pregou algumas palavras. Sua ação fez as pessoas transbordarem lágrimas, ao mesmo tempo que, em alto em bom tom, louvavam a Deus. Essas cenas que pessoas escutavam as letras de músicas envolvidas por um universo intimista era recorrente, e alguns dos artistas pregavam enquanto realizavam seus *shows*, conduzindo assim o estado orante dos participantes. No Hallel era possível dançar música eletrônica, ouvir *rock* e, com três minutos de caminhada, estar na Capela do Silêncio. As pessoas transitavam emocionalmente entre lágrimas e sorrisos.

---

<sup>76</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

<sup>77</sup> Uma das diversas formas de descobrir o significado que algo tem para uma pessoa envolvida com uma crença é perguntar a ela mesma” (SMITH, 1967, p.63, tradução nossa).

Ao andar entre os módulos era possível ouvir pessoas se movimentando e dando seus testemunhos, falando de si e de suas experiências. No Módulo Família e em outros *shows*, uma das cantoras relatou sua experiência religiosa com o Hallel aos demais participantes. Ela compartilhou que, no dia de uma das edições, sofrera um aborto, e ainda assim decidiu cantar, pois acreditava que não poderia deixar de louvar e levar a palavra, que Deus acolheria sua dor e era importante, era sua missão continuar a trajetória. No ano de 2014, ela dividiu com o público que havia sido abençoada com uma criança. Externava suas emoções em uma fala sobre dor, superação, família e, principalmente, sobre confiar nos propósitos divinos. E tal angústia não era sentida apenas por ela – no ano de 2015, observamos uma mulher subir ao palco do Módulo Pregadores, pedindo a todos que orassem por ela, pois havia 10 anos que tentava engravidar e tinha esperança de alcançar um milagre.

Outra cena que recordamos aconteceu em 2017. Um pouco antes de o sol se pôr, embora houvesse movimento entre os módulos, todos estavam em processo de encerramento, com as pessoas se encaminhando até o Palco Central para os *shows* principais. Então, o Módulo de Maria nos chamou atenção, pois o local tinha várias pessoas, muitas saindo com rosas brancas em suas mãos. À medida que saíam, nós íamos entrando. A imagem de Nossa Senhora Aparecida estava no centro, pois era celebração dos 300 anos de sua aparição. Uma enorme quantidade de rosas brancas enfeitava o ambiente, numa espécie de altar. Eram aquelas rosas que os fiéis estavam retirando, pegando por conta própria ou das mãos dos organizadores do módulo. Algumas saíam com várias, 12 ou 15 rosas, demonstrando um apreço por tê-las consigo. Majoritariamente eram mulheres mais velhas, mas havia também um público de outras idades, como crianças, jovens e homens. Foi quando repousamos o olhar em uma mulher, e ela se destacava, pois parecia estar na contramão do restante do público, que tanto ansiava pelas rosas e queriam ir para o *show*. Com um bebê no colo, ela tinha um caminhar preciso, objetivo e não buscava as flores. Parou diante de Nossa Senhora, e uma das organizadoras do módulo pegou a imagem de Maria e tentou aproximá-la da mulher, enquanto esta tentava aproximar a criança que estava em seu colo até a imagem de Nossa Senhora. Inicialmente, aquilo nos causou ansiedade, pois a mãe inclinava e estendia para cima o bebê até a imagem porque estava em um local elevado, e a sensação era de que a criança ou a imagem poderiam cair a qualquer momento, até que ela tocou o bebê em Nossa Senhora. Ao virar-se em ângulo que podíamos ver sua face, percebemos sua emoção, e ao baixarmos nosso olhar até o bebê, ainda muito novo, vimos um corte na parte superior de sua cabeça, no cabelo raspado. Nesse momento, a clareza sobre essa cena tomou-nos à mente, era uma graça alcançada ou um pedido. A mãe podia estar cumprindo

uma promessa, em gratidão a uma cirurgia bem-sucedida ou outra situação pela qual sua criança havia passado, então a levou a Nossa Senhora, pois precisava agradecer. A fé, o caminhar firme e a crença no poder de Maria eram reais para aquela mãe. Não sabemos se os organizadores sabiam das intenções dela, no entanto era visível o esforço desses para que o ato fosse realizado. Não se trata apenas de uma imagem, é um momento mágico, de fé e devoção, de uma crença que marca situações da vida daquela mãe, que pedia a outra mãe que intercedesse por seu filho(a). Essa cena foi após a Missa de Consagração e Renovação dos Votos a Nossa Senhora, celebrada pelo Pe. Rodrigo Gutierrez Stabel.

É dessa forma que as graças eram compreendidas, manifestadas em situações similares a essas, que garantiam a possibilidade de viver, ter filhos, um emprego, boas relações familiares e superar vícios ou depressão, de pedir ou agradecer por graças e milagres. O Hallel, dessa forma, constitui-se dessa amplitude de questões, como o festejar e o comemorar, mas também envolve externalizar as dores, os anseios, ser acolhido, expor a dor e sentir-se acolhido, extasiado – são manifestações que ocorrem de forma simultânea na experiência religiosa vivida.

Durante as seis edições que observamos do Hallel, ficou evidente que estar presente no evento não é um processo simples e apenas prazeroso. Além do deslocamento, havia as questões climáticas. Em alguns anos o sol era escaldante, em outros havia chuva e frio. Ainda assim, verificamos que 53% das pessoas consultadas procuravam participar do evento de maneira regular ou todos os anos, e a renovação de público que participava pela primeira vez era inferior à metade. Sobre essa participação, duas situações distintas nos ajudam a compreender os contrapontos das formas de experiência possível.

Em 2016, uma das participantes mencionou que era madrinha do grupo de jovens de São José das Palmeiras-PR, quando perguntamos o que o Hallel significava para ela. A participante comentou o quanto os jovens tinham se esforçado para ir ao evento, pois realizaram jantares para levantar fundos para a caravana, o que mostrava a união deles para estarem ali. Era a primeira vez do grupo no evento, e aquela ação para ela demonstrava como o evento significava união, um esforço conjunto para acessar algo importante. Não podemos concluir se o que o Hallel significava para essa mulher havia mudado durante esse tempo, não voltamos a reencontrá-la durante a festa, mas era visível seu esforço em assegurar que aqueles jovens pudessem compartilhar da mesma experiência que ela.

Do mesmo modo, recordamos de outro participante, que nos abordou enquanto estávamos conversando com um grupo da cidade paulista de Teodoro Sampaio, na Arena Central. Enquanto aguardávamos as várias pessoas do grupo escreverem suas percepções sobre

o Hallel, ele se aproximou e perguntou se sabíamos com quem poderia conversar no evento para dar um testemunho. Dissemos que infelizmente não sabíamos. No papel que ele havia respondido sobre o que o Hallel significava, estava escrito, “*Significa muito, mudou a minha vida*”. Foi quando contou que no ano de 2012 estava passando por muitas dificuldades e viu um ônibus com um grupo que ia para algum lugar que ele não sabia ao certo, e foi transformado no Hallel. Ali ele encontrou um novo motivo para viver e, por isso, todos os anos se esforçava para realizar uma caravana e estar ali no evento. Ele não costumava ficar em outros módulos, gostava do Palco Central, e foi naquele local que, podemos concluir, o rapaz foi convertido.

As impressões narradas acima não são compartilhadas por todos. Contudo, para outros participantes, o evento pode ser visto como um “cristianismo estético” (HERVIEU-LÉRGER, 2008, p.79) cujos vínculo e adesão de fé ou inserção comunitária existem, mas são muito pouco explícitos. É o caso daqueles que viam no Hallel “*A oportunidade de conhecer pessoa conhecidas nacionalmente*”, de conhecer “*As atrações*”. Mesmo aqueles que não mencionaram apenas procurar os *shows* partem da ideia enviesada por uma instituição menos formal, mais próxima dos jovens, com uma nova percepção polifônica, e não mais um uníssono, em que apenas os representantes do corpo eclesial entoam suas vozes e /ou se expressam de maneira mais evidente na religião. Diziam assim, alguns participantes, que a importância do Hallel está em “*aproximar a presença de Jesus do povo, mostrando que a religião não é algo maçante*” ou na “*união de tantas pessoas de forma divertida*”, em “*colocar em prática com a Igreja; não precisa ser padronizada, missa, tradicional ‘chata’*”, pois “*é um momento de curtir se se divertir, mas também para repensar sobre Deus*”, sendo também uma “*forma de estar mais perto e participativa da igreja*”.

Desse modo, para muitos o formato do Hallel é um meio de as pessoas terem novas experiências relacionadas à religião, ao sagrado, além de ser um momento para a conversão: “*por ser parecido com um festival, atrai pessoas que não são da Igreja, podendo convertê-las, o que é lindo*”; “*trazer muitos jovens para igreja*”; “*novas experiências dentro da religião*”, “*trazer o jovem para um novo olhar da religião*”; “*recuperar a juventude e trazer de volta para a Igreja*”; “*é uma maneira de fazer as pessoas voltarem a acreditar em Deus*”; “*pra mim é evento muito importante, porque aproxima jovens, mais perto de Deus e de Maria*”; “*evangelização, para que as pessoas tenham um encontro pessoal com Deus*”. A busca é de “*experiência com Cristo de forma dinâmica e direcionada ao público jovem*”, de “*intimidade com Deus (busca ao conhecimento melhor)*”, de “*se divertir perto de Deus*”, “*adorar a Deus pela música*”. Enfim, de “*estar na presença do Senhor, com as pessoas que eu gosto e vivenciar tudo intensamente*”. Essas falas, que sintetizam a maioria do pensamento dos indivíduos com

os quais conversamos, corroboram que o Hallel é um momento de uma reunião de práticas religiosas católicas voltadas principalmente para a juventude.

Essas “condições comunitárias de uma experiência religiosa pessoal e fortemente emocional” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.112) apontam para uma relação de conversão – “*já pensava em desistir de tudo e o Hallel me deu ânimo*”, resposta muito similar ao do rapaz que realizava as caravanas. Isso que nos faz observar que para alguns o Hallel é um meio para “*um novo conhecimento sobre a religião*”, “*trazer cultura católica e espiritualidade para jovens*”, “*nos manter informados um pouco sobre nossa religião e dizer o quanto Deus nos ama*”, ou seja, é um meio de falar sobre a religião católica, de “*aprendizagem, de aprender as coisas de Deus*”.

O público do Hallel, conforme constatamos, é majoritariamente católico e jovem, com 98% das pessoas se declarando assim e 91% desses católicos afirmando nunca terem participado de outra religião. Das religiões que aparecem como outras práticas, estão: evangélicas (32); espírita (3); afro-brasileiras (2); protestantes (2); metodista (1); batista (1); mórmon (1); e *seicho-no-ie* (1). Alguns desses participantes já fizeram parte de outra religião, e as procuram porque gostam de ver outras práticas ou, ainda, por seus familiares, que participam dessas religiões. Entre os 6% que não são católicos, houve a declaração que eram evangélicos e/ou não tinham religião. Não raro identificou-se no público um viés múltiplo sobre o Hallel no que tange a tanto “*ser um evento católico*” para unir os “*jovens na religião*” quanto a “*ser um evento para todas as religiões*”. Há pessoas distintas, não apenas na denominação religiosa, mas também católicos distintos, com funções, visões e interpretações variadas do catolicismo, o que diversifica as opiniões. Essas percepções são amparadas pela fluidez na trajetória religiosa traçada pela Modernidade.

Cada um dos que participam do Hallel estabelece uma relação particular com o evento. Há aqueles que apenas vão em busca de diversão e lazer, já outros procuram uma alternativa ao conceito tradicional da Igreja católica, e alguns vão apenas pela experiência. Ao dialogar com os participantes, observamos que alguns faziam parte de vários grupos católicos, tais como o Movimento Cursilho de Cristandade e a Pastoral da Juventude, e que muitas vezes houve trânsito entre esses grupos, ou comunidades católicas, de forma a buscar mais interação e conexão. As narrativas dos organizadores e dos participantes apontam para essa religiosidade mais fluida e ainda revelam a importância para esses sobre o poder caminhar, ou seja, serem “peregrinos” e terem escolhas dentro da própria religião, dentro dos módulos e entre as atividades.

*Então, é bom demais né. Só quem faz... só quem faz a experiência né, Malaquias 2: “Fazei a experiência” e você abrirá as torneiras e os mananciais. Então, pra entender o que é Hallel tem que viver Hallel, né. Pra entender essa loucura tem que se fazer parte, tem que se permitir, tem que... tem que passar o dia lá. Entrar num módulo aqui, “Não, isso não tá me agradando”, “Aqui... aqui me soa melhor, aqui me sinto melhor”. E ir passando. Acompanhar o movimento dos jovens. (MENEGAZZO SILVA, 2019).*

*Isso que eu acho legal da Igreja católica, que ela tem dentro dela esses movimentos, ela é muito democrática, né. Desde o mais tradicional, você mesmo participa do Projeto e viu como que é, como que a gente acolhe as pessoas. O Projeto é muito diferente, né. E a Renovação também, são carismas, né. Então, são formas de se comunicar com o povo, isso eu acho muito rico dentro da Igreja, é muito interessante, né. Porque, você pode se situar, você pode, “Ah, eu gosto duma linguagem mais efusão do Espírito Santo, ou, ah, de coisa mais séria, eu gosto de uma igreja”. O importante é que todos saibam pra quem é o foco, é feito pra Jesus, pra seguir. Pra gente melhorar, pra ser melhores. O que eu acredito é isso, né, pra você ser melhor, se conhecer mais né. E aí essa unidade é muito bonita. Com respeito, as outras denominações. Por isso eu também acredito nisso, que eu como católico tenho que respeitar todas as religiões, como ser humano, né. Todas as religiões e denominações, e aí vai tudo né. Todas as escolhas, todas as opções. Tem que respeitar. (HADDAD, 2019).*

Ao encontro dessas perspectivas dos coordenadores, verificamos que os participantes apontam que algo importante no Hallel é a “*Diversidade de módulos, qualidade dos convidados*”, “*a evangelização através de diversos módulos*”, pois “*consegue reunir várias tribos da Igreja católica num local. Uma forma de reunir tanto católico ou não pra falar de Deus*”. As pessoas que passam pelo Hallel podem escolher seu programa peregrinando entre os módulos, e esse movimento revela a busca individual dos “peregrinos” e a preferência de vivenciar o sagrado desde as atividades mais agitadas até as que exigem silêncio. E mesmo aqueles que mencionaram não participar de “nenhum” estavam ali para ver os *shows* no Palco Central – como identificado em uma das respostas: “*raramente vou nos módulos*”.

A Modernidade religiosa é caracterizada pela mobilidade. Por conta disso, e segundo Hervieu-Léger (2008), a figura do “convertido” é, sem dúvida, a que oferece a melhor perspectiva para identificar os processos das identidades religiosas nesse contexto de mobilidade, pois é após a “peregrinação”, ou seja, depois da procura por uma identificação religiosa, é que se torna possível observar a conversão. Três são as modalidades principais dessa figura: a primeira é o indivíduo que “muda de religião”; a segunda, o aquele que, não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, descobre, a partir de um caminho pessoal mais ou menos longo, aquilo no qual se reconhece e ao qual decide, finalmente, integrar-se; por fim, a terceira modalidade é a da figura do “refiliado”, do “convertido de dentro”: “aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida a *mínima*, de

maneira puramente conformista” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.111, grifo da autora). Vejamos agora a história de Wellington, narrada pelos organizadores.

*Foi a questão assim, de eu ver vidas transformadas a partir do Hallel, principalmente de jovens que eram assim, bem perdidos. De depoimentos, é, de jovens que chegaram pro Hallel pra fazer bagunça, chegaram pro Hallel pra falar assim: “Nossa, vou lá, tem um monte de menininha, vou pra passear, vou pra conhecer a cidade”. E depois mandou depoimento pra gente que foi tocado. De gente que na hora que a gente fez a procissão de saída, é, sentiu com o Santíssimo, viu o olhar de Jesus e teve uma vida transformada, acho que foi isso que mais me tocou. É que o pessoal fala assim, “Ah, mas são tão poucos diante da multidão”. Mas se não tivesse isso essa pessoa não teria sido resgatada. Nós temos gente dentro, que participou inclusive o conselho, que entrou no Projeto Mas Vida, que era de outra cidade, que veio pra paquerar as meninas. E foi tocado na procissão do Santíssimo. E depois ele falou assim: “Não, eu vou para aquela cidade, eu quero trabalhar nesse Projeto, eu quero conhecer isso, eu quero fazer parte disso!”. Largou a vida dele que tinha lá, veio procurar. Deixou a família, veio procurar trabalho em Maringá, é... é, foi, fez o acampamento, começou a fazer parte da equipe e tá com a gente até hoje. Foi muito tempo, né. O Wellington fez parte do acampamento, do Hallel dentro da estrutura, até hoje com o coordenador da estrutura dentro do Hallel. Porque ele foi, a vida dele foi transformada a partir do Hallel. Esse é um exemplo, mas a gente tem vários outros exemplos, a gente ouviu. É que as pessoas são de mais longe e a gente não sabe como tá a vida da pessoa hoje, mas a gente tem muitos depoimentos assim. Que eu sinto assim, se não fosse o Hallel, será que ela teria oportunidade dessa transformação de vida?! Então, assim, a ação de Deus dentro do Hallel é visível. A gente presencia isso. A gente tem depoimentos disso. Então Ele usa o Hallel pra resgatar jovens e isso é... é pra mim é um máximo [risos]. (GANEIO, 2019).*

Ao atentarmos para a mobilidade existente no cenário religioso, em que as instituições perdem relativa influência sobre as escolhas dos indivíduos, o que influi nas perspectivas de trajetórias individuais, as pessoas aderem a crenças motivadas por suas experiências e preferências, configurado na “figura do peregrino”. Esta é permeada pela construção de uma narrativa de si mesmo: “é a trama das trajetórias de identificação percorridas pelos indivíduos” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.89). Essa construção refere-se à formação de uma identidade religiosa quando a subjetividade se encontra com a objetividade de uma linhagem de crença, nesse caso encarnada em uma comunidade na qual o indivíduo se reconheça. O que não significa que essa referência implica em adesão completa a uma doutrina religiosa, sequer em incorporação definitiva em uma comunidade: “Essa ‘religiosidade peregrina’ individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertencas comunitárias às quais pode dar lugar”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.89-90).

Assim, nosso objeto de pesquisa se configura como um evento que permite uma fluidez religiosa, ou seja, “peregrinação” e “conversão”. O Hallel em Maringá é um evento religioso que responde à Modernidade, uma ação da Igreja católica para conter o enfraquecimento da

adesão de fiéis, cada vez mais escassa, principalmente entre os jovens secularizados. É um evento que demonstra uma feição do catolicismo vivenciado em “tribos”, de uma busca por práticas religiosas mais animadas, com forte laço emocional. Para o público, esse evento religioso significa e reúne: “*amor, fé, paz, união*”, “*alegria*”, “*adoração*”, “*amor*”, “*sintonia com Deus*”, “*significa me encontrar com Deus através da música*”, “*renovação*”, “*diversão*”, “*bênção*”, “*esperança*”, “*Espirito Santo*”, “*Cristo*”, “*Deus*”, “*evangelização*”, “*juventude na igreja*”, “*amor e aprendizado e reflexão sobre nossos atos*”, “*gratidão a Deus, por ter dado a sua vida por nós*”, “*fogo do espírito*”, “*comunidade e união*”. Como enfatiza um dos participantes, o Hallel é sinônimo de “ *festa, acredito que é uma festa católica que reúne todo mundo, não vê tristeza, as pessoas choram de felicidade*”. Em suma, o evento aproxima o jovem da religião, levando-o a participar mais ativamente das práticas religiosas, convertendo-se, e atua como uma rede de conexões, evangelizando outros jovens.

A experiência do sagrado não é passível de simplificação, já que essas pessoas revelam acreditar no poder e na ação desse (sagrado) de maneira real, eficaz e significativa em suas vidas. Ali, os participantes podem dançar e cantar no Palco Central e ouvir sobre Cristo, pedir por milagres em suas vidas ou, ainda, se converterem para uma vida regida por tais realidade, vivência e experiência.

#### **4.2. A transformação individual: o Deus amigo**

Para o pesquisador/observador no Hallel, inicialmente, os verbos intransitivos podem parecer as descrições mais evidenciadas: orar, cantar, rezar, chorar, rir, abraçar, observar, prostrar, ouvir, comer, sentar, descansar, louvar, cantar, adorar, falar, silenciar, passear. Eles, todavia, não revelam todos os sentidos possíveis do evento. Para quem o vivencia parece ser muito mais sobre substantivos e adjetivos, principalmente de natureza e estado: alegria, felicidade, amor, fé, paz, união. De fato, todas essas atribuições são significativas, pois mostram uma relação de meios em que os participantes encontram o sagrado e sobre como esse sagrado esse é vivenciado por eles.

Desse modo, no que tange a troca de experiências, construção de memórias e identificação, nos relataram os participantes que “*o Hallel significa muita coisa pra mim. Depois que vim a primeira vez mudou a minha vida toda*”; “*Louvor. Hallel louvor. Oração. Encontro com Deus fé. Onde iniciam namoros*”; “*aprender a fazer amizade um com outro*”, “*as histórias, o que você sente na hora*”; “*As orações e pregações que marcam na nossa vida*”; “*é*

*a busca de melhorar ouvindo as pregações*”; “*estou vivendo um recomeço na minha vida, vir no Hallel é mais uma batalha vencido*”; “*evento importante. Íntimo. Traz boas recordações*”. Para outros, é uma parte da própria história: “*faz parte da minha história há 15 anos, passei muitos momentos inesquecíveis da minha vida aqui*”; “*história do casal*”, pontuou um casal ao responder o questionário.

Para Hervieu-Léger (2008, p.143), as práticas “nebulosa mística-esotéricas” influenciam na perspectiva de “reunificação espiritual da vida individual e coletiva”, garantido uma “ética do amor”, ou seja, esse movimento de olhar para si e buscar um equilíbrio interno em consonância com o que a sociedade moderna oferece – saúde, bem-estar, vitalidade, beleza – diz respeito à salvação visada à vida aqui de “baixo”. Esse movimento influi na “absorção do individualismo religioso no individualismo moderno, sob o signo da valorização do mundo, por um lado, e da afirmação da autonomia do sujeito crente, por outro” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.143), o que corrobora para que possamos compreender a relação dos participantes como o sagrado no que consiste o Deus próximo e, ao mesmo tempo, o Deus distante.

A virada cultural e política, enfatiza Hevieu-Léger (2008), do século XVIII no Ocidente se abre sob um duplo aspecto de recomposição do individualismo moderno, colocando Deus ao alcance do homem e afastando-o da esfera das atividades humanas. É um Deus conhecível através do coração, estabelecendo uma coexistência que permite a possibilidade de o ser humano afirmar sua autonomia, um Deus em que se pode adorar e do qual não se espera que possa interferir na vida humana com castigos e julgamentos, o que funda um “cristianismo amigo”<sup>78</sup>.

Esse “cristianismo amigo” implica e suscita a revolução moderna constitui a afirmação de um sujeito crente, capaz de se pensar a si mesmo como um parceiro igual nesta relação de amigos; capaz igualmente de atuar de maneira autônoma em um mundo que se separou da presença alienante do sagrado. Uma figura do individualismo religioso inaugura-se aqui: a do *individualismo religioso moderno*, que se desabrocha nas formas mais contemporâneas da religiosidade. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.153, grifo da autora).

Ao mesmo tempo que há uma predominância de um mundo secularizado, ocorre a valorização espiritual afetiva com a figura do divino. Isso é fortemente marcado nas letras das músicas cantadas no Hallel, sobre o afastamento das pessoas da instituição, mas que voltam e se encontram com o Deus amigo, com um Deus íntimo, de laços afetivos. Consideramos, assim,

---

<sup>78</sup> A autora cita o filósofo italiano G. Vattimo. VATTIMO, G. *Espérer croire*. Paris: Le Seuil, 1998.

a assertiva de Léger (2008, p.152), no qual a leitura sobre a imagem do divino é marcada pela concepção de coexistência entre os mundos de Deus e do homem.

Ao pensar nessas reflexões realizadas sobre o Hallel em Maringá, percebemos que o conjunto das atividades ocorridas no Parque apresentava modos, costumes, ideias e práticas de ser católico, seja por meio das pregações sobre sexualidade, família, amor, vícios, pecado e perdão, em que as comunidades religiosas católicas podiam ter perspectivas distintas sobre como lidar com tais questões de espírito, seja com a linguagem voltada à corrupção humana, à destruição do “inimigo” ou à introspecção psicológica e/ou espiritual. No que tange a essas práticas em grupos, Michel de Certeau aponta que o ato de crer não é possível senão juntos, em uma prática comunitária. A partida dos gestos leva a outra parte, pois “Faz o espaço ilimitado, infinito, aberto pela experiência de fé. Mas isso só tem realidade na confrontação, na troca e na distribuição. Os outros são viagens, por isso a prática da comunicação é um lugar real da vida religiosa”<sup>79</sup> (CERTEAU, 2006, p.29, tradução nossa).

É por meio dessas relações dialógicas que se torna possível a vivência de algo novo. Quando lidas e analisadas as citações dos participantes, percebe-se que há um valor identitário: comunidade, juventude, diversão, evangelização e conversão, e esses elementos são perspectivas de conexão com o sagrado para eles, possibilitando uma nova visão de realidade e atribuindo isso a uma graça. À medida que as pessoas vão tecendo comentários sobre o Hallel e as graças que recebem, suas palavras direcionam para as seguintes questões: “*graça, não. Mas teve várias coisas que me fizeram ver as coisas de outra forma*”; “*tive momentos inesquecíveis*”; “*me transformei bastante*” e “*procuro refletir nas músicas, a palavra de Deus*”.

Há também aqueles que não realizaram pedidos nem receberam graças, bem como os que não apenas afirmaram, mas referenciaram sobre o que pediam ou foram atendidos. A maioria das respostas tinha a ver com saúde, família e emprego: “*sim, a sair das drogas*”; “*sim, e estou em busca de me livrar da depressão*”; “*sim, emprego*”, “*sim, já tive em especial a cura de uma doença*”; “*já, melhoras pro irmão*”; “*peço em especial pelo meu irmão*”; “*pedi pela vida do meu irmão*”. Na visão de Otto, “O milagre é o filho preferido da fé” (OTTO, 1992, p.92). Assim, vemos que são questões vinculadas ao cotidiano, mas que aqui exibem a busca de uma solução por meio da relação com Deus.

---

<sup>79</sup> “Hacia el espacio ilimitado, infinito, abierto por la experiencia de la fe; pero sólo tiene realidad en la confrontación, en el intercambio y en la distribución. Los otros son nuestros verdaderos viajes. Por eso, la práctica de la comunicación es el lugar *real* de la vida religiosa”.

### 4.3. A oração

Recordemos aqui uma história que nos conta Certeau (2006) sobre o monge Arsenio. Que na tarde de sábado o monge deixou o sol para traz, estendendo a mão para o céu, rezou até o sol nascer diante dele. Só então sentou. Rejeitou ele o sol que morreu atrás dele, lutou contra a noite, de pé, e levantou as mãos em direção ao ponto do horizonte onde a luz, como resposta, agarrou as palmas de suas mãos abertas. É ele o homem que em oração, que entre a manhã e à tarde, entre o alto e baixo, entre o que morre e o que nasce, há apenas um gesto de espera e um corpo cansado de desejo. É como uma árvore entre o céu e a terra. Ele não precisa dizer nada, espera no silêncio da noite o amanhã coberto pela glória do ressuscitado. Então será a hora do descanso.

Essa narrativa do homem em oração, que espera e se prepara durante toda uma noite com a certeza que no dia seguinte poderia descansar, pois a promessa havia se cumprido, nos fala da fé e do ato de crer. Para Certeau (2006), Deus também se encontra “dentro” e o corpo se desprega até o céu, pois se concentra no próprio centro, faz-se gruta para o Deus que nasce, e oração é um ato fundamental para o homem que crê, mas pode ocorrer em uma multiplicidade de manifestações e ações humanas, em uma relação com o sagrado sempre acompanhada pelo corpo e sua expressividade, pois o corpo ora. Por meio da oração o sagrado se comunica, e um dos exemplos que vemos não é no Hallel, mas diz respeito à realização deste, pois sabemos que para realizar o evento é necessário que o arcebispo dê autorização. Assim, ao trazer a ideia para Maringá, Araújo Jr. relembra:

*[...] temos que respeitar a Igreja. Porque não é evento comercial, não é evento nosso. E fui pro meu quarto orar né. Eu tenho pouco esse costume de ir pro meu quarto e tirar a palavra, mas naquele dia eu tava no meu quarto, com minha Bíblia lá, e eu peguei e abri a Bíblia. E, pra minha surpresa, eu abri a Bíblia no Salmo 150, que é o Salmo que tem um título “Aleluia”, e se você tirar a palavrinha, se colocar um h na frente fica haleluia. Aleluia em aramaico significa Hallel, e eu comecei a ler o Salmo e Versículo 1 tinha um asterisco. Eu li o Salmo completo e depois eu fui no rodapé entender o significado do asterisco e tinha a palavra Hallel. Ai eu falei assim, “Deus, pera aí, deixa eu, vamos... vamos conversar aqui, vamos negociar [risos]”. Vou falar com Dom Jaime sobre o Hallel, nunca tinha visto essa palavra na Bíblia, o dia que vou falar com ele sobre o Hallel eu abro no Salmo que fala do Hallel. Então, é, foi surpreendente ver muita gente no Hallel. Me emocionei muito porque surpreendeu [pausa] um plano nosso. Mas, é, a maior surpresa foi ver que realmente Deus tava totalmente mergulhado e apoiando o Projeto. (ARAÚJO JR., 2019).*

Percebemos que, no ato de crer, são reveladas para Araújo Jr. (2019) as providências divinas, um sinal e uma troca comunicativa entre o sagrado e o homem, e o Hallel em Maringá é, nesse sentido, um fenômeno do sagrado. Isso fica mais evidente ao passo que por diversas

vezes os coordenadores alegaram que algumas edições não fecharam com dívidas – ou seja, providência divina –, mesmo em edições com chuva, assim ressignificando tal acontecimento como um querer de Deus, para que os participantes fiquem nos módulos e possam ouvir as pregações, louvar e ser tocados.

O clima e o percurso até o Hallel – que pode durar horas – são fatores que influenciam a decisão de ir até o local. Durante esses anos, foi possível observar uma diminuição do público, o que nos leva a levantar hipóteses sobre datas, atrações, e custo, mas são questões que carecem de uma análise mais profunda e distinta da que buscamos neste momento, pois em quem pudemos observar víamos a progressão dos corpos orantes, por meio dos gestos, da fala, da música e da dança, como discorre Certeau (2006), assim como o poeta, que necessita das palavras porque não pode fazer outra coisa. Nenhum religioso, nenhum crente, pode viver sem o ato do crer, seja esse ato em dimensões psicológicas, intelectuais e socioculturais, seja adaptado para uma dita urgência.

No Hallel, esses crentes circulavam e demonstravam esse ato, pois em oração seus gestos exultam, exaltam suas crenças, convertendo-se no ar do qual se depende para respirar. Os gestos estavam presentes na missa, em que víamos as pessoas ajoelhavam-se ajoelhando em sinal de humildade, enquanto louvavam, entoavam cantos e oravam, todas manifestações constantes. Para Certeau (2006), “A oração antes da comunhão, durante a missa, expressa com força e pudor o sentimento deste ato de crer: ‘Que jamais seja separado de ti’”<sup>80</sup> (CERTEAU, 2006, p.28, tradução nossa).

Ainda com base no historiador francês, a vida religiosa implica dois elementos complementares, o gesto e o lugar. O primeiro é um partir, que rompe com um confinamento e coloca-se em um avanço. Ao nosso ver é uma progressão do corpo, que, tanto em meditação quanto em movimento, viaja. O lugar, por sua vez é uma prática comunitária: “[...] uma distribuição ativa, a instauração de um ‘fazer juntos’, e também isso sempre deve começar de novo”.<sup>81</sup> (CERTEAU, 2006, p.28, tradução nossa).

Quando entramos nos locais onde as orações ecoam, sejam ecos silenciosos, íntimos, sejam ecos polissômicos ou uníssonos, audíveis, vemos que ali criou-se um espaço sagrado. Não é estranho encontrar os altares montados em frente aos módulos, pois isso significa congregar os fiéis ao redor dele, do centro. Assim como alega Certeau (2006, p.33), que “A

---

<sup>80</sup> “La oración antes de la comunión, durante la misa, expresa con fuerza y pudor el sentido de este acto de crer: “Que jamás sea separado de ti”.

<sup>81</sup> “[...] una distribución activa, la instauración de un ‘hacer juntos’, y también eso siempre debe volver a empezar”.

oração organiza os espaços com os gestos que dão dimensões a um lugar e uma orientação religiosa ao homem”<sup>82</sup>. O gesto da oração é um o encontro entre os seres de espírito e os seres humanos. O gesto é espírito, para Certeau (2006), se a oração aspira encontrar Deus, e esse encontro se dá no território do homem, ou seja, no cruzamento do corpo e da alma. A oração manifestada por meio do ato de crer é dotada de realidade, de vida, da vida das ideias e dos seres de espírito.

A dança, as coreografias, os movimentos dos corpos ou o deixar-se levar pelo ritmo de exultação, com pessoas cantando e batendo palmas, o que víamos no Hallel, são para Certeau (2006) algo solene e cósmico, e a oração implora com toda a força, “levantada pela súplica, prostrada pela adoração, ou até tomada por uma coreografia sagrada”<sup>83</sup>. (CERTEAU, 2006, p.36). O corpo ora, sem a necessidade das palavras, pois é a ligação desse com o espírito que envolve todos os sentidos, transborda e se manifesta nos gestos. Mesmo nas coreografias e nos passos criados a cada música podemos afirmar que é em referência aos meios descontraídos e alegres, que transitam e preparam os jovens para uma progressão da oração.

Isso não significa que a palavras não sejam importantes, mas há no silêncio uma expressão solene, humilde, pois é nele que se escuta a voz de Deus. Certeau (2006) menciona que a mão não precisa evocar a criança que a carrega, pois seu corpo sente, também fala, mas sua linguagem não é por meio de palavras.

#### **4.4. A sintonia entre a música e o espírito**

Vimos que a música para a juventude católica é fundamental, e talvez seja o que há de mais importante para os jovens, o que não nos é estranho, já que percebemos em nosso trabalho que a maioria dos participantes no Hallel em Maringá elenca a música e os *shows* como atividades mais relevantes. Não é à toa a semelhança entre grandes eventos musicais e os *shows* profanos de dança e música, mas nesse caso sagrado que se manifesta, sacraliza e abole o profano<sup>84</sup>. Entre a arte do silêncio, da música, das palavras, do teatro e da dança, como designa um dos participantes, o Hallel é “*Uma mensagem sobre Deus através da arte*”.

---

<sup>82</sup> “La oración organiza tales espacios com los gestos que dan sus dimensiones a un lugar y una ‘orientación’ religiosa al hombre”.

<sup>83</sup> “[...] prosternado por *la adoración*, o incluso embargado por una santa coreografía”.

<sup>84</sup> ELIADE, 2008, p.373.

Por meio da concepção do sagrado, o corpo se expressa e reage através das palavras —, por meio das palestras e das peças de teatro, que evocam as intempéries da vida cotidiana, a dor, o amor, a família, a doença, o sentir-se só, o viver em sociedade, o vazio, o emprego a sexualidade, o cuidar-se, o corpo, a alma, a mente e o espírito. Mas as palavras não bastam, é necessário o espírito, pois “a simples palavra é ineficaz se o ‘espírito que está no coração’ não a preceder, se não houver afinidade entre a palavra [e] aquele que a recebe” (OTTO, 1992, p.90). Conhecer-se, voltar o olhar para o “eu”, é ali onde também está o espírito, a ação, o “sopro” do sagrado, sendo necessária a afinidade dos indivíduos com as causas cotidianas. Na palavra do outro há um reconhecimento de si. E assim como as pregações, os *shows* das principais atrações provocam o sentimento do sagrado pela

solenidade da atitude, o gesto, o tom de voz, fisionomia, tudo o que exprime a importância singular de uma coisa, o recolhimento e a devoção da comunidade em oração traduzem este sentimento sob forma muito mais viva que todas as palavras e as denominações negativas que pudermos encontrar. (OTTO, 1992, p.89-90).

Encontrar a música que embala e entoa a festa, portanto, está presente em quase todos os módulos, em quase todos os momentos. A música, afirma Otto (1992, p.71), “provoca uma alegria e uma felicidade, um sonho e um arrebatamento, uma tempestade e uma agitação no espírito, sem que o homem possa dizer ou que um conceito possa explicar em que consiste realmente aquilo que, na música, nos comove dessa maneira” Quanto ao reconhecimento disso como algo triste ou alegre, excitante ou apaziguador, são interpretações que se sucedem com a ajuda dos signos analógicos emprestados aos outros domínios da vida psíquica e escolhidos atendendo à sua semelhança. Assim, se ela provoca reação nos sentidos e vibrações psíquicas é porque há reconhecimento do estado da alma (Imagem 32).

**Imagem 32** - O reconhecimento da alma por meio da música



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

A Imagem 32 demonstra um estado de êxtase, pois vemos uma participante se envolvendo e se identificando de forma profunda com a música, e as pessoas à sua volta nem são notadas, mesmo no ambiente lotado, com todos cantando – o que pode intensificar esse estado da alma. Ao mesmo tempo que se tem a revelação de uma personalidade, há outra por meio do coletivo, do abraço e da acolhida dos que estão vivenciando o sagrado naquele mesmo local, em uma espécie de sinergia. Então pessoas cantam juntas em coro, se abraçam, expressam suas emoções pelos gestos, as mãos são colocadas no coração, elevadas para o céu, cenas recorrentes no Hallel. As emoções expressas nas canções abordam a relação dos homens com o sagrado.

Depois de passarmos o dia conversando com os participantes, ao sentar na arquibancada observamos as pessoas no *show* da cantora Adriana Arydes. Nisso, vimos que o público se concentrava no no Palco Central, já que os outros módulos estavam encerrando suas atividades. Em dado momento, um grupo de jovens que estava na arena subiu a escadaria para sair daquele módulo, mas subitamente um deles parou. A cantora começava uma música, a acústica do lugar não era muito boa e não estávamos familiarizados com a canção. Mas ali, naquele instante, o rapaz parecia não ver mais ninguém. Seu corpo voltou-se ao palco e, com a mão no coração e os olhos fechados, cantava como se sua vida dependesse daquilo, em uma experiência intimista e transcendente. Quando a música parou, ele saiu daquele transe e, em passos largos, correu até seus amigos, que o esperavam no último lance de escada. Assim, depreende-se haver um limiar entre o sagrado e secular, algo que transitava rapidamente no local.

Ao considerar o sagrado e secular, uma das pessoas que deu sua opinião sobre o que o Hallel significava dizia que “*depende do lugar*”. Em nossa visão, depende do lugar e da

predisposição do participante como no caso relatado no parágrafo anterior, pois enquanto o grupo continuou caminhando um deles foi tocado, e foi tocado porque havia um significado naquela música que correspondia a uma atribuição de uma realidade para aquele rapaz, uma realidade sagrada. A crença no sagrado e na possibilidade de viver a graça que Deus pode oferecer é atribuída em diversas dimensões, no participante que escuta a música e revive aquele sentimento de graça, de mensagens e respostas, por fim, um elo com o sagrado. Essa transição, esse sentimento por meio das notas e da letra, é um estímulo muitas vezes mais eficaz que a liturgia. Tal questão é também expressa por Araújo Jr.:

*A música é uma forma direta de Deus tá cantando às pessoas, e quanto mais real for a experiência dessa pessoa com... com Deus, mais forte vai ser aquele que ela compõe, e mais forte vai ser Deus cantado através daquela pessoa, né. [...] Então, para mim a música é isso. É... é como estivesse ali não só o cantor, mas alguém cantando através do cantor. Por isso que chega tão forte nas pessoas, né. E as pessoas daí, sai com uma paz enorme, não?! Porque ouviram algo diferente, algo muito direto, e aí é muito legal porque o jovem não consegue pegar a palavra, pegar a Bíblia e... e lê. Mas se tem uma bateria, uma guitarra, um baixo, um contrabaixo, um teclado e alguém cantando aquilo, ele escuta. E pra mim a música, a música... a música católica, a música evangélica nos leva escutar duas vezes, não?! A voz de Deus e a nossa própria voz, então... então é fantástico assim. Ela é uma ferramenta muito forte nessa geração. Muito antiga também, muito antiga. (ARAÚJO JR., 2019).*

Nas concepções de Otto (1992), a música é esquematizada e racionalizada. A experiência musical forma um estado de alma complexo e a canção em sua composição é a música racionalizada, a trama dos sucessivos sentimentos musicais em um racionalismo musical. As canções são um dos meios em que o sagrado é sentido e compartilhado, em que as alegrias e as dores são compartilhadas. Um dos participantes nos respondeu que o Hallel significa um “*momento único. Se pudesse vir em todos, viria. Momento que está na presença de Deus. Que somos tocados. A música ‘Não desista’, o abraço*”. Interpretada pelo cantor Thiago Brado, a composição que o entrevistado menciona descreve o seguinte:

“Não desista”

Sabe quando a dor machuca muito  
E no peito já não há lugar pra paz  
Como barco de papel no oceano  
À deriva distante do chão  
Se te sentir-se ferido e cansado  
Sem forças para dar um passo a mais  
Lembra que na cruz do calvário  
Nosso Deus sofreu muito mais  
Não desista, reme  
Não pare de tentar  
Meu Jesus sangue jorrou  
Mas cruzou o mar.<sup>85</sup>

<sup>85</sup>BRADO, Thiago. Não desista. *Vagalume*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/thiago-brado/nao-desista.html>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

(Thiago Brado)

A fragilidade humana da dor não é negada, e lidar com ela nessa perspectiva está marcada como um ato de superação. A figura de Cristo e seu sofrimento são exemplos de superação, e o exemplo a ser seguido, desse modo, é a imagem para que esses fiéis não desistam diante das adversidades.

Outra relação que percebemos nas músicas tocadas no Hallel é o sentimento de estado de criatura, ou seja, de dependência do sagrado, de estar diante do sublime e de um ser superior presente de modo verbalizado, que diante do numinoso reconhece sua majestade, um superpoder, como relata Otto (1992). Por exemplo, na música da banda Colo de Deus, “Yeshua”:

“Yeshua”<sup>86</sup>  
 Te chamam de Deus e de Senhor  
 Te chamam de Rei, de Salvador  
 E eu me atrevo a Te chamar de meu Amor  
 [...]  
 Yeshua, Yeshua  
 Tu és tão lindo  
 Que eu nem sei me expressar  
 Yeshua, Tu és tão lindo<sup>87</sup>  
 (Colo de Deus)

Para esses homens que creem, há o reconhecimento de um ser um sagrado, daquele que tem o poder de salvar, que é o rei, um Deus que tem uma intimidade pessoal – “E eu me atrevo a Te chamar de meu Amor”. Outros artistas, como Dunga, cantam “Queria poder dizer para todos que o Senhor/ É meu amigo mais querido, minha história de amor”<sup>88</sup>. Mesmo com essa proximidade, a relação de pequenez humana diante desse sagrado fica visível em algumas canções, como a do Ministério de Adoração:

“Em teu altar”  
 Diante de tua presença me encontro, Senhor  
 Deus infinito  
 O teu olhar me acompanha e sabes quem sou  
 Ao enxergar tua grandeza e minha pequenez  
 Eu reconheço  
 Que minha história é nada sem o teu amor  
  
 Por isso venho te buscar  
 Porque eu preciso, meu Deus  
 Em teus braços estar

<sup>86</sup> De origem aramaica, significa “salvação”.

<sup>87</sup> COMUNIDADE COLO DE DEUS. Yeshua. *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/comunidade-catolica-colo-de-deus/yeshua/>>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

<sup>88</sup> DUNGA. Eu te chamo de Jesus. *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/dunga/476454/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

Morar em teu coração  
 E entregar-me a ti, inteiramente  
 Me abandonarei em ti, Senhor  
 Em ti repousarei  
 A tua ternura me acolhe  
 Um refúgio seguro encontrei  
 O meu coração venho a ti render  
 Toma meu ser, meu querer  
 Recebe, Senhor, minha vida  
 Como prova viva de amor  
 Em teu altar, Senhor  
 (Ministério de Adoração)<sup>89</sup>

“Ao enxergar tua grandeza e minha pequenez”, como afirma um excerto da música, representa a relação de majestade do sagrado, e reconhecido esse poder tem-se um estado de submissão e de oferta da própria vida. Para Otto, o

Contraste com o poder que pressentimos fora de nós, concretiza-se enquanto sentimento do nosso próprio apagamento, do nosso aniquilamento, consciência de ser apenas pó e cinza, de ser somente nada. Esse sentimento numinoso forma, por assim dizer, a matéria da ‘humildade’ religiosa (OTTO, 1992, p.30).

Otto (1992) ainda afirma que o estado de submissão tem como fator preponderante o temor (*tremendum*)<sup>90</sup>, ao interpretar o Deus de Lutero, cuja energia é tão poderosa e esmagadora que “ao encontrá-lo sob uma forma verdadeiramente impressionante, no ardor devorador e na impetuosidade do amor cuja aproximação o místico mal pode suportar; esmagado por este poder, pede que se atenuie, para não morrer” (OTTO, 1992, p.34). É tão esmagador o sagrado de Lutero que não se pode tocá-lo, e a temeridade diante desse sagrado ainda é presente, pois o ato de prostrar-se e elevar as mãos aos céus simboliza a humildade e o temor. No Hallel, contudo, o que percebemos é que isso não impede os participantes de quererem tocar Cristo quando o arcebispo caminha com o Santíssimo de manhã e no momento final do evento. O amor de ardor devorador para muitos dos participantes deve ser tocado, pois Deus é o que caminha entre os filhos e que olha face a face, aquele a quem se pode abraçar, como podemos perceber na terceira estrofe da canção “Em teu altar”. Todas as músicas aqui trabalhadas, portanto, reforçam a concepção de Hervieu-Lèger (2008) sobre uma relação de parceria e intimidade entre o homem e o sagrado.

<sup>89</sup> MINISTÉRIO DE ADORAÇÃO. Em teu altar. *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/ministerio-adoracao-vida/1428544/>>. Acesso em 19 de jul. de 2020.

<sup>90</sup> Otto (1992) se refere a um caráter ambíguo do *tremendum*, em que ocorre tanto medo quanto fascinação.

Se há por um lado essas mensagens de como as pessoas percebem esse sagrado, outras canções abordam a necessidade de também se voltar às questões humanas – sentimentos, laços afetivos, vida e morte. Vejamos um exemplo:

“Cartas ao remetente”  
 Há quem amou demais  
 Há quem chorou demais  
 Quanto tempo não dão atenção ao seu pobre coração?  
 Não se atreve a falar, não se permite errar  
 Quem inventou a dor?  
 Esqueça o ardor, afinal  
 Se Deus te desse só o amanhã  
 Pra sentir o que nunca sentiu, sentiria?  
 Qual seria sua última oração?  
 Doeu, deixe curar  
 Ficou, deixe passar  
 O árduo é trivial  
 Mas a afeição é etérea

[...]

Se Deus te desse só o amanhã  
 Pra sentir o que nunca sentiu, sentiria?  
 Se de fato fosse mesmo o último adeus  
 Onde há de estar o seu amor?  
 E assim, viva como quem soube que vai morrer  
 Morra como quem um dia soube viver.  
 (Rosa de Saron)<sup>91</sup>

Nos momentos em que essas formas de oração ocorriam por meio da música e que as letras expressavam esse Deus acolhedor, víamos que a maioria dos participantes se vinculava emocionalmente à experiência. Tinha os que procuravam mensagens que remetessem à família, oravam e pediam por elas – um dos participantes dizia orar pela saúde do irmão. Outra falou que estava tentando sair da depressão, e ainda havia aqueles que estavam tentando sair das drogas. Eram dores e motivações que seus espíritos reconheciam nas letras das músicas, e para eles a resposta era que a força para enfrentar essas situações também estava no sagrado.

Se por muito nos parecia que a tendência do cristianismo era a salvação e se livrar do temor do julgamento divino na hora da morte, aqui nos parece que a tentativa é a salvação em vida de contemplar as complexidades dos sentimentos, das difíceis relações cotidianas, considerando os valores de um Deus acolhedor, que compreende a dor de cada um. Além disso, muitas letras mencionam uma conduta, uma vida entre um antes e depois de conhecer o amor

---

<sup>91</sup> ROSA DE SARON. Cartas ao remetente. *Letras*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/rosa-de-saron-musicas/cartas-ao-remetente/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.

de Cristo, o antes sempre vinculado ao profano, ao secular – álcool, drogas ilícitas, afastamento da família etc. Já o depois é a escolha de seguir um caminho vinculado ao catolicismo, o que não significa negar todas as questões seculares.

#### 4.5 O silêncio e a palavra

Ali nos módulos, mesmo que os ambientes fossem preenchidos pelos sons musicais, o silêncio também era presenciado. Mesmo nos locais onde as pessoas estavam escutando algo do palestrante, havia momentos em que elas eram induzidas a ficar em silêncio, não falavam nada, apenas com seus olhos fechados, silenciavam-se e pareciam adentrar na condução dos palestrantes, que os levavam a imaginar situações: “Imagine que você está com sua família, agora”. Também há o silêncio daqueles que após receber a Eucaristia voltavam a seus lugares silenciosamente e oravam, em um momento introspectivo após a comunhão. Ainda observamos o que se calavam diante do Santíssimo, seja em procissão, seja na exposição. E mesmo em um evento de música católica havia um espaço montado apenas para a adoração ao Santíssimo, a já mencionada Capela do Silêncio. Otto nos lembra: “a música mais perfeita não exprime senão calando-se, com um silêncio absoluto e prolongado, um silêncio que, por assim dizer, se deixa ouvir” (OTTO, 1992, p.99). O silêncio, portanto, pode despertar alguns ecos do numinoso.

Otto (1992) dispõe a análise entre o silêncio e a obscuridade, seja no sentido de locais que pela penumbra influem no silêncio e pelo vazio<sup>92</sup> acessam o sagrado, seja pela obscuridade da aflição humana, em que ao ser manifestado o sagrado todos os temores se silenciam, ou ainda, o silêncio que provoca encarar a própria obscuridade, o que nos leva a apontar a multiplicidade de sensações que isso pode causar. Como veremos com David Le Breton (2006, p.139, tradução nossa) essa manifestação, o calar-se para o indivíduo, pode ser “O confronto com o silêncio, a solidão, o vazio é uma prova da verdade, um temível face a face com Deus e, com tudo, com seus inimigos”<sup>93</sup>. Estar face a face com Deus é olhar para a própria pequenez humana, para as falhas, é olhar para si. Tão temível é olhar para o próprio espírito. O silêncio é o retorno à solidão, à humildade, e convida a desenvolver a espiritualidade. Mas, para um crente, “[...] Deus não se reduz a um significado limitado, pois escapa as palavras ao estar além

---

<sup>92</sup> O autor faz menção ao vazio espacial, mas o sentimento de vazio é análogo.

<sup>93</sup> “La confrontacion con el silencio, la soledad, el vacío, es una prueba de verdad, un temible cara a cara con Dios y, sobre todo, con sus enemigos”.

delas”<sup>94</sup> (LE BRETON, 2006, p.135, tradução nossa). O autor ainda aponta que, apesar de os monoteístas nunca terem renunciado à música e ao barulho, as teologias têm uma predileção ao silêncio.

O silêncio, ainda com base em Le Breton (2006), é a conexão do crente com o que Deus era antes da natureza e da criação. Devemos, então, afirmar que é uma linguagem planetária, o que nos faz entender as pessoas que em busca de si e da conexão com Deus procuram retiros e acampamentos afastados das cidades, em meio à natureza, e se conectam ao silêncio, tal como aqueles que buscavam no deserto ou nas montanhas escutar a voz de Deus, isolando-se das vozes humanas.

O silêncio é a linguagem de Deus, uma vez que contém todas as palavras, é uma reserva inesgotável de comunicação. O homem é convidado a implantar o silêncio em si mesmo, a se afastar das condições usuais de conversação, a oferecer um discurso que não passa pela fragmentação das palavras<sup>95</sup>. (LE BRETON, 2006, p.137, tradução nossa).

O silêncio acompanha os gestos, o corpo. As mãos também oram, por meio da adoração, que une palma com palma. Quando mencionamos o ato de fazer o sinal da cruz ao entrar na capela, ao estar diante do Santíssimo, seja em exposição, seja em procissão, é a mão que ora, pois

Os cristãos criam no corpo a grafia da cruz; ao reproduzir a cerimônia que comprometeu os fiéis ao serviço de seu senhor, eles se unem para serem tomados pelos amantes de Deus; eles se cruzam, como se estivessem desempregados no mundo para onde se mudaram, para convocar uma súplica que carece de um interlocutor visível [...] como os dos crucificados, estendem-se a uma oblação que rejeita as restrições [...]. (CERTEAU, 2006, p.36, tradução nossa)<sup>96</sup>.

Mas, mesmo o silêncio sendo expressão de humildade, de escuta, tal expressão em excesso pode ser uma ofensa, pois “há situações que o homem é culpado por ficar calado” (LE BRETON, 2006, p.145, tradução nossa). Se na voz do silêncio se ouve, aquilo que se escuta deve ser trazido à superfície, ganhar vida, e é por meio da palavra que se organizam outras

---

<sup>94</sup> “Dios no puede reducirse a un significado limitado, pues escapa a las palabras al estar mas alia de elias, fuera de cualquier intento por Jimitar su sentido”.

<sup>95</sup> “El silencio es el idioma de Dios, pues contiene todas las palabras, es una reserva inagotable de comunicacion. Al hombre se le invita a implantar el silencio en si mismo, a sustraerse a las condiciones habituales de la conversación, para ofr un discurso que no pasa par la fragmentación de las palabras”.

<sup>96</sup> “Las del Cristiano trazan sobre el cuerpo la grafia de la cruz; al reproducir el ceremonial que comprometia al fiel al servicio de su señor, se unen para ser tomadas por las amnos de Dios; se cruzan, como desocupadas del mundo donde se movían, para convocar una suplicación que carece de interlocutor visible [...] como las del crucificado, se extienden para una oblación que rechaza las restricciones. [...]”.

formas de oração. A palavra e a linguagem, constituem uma organização de conhecimento essencial para a interação e o reconhecimento entre aqueles que creem. Elas induzem, seja por meio da letra de uma canção, seja pela palavra escrita ou falada, e nela há uma identificação entre os espíritos.

Na língua, uma palavra chama outras para que o movimento do espírito seja descrito em sua totalidade; esta frase também tem sua própria progressão. A pessoa que ora é um pouco pobre. Siga com seus gestos o Vivo que os desperta. Ele molda seu corpo nos locais de seu desejo, mas sempre vai além. Ele tateia, com as mãos unidas ou levantadas, pelo Deus inacessível que está ausente dos compromissos. Ele passa lentamente de gesto em gesto e avança na oração como o peregrino, que multiplica e repete as diferentes posições da ida. (CERTEAU, 2006, p.38, tradução nossa)<sup>97</sup>.

Relembremos quando várias pessoas rezam o Pai-Nosso com gestos comuns de elevar seus braços para o alto, em sinal de humildade, ou segurar a mão das pessoas enquanto recitam a oração, e apenas ao terminar as palavras o corpo volta a um estado de repouso. Além disso, ouvimos por vezes, no Módulo RCC, no Módulo Pregadores ou em alguns momentos no Palco Central, alguns pregadores induzindo a plateia à glossolalia, e aí começam os sussurros e o ambiente é preenchido pelas línguas, em alto e bom tom. Tal oração remete à ação do Espírito Santo, a uma língua sagrada revelada em Pentecoste. Sobre essa linguagem, Otto explana o seguinte:

Ainda há muitas outras manifestações da atração que o misterioso exerce sobre objeto e elementos que têm uma certa analogia com ele, pelo facto de serem incompreendido. Manifesta-se mais efetivamente no encanto que a linguagem sagrada possui, parcial ou totalmente incompreendida, e no acréscimo de intensidade, incontestavelmente real, que esta dá ao temor reverencial. As expressões arcaicas, mais ou menos obscuras, que se encontram na nossa Bíblia e nos livros de cânticos, a impressão particular que produzem em nós termos *Alléluia*, *Kyrie eleison* e *Sélah*, precisamente porque estranhos e incompreendidos, o latim e a missa em que os simples fiel não vê um mal necessário mas algo de sagrado [...] “a língua dos deuses”. (OTTO, 1992, p.93-94).

O nome do evento revela essa preferência pela linguagem sagrada, e isso também pode ser visto em uma das músicas que aqui mencionamos, Yshua – “salvação”. O viés de construção da oração é muito diverso, como percebemos, pois seja pelo silêncio, seja pela palavra, a pessoa

---

<sup>97</sup> “En el lenguaje, una palabra llama a otras para que el movimiento del espíritu se describa en su totalidad; esta oración también tiene una progresión propia. El orante es un pobre. Sigue con sus gestos al Viviente que los desperta. Modela su cuerpo sobre los sitios de su deseo, pero siempre va más lejos. Busca a tientas, con sus manos unidas o alzadas, al Dios inabordable que se ausenta de las citas. Pasa lentamente de gesto en gesto, y avanza en la oración como el ‘peregrino, que multiplica y repite las diferentes posturas de la marcha’.”

que ora encontra em seu gesto um sagrado que já está lá dentro, que já desceu das alturas. Como relata Otto (1992), só se pode sentir o sagrado se estiver aberto para senti-lo.

Por fim, não há como deixar de enfatizar que os locais onde podemos observar a oração do homem no mundo profano são constituídos de uma organização para a indução desse ato. Se outrora subia as montanhas, ia para desertos, procurava o sagrado na natureza, aqui o homem reúne outras formas: a construção de altares, a imagem de santos, de Maria e de Jesus Cristo, além do crucifixo. Em alguns módulos as flores e/ou plantas, as folhas jogadas pelo chão, os painéis de natureza, todos pertencem ao gesto da oração. Entretanto, é preciso pensar ainda que nenhum desses objetos é oração, mas “[...] representam sua cadeia e seus estágios na forma de relacionamentos no mundo que alivia tacitamente Deus”.<sup>98</sup>(CERTEAU, 2006, p.40, tradução nossa). Quando observamos todas essas questões, percebemos a construção de um microcosmo, de um meio dialogar com Deus. Assim, o corpo simboliza “[...] instrumentos microcósmicos, metáforas de gestos. Sua inserção no imenso quebra-cabeça organizado por uma ordem misteriosa dá à pessoa em oração um lugar em um ponto da geografia mística, onde cada lugar de oração é um ‘centro’”<sup>99</sup> (CERTEAU, 2006, p.40, tradução nossa).

Como ressalta Certeau (2006), há uma progressão na oração, ou seja, um ponto de partida e estados progressivos de oração até o momento final do estado orante. No Hallel esse estado é criado por meio do silêncio, das palavras, da música, pois são eles os criadores de um microcosmo, de um centro. Também podemos atestar que a própria concepção do Hallel revela esses estados de partida e chegada, que começa pela missa de manhã e durante o dia as atividades preparam os participantes para o momento final, que é o último estágio de oração. Entretanto, para os que não participaram de qualquer desses estágios não significa que a experiência com o sagrado seja menor. É esse momento final que abordaremos a seguir.

#### 4.6. A presença do Deus

*Quando você fala isso, me vem algumas coisas assim, éhh [pausa]. Eu tô vendo assim, a... uma multidão. Eu tô vendo aquela... a imagem que mais... que mais me vem é... é a procissão com o Santíssimo, não?! Aquela multidão vendo... vendo Jesus, éh, Eucarístico, né, no meio das pessoas. E me vêm também daí, na minha mente agora, vários momentos de... das pessoas rezando, das pessoas, éh, pra mim... pra mim é tudo pretexto. Pra mim, na verdade, o mais importante é... é essa experiência, né. Essa relação, proporcionar um ambiente de uma relação do criador com uma*

<sup>98</sup> [...] contiene en la red de sus gestos, ella hace su diálogo con Dios”.

<sup>99</sup> [...] instrumentos microcósmicos, metáforas de gestos. Su inserción en inmenso rompecabezas organizado por un orden misterioso da al orante un sitio en un punto de una geografia mística donde cada lugar de oración es un ‘centro’.

*criatura, e da criatura com criador. É algo que ninguém explica. É algo que a ciência não explica, é algo que... mas é algo real, por exemplo, tem um testemunho muito forte. Ele até faz parte hoje do Projeto, e não conhecia o Projeto. E ele conta isso, ele... ele dá palestra, e ele fala isso. [...] E ele fala que tava no encerramento e ele viu a procissão. E quando ele viu o Santíssimo, ele ficou extasiado, “Quê, que é isso? O que é essa luz?”. E ele foi embora diferente. Ficou emocionado. [...] Ele saiu da cidade onde morava, veio trabalhar aqui em Maringá, foi acampar com o pessoal que faz o Hallel. E assim muita coisa aconteceu com ele a partir da experiência mística. (ARAÚJO JR., 2019).*

O relato acima é uma narrativa muito próxima à de Ganeo (2019), ao tratar desse momento de bênção do Santíssimo, atividade que encerra o Hallel. Não podemos alegar que é o único momento na qual as pessoas sentem a presença do sagrado, como já viemos afirmando, pois ele está nos *shows*, nas letras das músicas, no silêncio, na palavra e nos momentos de adoração. A escolha por analisar esse momento, mesmo que diversas pessoas já tenham partido e encerrado suas orações particulares, deve-se ao fato de ser o momento de última progressão do estado de oração no Hallel.

*“Deus está presente nesse lugar”*, escreve um dos participantes sobre a bênção final no Hallel. Nesse momento de encerramento, o arcebispo entra em procissão com Jesus Eucarístico, e várias pessoas se aproximam dos corredores e tentam tocá-lo, mesmo com o ambiente tomado pela música. Mas foi possível ver pessoas chorando, outras que parecendo orar em voz baixa, visível aos nossos olhos que havia a necessidade dos participantes de sentirem e tocarem Cristo, e também o estado de criatura. É um *“momento arrepiante, que toca todos os jovens”*; *“melhor momento na minha opinião, não sei explicar, sentimento único, felicidade, sim, porque é quando Deus fica entre nós”*; *“sim, porque estar diante do Santíssimo é estar diante de Cristo, nada melhor do que finalizar com as bênçãos do Pai”*; *“sim, porque não pode sair sem se despedir do dono da festa”*; *“sim, porque não tem como ficar sem a bênção daquele que é o Todo-Poderoso”*, relatam os participantes, em um momento de êxtase.

Quando se trata dos seres de espírito, podemos entender que eles possuem vida e agem naqueles que creem, e isso ocorre em diversos momentos no Hallel, seja quando alguns participantes recorrem ao silêncio e sentem Deus, seja na glossolalia, que se revela como uma língua sagrada, ou nas demais orações, músicas, pregações, danças, teatros e, principalmente, na adoração diante do Santíssimo, que como vimos é a presença da divindade. Morin nos auxilia nesse sentido quando aponta que:

Fui assim estimulado a explorar o problema da autonomia relativa e da relação complexa [da simbiose à exploração mútua] entre esses seres de espírito e os seres humanos. O caminho estava aberto para que eu imaginasse não somente uma noosfera povoada de entidades “vivas”, mas, também, a possibilidade de uma ciência das ideias

que seria, ao mesmo tempo, uma ciência da vida dos “seres de espírito”: uma noologia (MORIN, 2011, p.139).

Compreendemos, dessa forma, que não se trata apenas uma ideia abstrata, é uma presença viva para aqueles que possuem, praticam e compartilham essa crença. A concepção dos que estão no Hallel de dançar, cantar, louvar, adorar e silenciar é uma doação do próprio corpo, que se transforma em uma gruta de Deus, sendo nesse caso o acesso ao sagrado.

Além disso, outra questão constatada nos capítulos anteriores são as narrativas de como há um sentido por meio do evento de aproximação do sagrado, tanto que tal afirmativa segue em falas como “*sim, porque me sinto renovado*”, de acordo com um dos praticantes ao falar da bênção; outros apontam que “*sim, porque é um momento muito importante para aumentar a sua intimidade com Deus*”. Essa busca pela proximidade é perceptível tanto de uma forma intimista quanto apenas pela presença de Deus no local, quando os participantes tentam tocar Cristo na procissão, visível nas Imagens 33 e 34, nas páginas anteriores, e na Imagem 33, a seguir.

**Imagem 33** - Passagem de Jesus Eucarístico



Fonte: ARAÚJO JR. (não datado)

**Imagem 34** - O toque no Santíssimo



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

**Imagem 35 - Procissão Final Santíssimo**



Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

A condução antecedida pelos artistas para esse instante é essencial para a expressividade daqueles que estão no local, seja pela canção, seja pela ênfase de que é Cristo que está passando. Tal como aponta Rudolf Otto (1992), a indução do sentimento do sagrado ocorre também pela entonação da voz ou por gestos, música e palavras. Essas expressões preenchem o local e transbordam o espírito daqueles que se permitem, pois os participantes devem “*estar de coração aberto para ouvir Deus*”; “*sim, porque eu acho muito interessante como a palavras entram em mim*”.

**Imagem 36** - Na presença do sagrado

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

**Imagem 37** - Altar o Centro

Fonte: EMERENCIANO DA SILVA (2015)

Há outras falas que remetem à de participar desse momento, pois é ele “*o combustível para seguirmos em frente*”, “*sim, pois é um momento de realização e ápice de toda a boa energia recebida*”; “*sim, porque é o momento de consagração de tudo que vivi, para voltar para casa com Deus*”; “*sim, porque na minha opinião é necessário aos domingos essa bênção*”; “*sim, para finalizar, o principal, sem ela vamos vazios*”. Isso aponta para algo fundamental, que é o homem que crê e o processo de oração, de participar de algo sagrado, pois evidencia que para esse processo do orante existe começo, meio e fim, ou seja, progressão. Sendo ela (a oração) uma jornada corporal, também é uma imposição do verdadeiro significado e

reconhecimento de Deus. É uma jornada definida pela peregrinação e ocorre em torno de um centro.

A oração perpassa diferentes linguagens. As pessoas em oração, em meio à música e às palavras, deixam seus corpos dançarem, suas faces sorrirem, celebrando a alegria que o sagrado pode revelar. Já as que oram em silêncio ouvem as palavras dos pregadores, escutam partilhas e estreitam os laços comunitários. Elas em silêncio se curvam diante do Santíssimo, de si mesmas, encaram seus vazios e também louvam e cantam, e reconhecem nesses cantos os seres de espíritos.

Desse modo, recordemos o Arsenio de Certeau (2006), que espera o Sol nascer e na manhã de domingo sabe que Ele ressuscitou. Assim são os participantes que chegam durante o dia de domingo pela manhã no Hallel, que transitam entre os módulos ou que decidem ficar apenas em um local se preparando para o final, para a certeza de que Cristo está presente. Tal como o monge, que em oração seus gestos não possuem fim e progride, o evento pode ser percebido como esse estado de progressão, no qual começa com a missa e prepara os participantes até o momento final, para que só assim eles possam repousar. Mesmo aqueles que não fazem todo esse caminho como um peregrino, que pacientemente se movimenta até o destino final, encontram a progressão da oração nas fragmentações, e todas elas fazem esses indivíduos que creem se voltarem ao centro. É uma contínua busca do homem religioso pelo sagrado, e o Hallel se evidencia como um meio de buscar o transcendente, isso pela própria vivência com ele.

## Considerações finais

Falar sobre catolicismo é considerar sua pluralidade. Neste trabalho, problematizamos um evento católico ocorrido em Maringá, no noroeste paranaense, o Hallel, criado em Franca-SP pela RCC em 1988, inspirado no Rock in Rio (1985), com o intuito de atrair a juventude católica. Organizado pela primeira vez em Maringá-PR em 30 de julho de 1995 pelo Projeto Mais Vida, o Hallel tem características de um catolicismo o carismático, festivo, com música, teatro, *shows* e pregações como formas de orações, cantos e expressões corporais. Nesse formato, o evento visa atrair indivíduos afastados da Igreja católica, obedecendo às perspectivas instauradas pelo catolicismo carismático e a ainda hierarquia institucional.

Na medida em que a Modernidade viabiliza mais autonomia de escolhas e, no que tange ao cenário religioso, é caracterizada pelas figuras de “peregrinos” e “convertidos” (HERVIEU-LÉGER, 2008), os participantes do evento podem atingir a máxima da proposta, que é encontrar no catolicismo um modo de viver, a conversão por meio dos módulos e atividades que ali são apresentadas, mas também podem ser “peregrinos” sem estabelecer um vínculo efetivo com uma prática institucional. Apesar da pluralidade de escolhas, observamos por parte dos organizadores a necessidade de uma identificação na qual o Hallel toma dimensões de um catolicismo militante. Seus coordenadores buscam evangelizar, converter e propiciar meios por meio dos quais esses indivíduos possam conhecer e-se identificar com esse catolicismo. Tal como recorda Hervieu-Léger (2008), a pluralidade de escolhas não é suficiente para o crente moderno, afinal ele também busca o pertencimento a uma comunidade. Desse modo, percebemos que a criação do Hallel em Maringá e sua manutenção se deve em grande medida à possibilidade de uma conversão, de uma aproximação de jovens e adultos na religião, regulamentado e normatizado pela Igreja católica.

Ao considerar que a cada novo censo realizado identifica-se a perda de fiéis pela Igreja católica, chegando a 64% de católicos autodeclarados no último censo, podemos concluir que a instituição tem utilizado recursos não tradicionais para dialogar com a juventude. Sendo esta o maior alvo da secularização, os documentos da Igreja católica, tanto na Santa Sé quanto na América Latina, nos documentos elaborados pelo Celam e pela CNBB, contemplam propostas para esse grupo. A disputa não está apenas entre as religiões, mas também impacta outras instituições, organizações de conhecimento e espaços de sociabilidade, como as universidades e a política. A história do Hallel em Maringá e sua organização está inserida nesse contexto, podendo ser percebida como um evento que busca atrair a juventude e demais indivíduos para

o catolicismo. Se partirmos das características dos participantes com quem tivemos algum contato, é possível inferir que a proposta de atrair a juventude católica é eficaz, pois das pessoas que conversamos 98% são católicos e 72,77% têm entre 25 anos de idade ou menos, com um público que nas últimas edições beirava entre 50 mil e 70 mil participantes.

No Hallel podemos ainda observar distintas identificações das dimensões de catolicismo recorrentes no cenário religioso na Modernidade, sendo elas definidas por Hervieu-Léger (2008) como comunitárias, éticas, culturais e emocionais. Ali era articulada uma identificação de grupos e comunidades católicos (comunitárias); uma estrutura de identificação no ato de crer em Cristo (ético); o apoio da prefeitura, da Acim e da SRM, marcando as feições de tradição católica na cidade (culturais); e o sentimento do “nós”, que estabelece uma experiência de comunhão coletiva (emocionais), vivenciados principalmente em eventos como o Hallel, – “*Me sinto mais católico*”, disse-nos um dos participantes. A instituição, no entanto, não está articulada com isso, ou se articula cada vez menos, pois em nenhum desses âmbitos há uma obrigação de qualquer parte que seja sobre a participação no evento, é feito por vontade própria.

Desse modo, podemos indicar que há distintas visões e perspectivas sobre o Hallel. Alguns entram pelo Pavilhão Azul e apenas vão assistir aos *shows* no Palco Central, enquanto outros afirmam que não concordam com todos os dogmas da religião, por isso não assistem a algumas atividades. Podemos dizer que há aqueles que apenas estão no evento como uma forma de lazer. A maioria afirmava a preferência por ver os artistas, os *shows*, outros falavam da adoração. De modo geral, caminhando entre os módulos, observamos pessoas que choravam, cantavam, sorriam, se abraçavam, ajoelhavam, cada um orando a seu modo, em ato de fé e crença. Para alguns o evento influenciava a forma de viver, como o caso citado do jovem que todo ano realizava caravanas, pois para ele o Hallel instaurou um novo modo de viver.

Concluimos que o Hallel é uma opção de festa para os jovens, mas também uma alternativa para a identificação dessa juventude com o catolicismo. Um evento que, por meio de artistas, palestrantes e pregadores, dentro de um contexto de Modernidade sobre um Deus e uma crença, sobre o êxtase e a graça, sobre a adoração e a vivência em comunidade, visa dar e receber para ter uma vida feliz com Cristo. As músicas cantam sobre esse Deus, sobre sua ação na vida dos fiéis; sobre as dores, a finitude humana; cantam sobre crenças, sobre a falha, o amor, a família, a saúde, o trabalho, a amizade e o afeto. As orações são por meio das palavras, do silêncio, da melodia. Há uma relação tênue entre o profano e o sagrado. O primeiro sempre está presente na vida cotidiana, mas também pode ser e se transformar em uma prática sagrada, guiando e se manifestando na vida desses “convertidos”, além de aproximar jovens e adultos

em uma identidade confessional católica. A dimensão histórica e social está incontestavelmente na percepção desse sagrado, mas o evento só é eficaz porque as pessoas fundam coletivamente um espaço do crer.

Também podemos alegar que a manutenção das práticas da cidade reitera Maringá como uma cidade católica, mantendo e atualizando uma memória religiosa que se quer oficial. Ela se mantém assim, pois recebe patrocínios, divulgação nos principais veículos de comunicação, tem a simpatia dos políticos, acesso subsidiado a um amplo espaço para que possa acontecer, encontrando apoio na alta hierarquia. Isso reforça a cidade como um lugar de privilégios ocupados pelas práticas católicas, sem os quais um evento de tamanha estrutura não poderia acontecer. O Hallel é uma festa autorizada e legitimada porque é uma festa católica, a movimentação no Parque e na cidade não incomodam a população. Não incomodam porque soam familiares aos ouvidos, porque se constituem como a boa prática, como saudável aos jovens, crianças e idosos. Para além da experiência religiosa presente, o Hallel define um modo de ser visto como oportuno para o jovem que dele participa, o ser católico, como modelo desejável à memória e à identidade que se pretende manter.

## Referências

### Documentais

### Trabalho de Campo

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2014-20ª edição, 1º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2014. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR). 08 de nov. de 2014.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2014-20ª edição, 2º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2014, Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR). 09 de nov. de 2014.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2015-21ª edição, 1º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2015. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR). 07 de nov. de 2014.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2015, - 21ª edição, 2º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2015. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR). 08 de nov. de 2015.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2016, - 22ª edição, 1º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR. 2016. Trabalho de campo, (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 03 de dez. de 2016.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Hallel de Maringá 2016- 22ª edição, 2º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro. Maringá-PR, 2016. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 04 de dez. de 2016.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2017- 23ª edição, 1º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro. Maringá-PR, 2017. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR). 04 de nov. de 2017.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2017- 23ª edição, 2º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2017. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 05 de nov. de 2017.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2018- 24ª edição, 1º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2018. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 29 de set. de 2018.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Observação Hallel de Maringá 2018- 24ª edição, 2º dia*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2018. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 30 de set. de 2018.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2016*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro Maringá-PR, 2016. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR). 04 de dez. de 2016.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2017*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro Maringá-PR, 2016. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 05 de nov. de 2017.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2018*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2018. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 30 de set. de 2018.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2019*, Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2019. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 06 de out. de 2019.

HALLEL MARINGÁ 2014. *Programação do Hallel*. Maringá-PR, 2014.

HALLEL MARINGÁ, 2015. *Programação do Hallel Eis me aqui envia-me*. Maringá-PR, 2015, Edição XXI.

HALLEL MARINGÁ, 2016, *Programação do Hallel Sementes de uma nova geração*. Maringá-PR, 2016, Ano XXII.

HALLEL MARINGÁ 2017. *Programação do Hallel Fazei tudo o que Ele voz disser*. Maringá-PR, 2017, Ano XXIII.

HALLEL MARINGÁ 2018. *Programação do Hallel Em Cristo somos todos irmãos*. Maringá-PR, 2018, Ano XXIV.

HALLEL MARINGÁ 2019. *Programação do Hallel Enviados e Batizados*. Maringá-PR, 2019, Ano XXV.

### **Depoimentos**

ARAÚJO JR. Olavo Rodrigues. *Olavo Rodrigues Araújo Júnior*. (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2020.

GANEIO, Cirlei Aparecida. *Cirlei Aparecida Ganeio* (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2020.

HADDAD, Alberto. *Alberto Haddad*. (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2019.

MENEGAZZO SILVA, Mauro. *Mauro Menegazzo Silva* (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2020.

## Escritos

BISCHOFF, W. Décadas de música e fé. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-1, 03 de dez. 2016.

CABRAL, Manoel. Hallel espera público de 150 mil pessoas. In: *O Diário Do Norte Do Paraná*. Maringá, p. A-2, 04 de set. 2004.

CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMEÇA o Hallel 2010 em Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. A-6, 13 de nov. 2010.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Sagrada Congregação para o Culto Divino*. Paulus Editora, 2000. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/CultoEucaristico.pdf>>. Acesso em: 4 de ago. de 2018.

DÉCADAS de música e fé. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-1, 03 de dez. 2016.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. Versão Vaticana. Disponível em: <<http://redelatina.marista.edu.br/>>. Acesso em: 2 de fev. de 2020.

DOCUMENTO FINAL CARTA AOS JOVENS. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. *Santa Sede*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html)>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

DOM ANUAR. Hallel o teu Amor nos faz livres. In: *O Diário do Norte Do Paraná*. Maringá, p. A-2, 09 de nov. 2014.

DOM JAIME, Hallel. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 02, 30 de jul.1995.

FESTA da fé. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 01, 03 de set. 2000.

FRAGA, Cecília. Hallel 2001 é um convite a alegria, diz dom Murilo. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 03, 01 de set. 2001.

GANEO, Cirlei Aparecida. *Datas Hallel*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida em 10 de set. 2014.

GANEO, Cirleo Aparecida. *Datas Hallel*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida em 10 de set. 2014.

HALLEL de Maringá espera mais de 100 mil pessoas. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 01, 06 de set. 2003.

HALLEL deve atrair 30 mil pessoas hoje. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 08, 06 de set. 1998.

HALLEL Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-2, 10 e 11 de nov. 2013.

HALLEL Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-8, 06 de nov. 2011.

HALLEL uma festa celestial de arromba. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-2, 10 de nov. 2009.

HALLEL. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 01, 05 de set. 1999.

HALLEL. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 04, 01 de set. 2005.

I Hallel de Maringá, In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 4, 29 de jul. 1995.

II Hallel de Maringá prossegue hoje. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p.6, 14 de jul. 1996.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Dilecti Amici del Papa Juan Pablo II a los jóvenes y a las jóvenes del mundo con ocasión del Año Internacional de la Juventud. *A Santa Sé*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1985/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_31031985\\_dilecti-amici.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1985/documents/hf_jp-ii_apl_31031985_dilecti-amici.html)>. Acesso em: 4 de mar. de 2020.

JOÃO PAULO II. Carta Tertio Millenio Adveniente, 1994. *A Santa Sé*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)> Acesso em: 01 de jul. de 2019.

LIVRO TOMBO Nº 2. Paróquia Nossa Senhora da Glória da Catedral de Maringá (1969-2019).

MACHADO. Ana Paula. Halle reúne 40 mil pessoas em Maringá In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 03, 09 de set. 1998.

MASSALI, Fábio. Em nome de Deus. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá. p. D-1, 07 de nov. 2009.

MASSALI, Fábio. Música e louvor em Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-8, 05 de set. 2006.

MASSALI, Fábio. Uma presença constante. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá. p. D-2, 03 e 04 de set. 2006.

MELLO, Liliana. Hallel deve atrair 30 mil pessoas hoje. In: *O Diário do Norte do Paraná*, Maringá, p.8, 05 de set. 1998.

MONGE, Micheli. Católicos finalizam preparativos para a realização do Hallel 2007. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. A-7, 03 e 04 e 05 de nov. 2007.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Maringá, p. D-3, 02 de nov. 2012.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Maringá. p. D-1, 08 de nov. 2012.

O QUE é o Hallel. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 04, 04 de set. 1999.

PARA abençoar 70 mil pessoas. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-1, 07 de nov. 2015.

PROGRAMAÇÃO. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. B-01, 05 de set. 1998.

PROJETO Mais Vida. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-6, 18 de jul. 1997.

ROCHA, Elvio. Hallel deve receber 50 mil pessoas hoje. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 10, 03 de set. 2000.

ROCHA, Silvio. Hallel reúne 50 mil cristãos em Maringá, In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 03, 04 de set. 1999.

ROSA de Saron tocará no Hallel Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. p. D-3, 07 de nov. 2014.

SHOW da fé em Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-1, 03 e 08 de nov. 2008.

VIOLA, Cláudio. Evento Hallel pretendem reunir 30 mil em Maringá. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p.4, 03 de set. 1998.

## Músicas

BRADO, Thiago. Não desista. In: *Vagalume*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/thiago-brado/nao-desista.html>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

COMUNIDADE COLO DE DEUS. Yeshua. In: *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/comunidade-catolica-colo-de-deus/yeshua/>>. Acesso em: 15 de out. de 2019

DUNGA. Eu te chamo de Jesus. In: *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/dunga/476454/>>. Acesso em 19 de julho de 2020.

MINISTÉRIO DE ADORAÇÃO. Em teu altar. In: *Letras*: <<https://www.letas.mus.br/ministerio-adoracao-vida/1428544/>>. Acesso em 19 de julho de 2020.

ROSA DE SAROM. Cartas ao remetente. In: *Letras*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/rosa-de-saron-musicas/cartas-ao-remetente/>>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

## Bibliografias

ALVES, André Luis Centofante. *A gestão social na atividade educacional religiosa: o caso da Hallel Escola no Brasi*. 2016, 200f Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2016.

ARAUTOS MARINGÁ. Associação internacional de fiéis de direito pontifício. *Arautos*. Disponível em: <<http://maringa.arautos.org/>>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Início. *Arquidiocese de Maringá*. Disponível em: <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/>>. Acesso em: 08 de jul. de 2020.

BARBOSA, Everton; PEÑA, Luciana. *Jaime uma história de fé e empreendedorismo*. DNP, Maringá, 2011.

BEOZZO, José Oscar. *Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia 1959-1965*, 2001, 493f. Tese (Doutorado História) Universidade de São Paulo, São Paulo- 2001.

BOSCH, David J. *Missão transformadora, mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS:EST, Sinodal, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. 2, Ed. São Paulo, brasiliense, 1985.

CÂMARA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Mesa Diretoria. *Câmara*. Disponível em: <<http://www.cmm.pr.gov.br/?inc=camara>>. Acesso em: 15 de maio de 2020

CAMURÇA, M. A. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & letras, 2009, p. 59-78.

CARRANZA DÁVILA, Brenda Maribel. *Renovação Carismática Católica: origem, mudanças e tendências*. Dissertação de Mestrado UNICAMP, 1998 Campinas.

CARRANZA, B.; MARIZ, C. Novas comunidades católicas: por que crescem? In: \_\_\_\_ (Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & letras, 2009, p. 139-170.

CASAMENTOS.COM. Salão de casamentos Sociedade Rural de Maringá. *Casamentos.com*. Disponível em: <<https://www.casamentos.com.br/salao-casamento/sociedade-rural-de-maringa--e235819>>. Acesso em: 15 de maio de 2020

CERTEAU, Michel de. *La debilidade de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006.

CNBB REGIONAL OESTE 2. IAM. *CNBBO2*. Disponível em: <<https://www.cnbbo2.org.br/organismos/infancia-missionaria/>>. Acesso em: Acesso em: 8 de jul. de 2020.

CNBBO2. IAM. *CNBB Regional Oeste 2*. Disponível em: <<https://www.cnbbo2.org.br/organismos/infancia-missionaria/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

CNBBSUL2. Pastoral dos Surdos. *CNBB Regional Sul2*. Disponível em: <<https://cnbbs2.org.br/pastoral-dos-surdos/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

DIOCESE DE UMUARAMA. Feriado de carnaval é marcado por vários acampamentos na Diocese de Umuarama. *Diocese de Umuarama*. Disponível em: <<https://site.diocesedeumuarama.org.br/feriado-de-carnaval-e-marcado-por-varios-acampamentos-na-diocese-de-umuarama/>>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2008.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *A presença do Hallel em Maringá- PR (1995-2015)*, Maringá 2015/2016, 48 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Festa e Religiosidade: reflexões acerca do Hallel (Maringá/PR; 1995-2016)* Maringá. 49 p. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

EXPOINGÁ. Home. *Expoingá 2021*. Disponível em: <<http://expoinga.com.br/2021/>>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FGV CPDOC. Ação Católica Brasileiras. *FGV CPdoc* Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb>>. Acesso em: 16 de abr. de 2020.

GARUTTI, Selson. *O Poder Do Anel Na Diocese De Maringá*. 2006, 111f. Tese (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo – 2006.

GONZAGA, Giovane Marrafon. *Memórias, notícias e espaços a presença das religiões Afro-Brasileiras em Maringá-PR (2000 - 2014)*, 2018, 157f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá, Maringá- 2018.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. Orgs. *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo : Hucitec : EDUSP : FAPESP : Imprensa Oficial do Estado , 2001.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

IBGE. Atlas do Censo Demográfico 2010. *Censo 2010*. Disponível em: <[https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf)>. Acesso em: 11 de set. de 2019.

JÚNIOR, Olavo Rodrigues de Araújo; PREISS, Lincoln. Hallel de Maringá. p.135-138. In: SILVEIRA, Maria Theodora Lemos. (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos! uma história a ser contada e cantada*. Franca: Hallel, 2007.

LAURIOCIO, Jeronimo. Querigma. *Paulus*. Disponível em: <[https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn\\_gYIhKjIU](https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn_gYIhKjIU)>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

LE BRETON, David. La espiritualidad del silencio. In: *El Silencio*. Segunda edición: Ediciones sequitur, Madrid, 2006, p.135-182.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. 2, Ed, São Paulo, Editora contexto, 2008.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In: *Tempo Social*. versão On-line. v.17 n.2 São Paulo nov. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320702005000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702005000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 5 de mar. de 2020. .

MORIN, Edgar. O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. tradução Juremir Machado da Silva. 6 ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; ROLLO, José Henrique (org). Maringá e o Norte do Paraná: *estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

MOVIMENTO CURSILHO DE CRISTANDADE DO BRASIL. Nossa Missão. *MCC*. Disponível em: <<https://www.cursilho.org.br/>>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO. Nossa história. *MFC*. Disponível em: <<http://www.mfc.org.br/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

PIERUCCI, Antônio Fávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. In: *Estudos Avançados*, p,17,28, 2004.

POLLAK. Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projetos*. História, São Paulo, (14), fev. 1997a.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projetos*. História, São Paulo, (14), fev. 1997a.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projetos*. História, São Paulo, (14), fev. 1997b.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: A arte multivocal da história oral. In: *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998

RCCMARINGÁ. Quem somos. *RCC*. Disponível em: <<http://www.rccmaringa.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

RIGON, Angelo. Projeto Mais Vida é declarado utilidade pública. *Maringá News*. Disponível em: <<https://angelorigon.com.br/2015/11/14/projeto-mais-vida-e-declarado-de-utilidade-publica-estadual/>>. Acesso 15 de maio de 2020

SILVEIRA, Maria Theodora Lemos. (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos!* uma história a ser contada e cantada. Franca: Hallel, 2007.

SMITH, Wilfred Cantwell. La religion comparada: ¿Donde y por que? In: *Metologia de la historia de las religiones*. Mircea Eliade; Joseph M, Kitagawa (org). Trad, Saad Chedid e Eduardo Masullo, Buenos Aires: Paidós, 1967, p.53 – 85.

SSVP. Home. *A Sociedade de São Vicente de Paulo*. Disponível em: <<https://ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. Editora Vida. Edição do Kindle.

TELLES, Sidnei. Home. *Sidnei Telles*. Disponível em: <<http://www.sidneitelles.com.br/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

TOMAZI, Nelson Dacio. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do Estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; ROLLO, José Henrique (Org.). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999.

ULISSES MAIA. Home. *Ulisses Maia*. Disponível em: <<https://ulissesmaia.com.br/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

## APÊNDICE

### Apêndice 1- Modelo perguntas

Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Residência: ( ) Maringá ( ) Outras cidades. Qual? \_\_\_\_\_
4. Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior completo
5. Profissão: \_\_\_\_\_
6. Participa do Hallel com que frequência?  
( ) todos os anos ( ) de maneira irregular ( ) é a primeira vez que vem
7. Como soube do Hallel? \_\_\_\_\_
8. Religião: \_\_\_\_\_
9. Você participa ou já participou de outras religiões? Não ( ) Sim ( )  
Quais? \_\_\_\_\_ -
10. Das atividades oferecidas pelo Hallel, de qual você mais gosta?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
11. Quais módulos você frequenta?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
12. Na sua opinião, qual o aspecto mais importante do Hallel?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ -
13. O que o Hallel significa para você?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
14. Você faz pedidos ou já teve graças alcançadas no Hallel?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
15. Você participa do Bênção Final? Por quê?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
16. Hallel é sinônimo de: \_\_\_\_\_

**Muito obrigada pela sua atenção!**

## Apêndice 2- Roteiro para entrevista

- 1- Qual o seu nome e sua idade?
- 2- Qual sua profissão?
- 3- Há quanto ou por quanto tempo você participa/participou do Projeto Mais Vida?
- 4- Você poderia me falar sobre o Projeto Mais Vida e como conheceu esse movimento?
- 5- Você participa ou participou de outros movimentos ou pastorais dentro da Igreja? Quais?
- 6- Há quanto ou por quanto tempo você colabora ou colaborou com a organização do Hallel?
- 7- Qual é a parte de organização que é ou lhe foi atribuída?
- 8- Como surgiu a ideia de realizar o Hallel na cidade de Maringá?
- 9- Como surgiu a proposta do Projeto Mais Vida de organizar o evento?
- 10- Como foi escolhido o espaço para realizar o Hallel?
- 11- Existe algum custo para realizar o Hallel no Parque de Exposições?
- 12- Essa configuração em módulos que o Hallel de Maringá tem é característico de todos os Hallel(s) (Franca, Aparecida do Norte, Brasília, entre outros)? Como é feita a escolha dos módulos?
- 13- Como você percebe a recepção dos participantes em relação aos módulos?
- 14- Como são definidos os temas do Hallel?
- 15- E as atrações, como são definidas?
- 16- O Hallel é um evento gratuito. Vocês podem me dizer como funciona o custeamento?
- 17- Eu percebi que o primeiro Hallel foi organizado em julho de 1995, depois houve mudanças para setembro, outubro, novembro. Tivemos um em dezembro e agora voltou a ser em setembro. Por que essas mudanças e quais são as questões que vocês ponderam ao escolher a data do Hallel?
- 18- O que te leva ou levou a fazer parte da organização do Hallel de Maringá?
- 19- A seu ver, qual é o aspecto mais importante do Hallel?
- 20- Eu vi recentemente que o Hallel de Londrina terá a 10ª edição, mas eles não realizam o evento desde 2015. Aqui na cidade de Maringá o Hallel foi realizado todos os anos desde 1995, só não encontrei informações do evento de 2002 n' *O Diário*. Mas percebo que existe essa constância de se realizar todos os anos o evento aqui na cidade. Como vocês acham que foi possível consolidar assim o Hallel daqui, considerando que com Franca e Brasília são os três maiores do Brasil?
- 21- Vocês poderiam falar sobre como é divulgado o evento?
- 22- Eu sei que o *Diário* geralmente publica algumas matérias sobre o Hallel. Essas matérias são patrocínios?
- 23- A maioria dos participantes é jovem. Qual é a importância da juventude na religião?
- 24- A faixa etária dos participantes do Hallel é em sua maioria entre 16-25 anos, mas observamos outras faixas etárias. O que vocês acreditam que eles procuram no Hallel?
- 25- Outra característica do Hallel é a grande quantidade de pessoas que não moram em Maringá. Ao que vocês atribuem essa procura tão grande de pessoas de outras cidades?
- 26- Levando em consideração esse grande fluxo de pessoas que vêm de outras cidades para Maringá, existe algum apoio da prefeitura?
- 27- O Hallel é um evento de música católica. Como vocês percebem a importância da música no catolicismo?

- 28- Qual é a importância dos movimentos leigos na Igreja católica?
- 29- Como vocês percebem a relação da Igreja e da Arquidiocese com o evento?
- 30- Para você, o que significa realizar o Hallel?

### Apêndice 3- Quadro Hallel Maringá 1995-2019

#### Quadro Hallel: Edições, datas e temas

<b>Edição</b>	<b>Ano</b>	<b>Data</b>	<b>Tema</b>
1 <sup>a</sup>	1995	30 de julho	Amar é a canção que liberta
2 <sup>a</sup>	1996	14 de julho	A alegria de sermos um
3 <sup>a</sup>	1997	20 julho	O amor é a resposta
4 <sup>a</sup>	1998	6 de setembro	O espírito dá a vida
5 <sup>a</sup>	1999	5 de setembro	Pai, em tuas mãos...
6 <sup>a</sup>	2000	3 de setembro	Trindade, o eterno encontro
7 <sup>a</sup>	2001	2 de setembro	Um convite à alegria
8 <sup>a</sup>	2002		Lançar as redes em águas mais profundas
9 <sup>a</sup>	2003	6 e 7 de setembro	Eu te chamo pelo nome
10 <sup>a</sup>	2004	4 e 5 de setembro	Levanta-te e anda, ainda tens longo caminho a percorrer
11 <sup>a</sup>	2005	3 e 4 de setembro	Eu vos dou a minha paz
12 <sup>a</sup>	2006	2 e 3 de setembro	Ide e fazei discípulos
13 <sup>a</sup>	2007	10 e 11 de novembro	Teu amor me faz vencer
14 <sup>a</sup>	2008	8 e 9 de novembro	Aposta na Vida
15 <sup>a</sup>	2009	7 a 8 de novembro	O amor calando as armas
16 <sup>a</sup>	2010	13 e 14 de novembro	Meu Senhor e meu Deus
17 <sup>a</sup>	2011	5 e 6 de novembro	Vida que brota da vida
18 <sup>a</sup>	2012	3 e 4 de novembro	Por suas chagas somos curados
19 <sup>a</sup>	2013	9 e 10 de novembro	Com os pés no chão e os olhos no céu
20 <sup>a</sup>	2014	8 e 9 de novembro	Teu amor nos faz livres
21 <sup>a</sup>	2015	7 e 8 de novembro	Eis-me aqui envia-me
22 <sup>a</sup>	2016	3 e 4 de dezembro	Sementes de uma nova geração
23 <sup>a</sup>	2017	4 e 5 de novembro	Fazei tudo o que ele vos disser
24 <sup>a</sup>	2018	29 e 30 de setembro	Em Cristo somos todos irmãos
25 <sup>a</sup>	2019	5 e 6 de outubro	Enviados e Batizados

Elaboração: EMERENCIANO DA SILVA (2020)



## PROGRAMAÇÃO DO HALLEL MARINGÁ

Palco Central	
08h	<b>Missa celebrada por Dom Anuar Battisti</b> (Animação: Coral Arquidiocesano)
10:00	Gracielle Castiglioni
10:50	Coral Arquidiocesano de Maringá
11:40	Grupo Chamas
12:30	Thiago Brado
13:20	Wilson Rocha
14:10	Banda Capella
15:00	Via 33
15:50	Adriana
16:40	The Flanders
17:30	Banda Vencedora do Festival Hallel Novo Som
17:50	Ceremony
18:40	Dj Léo Guimarães - ElectroCristo
19:50	Rosa de Saron
21:20	M.A.V – Ministério Adoração e Vida
22:20	ENCERRAMENTO com a bênção do Santíssimo Sacramento

**ATENÇÃO:** Cuidado com a pirataria, o Hallel Maringá só comercializa camisetas com sua marca. Outros tipos de produtos comercializados por ambulantes não tem autorização e prejudicam o evento.

Capela do Silêncio	
10h	Abertura
10h às 18h	Adoração em Silêncio
18h	Encerramento

Módulo Confissão	
12h	Abertura
12h às 18h	Vários padres em todo período
18h	Encerramento

Módulo RCC		
10h	Abertura	Miguel Machinski Junior
10:30	A força da unidade vem da cruz	Alex Chaves
11:30	Teu amor nos faz livres	Edilson Gonçalves de Souza
12:30	Celebra a Vitória	Geraldo Grabosque
13:30	Deixai-vos conduzir pelo Espírito Santo	Maciel Szililo
14:30	Adoração e oração por cura e libertação	Ministério Arquidiocesano (Valmir Freire)
16:30	Celebração Missa	Pe. Marcos Andre
18h	Encerramento	Miguel Machinski Junior

Módulo Maria		
11:30	Devoção de São Lucas à Nossa Senhora	Patrícia Quijo
12:30	Devoção de São João Paulo II à Nossa Senhora	Sidnei Telles
13:30	Devoção de Santa Terezinha à Nossa Senhora	Juliana Morigi ( Raio de luz)
14:30	Devoção de Santa Rita a Nossa Senhora	D. Maria Vendrame ( Paigandu)
15:30	Devoção de São Francisco à Nossa Senhora	Pe. Rodrigo Gutierrez
16:30	Devoção de São José a Nossa Senhora	Clicia Ruzon
18h	Missa Sertaneja	Pe. Ademir Lourenzeti

Módulo Som da Terra	
10h	Cláudio Lima
11:20	Douglas e Guilherme
12:40	Banda Divina Graça
14h	Emerson Laines
15:20	Danças de fé e tradição (CTG Rincão Verde)
15:50	Leandro Ávila
17:10	Estância Divina

Módulo Acampamento	
10h às 13h	Atividades diversas
14h	Partilhando a vida The Flanders
15h	Santa Missa Pe. José Miranda
17h	Testemunho Wilson Rocha

Módulo Namoro		
10h	Tempos de Descoberta	Via 33
11h	A linguagem do amor	Dj Léo Guimarães - Electro-Cristo
12h	Ame-se para amar	Alici Filho e Banda God's People
13h	O que eu espero do outro	Jacinto Mala
14h	Ninguém pode dar aquilo que não tem	Gracielle Castiglioni
15h	Namoro: Desafio para jovem cristão	Wilson Rocha
16h	Homem e Mulher: Olhando para as nossas diferenças	Anna Christina Soares e Claudemir Soares - Comunidade Arvorear
17h	Cuida do teu coração para saber cuidar e deixar ser cuidado	Olavo Rodrigues Araujo Jr.

Módulo da Família		
10h	Família: Mandamentos de amor	Grupo Chamas
11h	Família: Princípios que ainda vale a pena	Diac. Jair Beneia
12h	Confiança na adversidade	Gracielle Castiglioni
13h	Família: um sonho de Deus pra gente viver	Frei Zeca
14h	Mãe da providência	King David
15h	Perdoar é amar	Pe. Luiz Carlos Azevedo
16h	O homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e serão uma nova família	Olavo Rodrigues de Araujo Jr.
17h	Família: O Alicerce do amor de Deus	Everton Barbosa

Capela Louvor	
10h	Frei Zeca
11h	Adriana
12h	Banda Capella
13h	Grupo Chamas
14h	Roger Naves
15h	Andrea Salles
16h	D. Maria Vendrame ( Paigandu)
17h	Ministério Adoração e Vida
18h	Thiago Brado
19h	Gracielle Castiglioni
20h	Polyana Demori
21h	Missionário Marcelo Fogaça Leite

Módulo Mães que Enganlizam		
10h	Acolhimento	Grupo Fanuel
11h	Mini Curso de LIBRAS/ Orações	Pastoral Surdos
12h	Teço em Libras	Pastoral Surdos
13h	Momentos de oração – Cura Interior	(G) Geração Renovada em Cristo
13:30	Jovem livre em Deus	– Vinicius Dumont/ Garça/SP
15h	Missa com módulo Acampamento	Pe. José Miranda
16:30	Vida nova em Cristo	Ministério Nova Direção
17:30	Deus te chama à caminhar	Alici Filho e Banda God's People

Módulo Hallelzinho (especial para crianças)		
10h	Brincando com Fantoche	Dominguinho da Catedral
11h		
12h às 15h	Evangelizando com o Brincar	Grupo de Pós Crisma da Diocese de Maringá
16h	Brincando de Circo	CIA Teatro Expressão de Amor
17h	Missa	Pe. Marcos Andeluci

Módulo do Rock	
10:30	Tautobios
11:20	Testemunha
12:10	The Handers
13h	Kadox e Hari
13:50	AUB
14:40	EIre
15:30	Lord Metal
16:20	Pregação: Combatendo o bom combate
17:10	Efetah
18:00	Via33
18:50	Rock Revive
19:40	Ceremony

Módulo Adolescentes		
10h	O Desafio de seguir a Cristo	Andrea Salles
11h	Ninguém te despreze por seres jovem	Roger Naves
12h	A alegria do Senhor é nossa força	Via 33
13h	Eu te pertenceo Deus	Dj Léo Guimarães - ElectroCristo
14h	Mídias Sociais: Desafios para o jovem cristão	Pe. Jéferson Batista da Cruz
15h	Jovem - levanta-te	King David
16h	Novos passos quero dar	Alici Filho e Banda God's People
17h	Somos livres com teu amor	Pe. Rodrigo Gutierrez Stabel
18h	De o seu grito de Libertade	Banda Tautobios

Módulo Pregadores		
10h	Uma Nova União	Roger Naves
11h	A esperança de um céu aqui mesmo e depois	Andrea Salles
12h	Me encontrei no teu amor	Danilo (Ceremony)
13h	O céu começa em mim	Ic. Zella ( Copiosa Redenção)
14h	Foi para liberdade que Cristo nos libertou	Sidnei Telles
15h	A Pecadora Perdoada	Thiago Brado
16h	Uma vida com propósito	Pe. Ademir Lourenzeti
17h	Teu amor nos faz livres	Banda Capella
18h	Tudo é do Pai	Frei Zeca